

Português



ÍNDICE

DEMO-NOS AS MÃOS E CAMINHEMOS JUNTOS À PÁTRIA CELESTIAL <i>Diretório da Terceira Ordem, 119</i>	371
INTRODUÇÃO <i>Os temas das conferências plenárias</i>	375
O MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO E NOSSA ÉPOCA	385
O CARISMA OU PATRIMÔNIO DO INSTITUTO DO VERBO ENCARNADO	397
REINADO SOCIAL DE CRISTO – FORMAÇÃO DE DIRIGENTES LEIGOS.....	419
A ORDEM TERCEIRA SECULAR DO VERBO ENCARNADO	433
A VIDA E A FAMÍLIA: PONTOS CONCRETOS E URGENTES DA EVANGELIZAÇÃO DA CULTURA	447
O AMOR PELA IGREJA	465
A EXTENSÃO DA ENCARNAÇÃO	469
VER A VIRGEM COMO JESUS E AMÁ-LA.....	473
SANTA MISSA EM SÃO PEDRO NO VATICANO <i>Ser um leigo do IVE é ser alguém que ama e serve de verdade à Igreja</i>	477
SANTA MISSA CONCLUSIVA <i>O que será a Igreja no futuro depende se sua livre colaboração com a graça de Deus</i>	481

Português

Prólogo

DEMO-NOS AS MÃOS
E CAMINHEMOS JUNTOS À PÁTRIA CELESTIAL¹

Diretório da Terceira Ordem, 119

Autor: Pe. Gustavo Nieto, IVE

Língua original: espanhol

Queridos membros da Terceira Ordem e amigos:
Sejam todos bem-vindos!

Bendito seja Deus que nos concede este gozoso encontro com vocês, leigos e amigos do Instituto do Verbo Encarnado, vindos de mais de 58 países diferentes! É imensa a alegria de poder recebê-los e expressar-lhes pessoalmente o nosso apreço e gratidão pela sua magnífica contribuição para a causa de Cristo.

Nosso encontro se torna mais significativo pelo fato de estarmos aqui em Roma, sede do Vigário de Cristo na terra, como «uma única Família, unida pela mesma fé, os mesmos fins, a mesma missão, o mesmo carisma, a mesma índole e o mesmo espírito»². O que representa uma ocasião sem par para testemunhar juntos a nossa perfeita comunhão com a Igreja e de confessar que o nosso lema é «com Pedro e sob Pedro»³, e não temos aspirações maiores do que a de servir à propagação do Reino de Cristo.⁴

¹ SÃO LUÍS ORIONE, *Carta as Filhas da Providência 25 de Julho de 1936*, 151 e 152.

² *Diretório da Terceira Ordem Secular*, 5.

³ *Diretório da Terceira Ordem Secular*, 218; *op. cit. Constituições*, 211; cf. *Ad Gentes*, 38.

⁴ *Diretório da Ordem Terceira Secular*, 236.

Vocês – que escolheram ser o fermento que renova a humanidade desde dentro – são a resposta de Deus, sempre próximo aos homens, às inúmeras necessidades de evangelização deste mundo e um apoio insubstituível para a missão do nosso Instituto.

Porque o nosso objetivo é levar o Verbo Encarnado a todos os homens, é impregnar com o aroma de Cristo os valores da sociedade, transformar com a sua adorável presença os corações dos homens, empreender obras épicas para a sua causa, é fazer reinar o amor de Cristo nas famílias, é acender a lâmpada ardente da verdade do Verbo Encarnado nos quatro cantos deste mundo; ainda nas situações mais difíceis e nas condições mais adversas. E são vocês, as testemunhas valentes e coerentes do dever e da missão de evangelização das culturas, quem nos ajudam a levar Cristo aos lugares mais distantes; a ensenhorear para o Senhor toda a realidade, inculturando o Evangelho nos lugares mais recônditos da vida humana.

A colaboração de todos vocês, terciários e amigos, em todas as nossas missões, representa uma ajuda importantíssima e eficaz para que a missão que nos foi encomendada dentro da Igreja se expanda e chegue àqueles lugares e âmbitos mais recônditos da sociedade (e próprios da vida laical), aos quais nos seriam muito difícil chegar de outra maneira. Asseguro-lhes que sua ajuda nas nossas missões é vital.

Sem lugar a dúvidas, estes são dias de bênçãos especiais para todos. É minha oração fervorosa, por cada um, para que neste primeiro encontro internacional, dos membros da Terceira Ordem e amigos do IVE, acrescente o espírito de família entre nós e sirva de estímulo para que ao voltar a seus países continuem trabalhando com grande empenho para «ordenar os assuntos temporais segundo Deus⁵»⁶, sabendo que não estão sozinhos na missão, mas que têm toda uma Família Religiosa que os apoia e que espera grandes coisas de vocês. Porque, acredite em mim, que de leigos comprometidos como vocês, «depende em grande parte a extensão do Reino de Deus e a missão da nossa Família Religiosa no mundo»⁷. Uma vez que a estreita união das forças é a única que vale para alcançar plenamente todos os fins do apostolado do nosso Instituto e proteger eficazmente os seus bens⁸.

5 Cf. *Lumen Gentium*, 31.

6 *Diretório da Terceira Ordem Secular*, 7.

7 *Diretório da Terceira Ordem Secular*, 369.

8 Cf. *Diretório da Terceira Ordem Secular*, 236; *op.cit.* *Apostolicam Actuositatem*, 18.

Como dizia Dom Orione aos seus: «demo-nos as mãos e caminhemos juntos à Pátria Celestial. Edifiquemo-nos com o bom exemplo recíproco»⁹. Animo-vos de todo o coração a continuar testemunhando a Cristo, o Verbo Encarnado, sempre e em todo lugar.

Não poderia concluir sem antes expressar a minha profunda e sincera gratidão a todos os que organizaram este evento: sacerdotes, religiosos, Irmãs Servidoras, benfeitores e, claro, mais uma vez, a nossos queridos leigos e amigos.

Agradeço a todos pelo grande esforço que fizeram para vir. Peço-vos que ao voltarem às suas casas, levem as minhas palavras de encorajamento e grandíssimo apreço a todos os membros da Terceira Ordem que não puderam vir e o meu mais sincero agradecimento pelo apoio às nossas missões.

Invocando sobre cada um a proteção de Maria, Rainha dos Apóstolos e Estrela da nova evangelização, desejo a vocês todo bem, no tempo e na eternidade.

Em Cristo, o Verbo Encarnado.

9 SÃO LUIS ORIONE, *Carta aos Filhos da Providência 25 de Julho de 1936*, 151 y 152. Citado no *Diretório da Terceira Ordem Secular*, 119.

Português

Introdução

INTRODUÇÃO

Os temas das conferências plenárias

Autor: Pe. Andrés José Bonello, IVE

Língua original: espanhol

A Comissão que determinou os assuntos a serem discutidos nas conferências plenárias, considerou que os mesmos tem uma importância essencial para que a nossa Família Religiosa reúna em seu seio aos nossos religiosos e leigos sob o estandarte da urgente e emocionante missão da Evangelização da Cultura.

Embora tenhamos pedido a cada expositor para tratá-los livremente, dependendo da perspectiva e tom que cada um escolha, acreditamos que seria muito conveniente estabelecer antes, e escrever as razões que nos levaram a dar essa centralidade aos temas tratados.

Este escrito é o texto que oferecemos abaixo, que, apesar de já estar no “livro-guia” do *IVE Meeting*, talvez seja ainda mais útil oferecer-lo agora para introduzir estas “Atas”, dando a possibilidade de ver a conexão que existe entre um tema e outro, e podendo ser, no próximo encontro *IVE Meeting* que aspiramos realizar a cada três anos, motivo de reflexão, discernimento e exame sobre o nosso carisma.

Poderíamos reduzir para dois os objetivos a serem alcançados neste encontro: refletir sobre o que deveríamos ser, para a partir daqui, refletir sobre o que devemos fazer. De ambos nascem os temas escolhidos para as conferências plenárias.

1. Viver e anunciar o mistério da Encarnação do Verbo

O IVE Meeting é um meio para concretizar o que verdadeiramente é o nosso fim: professar, a uma só voz, nosso convicto e ardente desejo de que Jesus Cristo, Único Salvador, esteja explicitamente presente em todos os âmbitos da realidade humana, "*pois nenhum outro nome foi dado aos homens, pelo qual devamos ser salvos*"¹. Já em 1925 o Papa Pio XI notava a grande «calamidade de males que invadiu a terra, devido a maioria dos homens que se afastaram de Jesus Cristo e da sua lei santíssima, assim como em sua vida e costumes, como na família e no governo do Estado»². Declarava severamente o Papa que «nunca poderia haver esperança de paz verdadeira entre os povos, enquanto os indivíduos e nações negassem e rejeitassem o Império de nosso Salvador»³. Jesus Cristo quer reinar, "*para isso veio ao mundo*"⁴. É isso que nós lhe suplicamos nestes dias: "Reina Senhor sobre todo homem e toda a realidade humana!". Com esse desejo queremos aqui «oferecer-lhe nossas pessoas ao trabalho... para alistar-nos em seu serviço»⁵ *para que Ele reine*⁶. Fazemos isso com a total confiança e com o ânimo que nos brinda ao saber que é Ele quem chama a *todos*⁷ para «segui-lo agora na pena, e depois desfrutar com Ele em sua vitória»⁸.

A uma só voz, como uma única Família, tanto leigos como consagrados, «comprometemos todas as nossas forças para inculturar o Evangelho, ou seja, para prolongar a Encarnação em todo homem, em todo o homem e em todas as manifestações do homem»⁹. Estes dias devem ser um testemunho público de que só reafirmando a necessidade urgente do Reinado de Jesus no mundo de hoje, o homem poderá encontrar o rumo para uma esperança

1 Cfr. *Atos dos Apóstolos* 4,12.

2 PIO XI, carta encíclica *Quas Primas*, intr.

3 PIO XI, carta encíclica *Quas Primas*, intr.

4 Jo 18,37

5 Cfr. SANTO INÁCIO DE LOYOLA, *Exercícios espirituais* n. 97.

6 Cfr. 1Cor 15,25.

7 «Em seguida, dirigiu-se a todos: "Se alguém quer vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me» (Lc 9,23).

8 Cfr. SANTO INÁCIO DE LOYOLA, *Exercícios espirituais* n. 95.

9 Cfr. *Constituições IVE* n. 5

que não decepciona¹⁰ e preencha o vazio e a angústia que deixa em sua alma o ateísmo dramático do nosso tempo.

Em um mundo surdo à voz de Jesus, queremos que a nossa profissão *ressoe por toda a terra*, e para isso devemos realizá-la unidos no estreito vínculo que é Cristo, geminados n'Ele, os consagrados e os terciários e leigos amigos de nossa Família Religiosa.

Devemos passar coerentemente do que *deveremos ser*, contemplando e imitando o mistério da Encarnação, ao que *devemos fazer*, isto é, evangelizar a cultura. Para isso, os seguintes temas foram escolhidos como reflexão das conferências plenárias.

2. «Enfoque nosso apostolado no mistério da Encarnação»: os temas de reflexão sobre a essência, os meios e a urgência da evangelização da cultura

Perguntados sobre o “*estilo particular de nosso apostolado*”, lembramos que, embora seja certo que «em nosso apostolado não há nada que seja estritamente novo», mas «é algo próprio nosso haver reproposto obras que também são de outras congregações, tais como os Exercícios Espirituais, os oratórios, as missões, etc»; de qualquer maneira, não devemos esquecer que «o próprio está na centralização no mistério da Encarnação». Para verdadeiramente focar neste mistério, os temas das conferências plenárias foram estabelecidos da seguinte forma:

Primeira conferência

O mistério da encarnação e nosso tempo

Motivo e fim desta plenária

(encomendada ao Pe. Miguel Ángel Fuentes, IVE)

Enquanto, nos tempos remotos, as tentativas de negar a Encarnação eram verdadeiras, ainda que bem isoladas¹¹, São João Paulo II considera que nossa época, por outro lado, está marcada por tal negação¹². A união estreitíssima entre o humano e o Divino realizado na única pessoa de Jesus

¹⁰ Cfr. C. FABRO, *Introduzione all'ateismo moderno*, ED.IVI, Segni 20, introduzione.

¹¹ Cfr. C. BUELA, *El Arte del Padre*, LPPress, Jerusalén 2015, 469-473.

¹² JOÃO PAULO II, *Mensagem com motivo do Capítulo Geral da Ordem dos Freis Pregadores*, 28/6/2001.

Cristo, é negada hoje na tentativa contínua de separar Deus da realidade do homem, como se se tratassem de opostos. Deste modo, o mundo sobrenatural, do qual a realidade humana depende de modo absoluto, fica «relegado a um passado remoto ou a um céu distante»¹³, e por maior admiração que alguns contemporâneos professem por Jesus, «Ele segue distante»¹⁴. Na verdade – considera o Papa Magno –, Jesus Cristo não é conhecido, nem amado, nem obedecido.

A rejeição da união entre Deus e o homem operada na encarnação trouxe «consequências inquietantes». Somos testemunhas da atual *cultura de morte*, ante a qual confirmam-se as palavras proféticas de Chesterton: «tirai o sobrenatural e só permanecerá o que não é natural»¹⁵. A degradação da família e da sexualidade, o aborto, a eutanásia são o fruto de tal negação. A isso acrescenta-se que «quando se exclui ou se nega a Cristo, nossa visão do sentido da existência humana é reduzida; pois quando esperamos e aspiramos a algo inferior, a esperança dá lugar à desesperação, e alegria à depressão»¹⁶. Também uma consequência inquietante de negar a Encarnação é o «considerar a relação individual com Deus como exclusivamente pessoal e privada, de modo que o aparta dos processos pelos quais se regem a atividade social, política e econômica»¹⁷.

É necessário não acostumar-se com a cultura de morte, da destruição da família, de sociedades políticas alheias ao Evangelho. Devemos declarar batalha diante a essas realidades, e, para isso, é necessário levantar as bandeiras da Encarnação do Verbo. Pois, somente Cristo pode elevar o homem, e toda a realidade do homem, da miséria que trouxe como consequência a negação de Seu Mistério e de Sua realidade de verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.

Havendo estabelecido essa urgente convicção de afirmar e anunciar a Encarnação da Verbo, podemos entender melhor a essência daquilo que nossa Família Religiosa é chamada a ser.

13 JOÃO PAULO II, *Mensagem...*

14 *Idem..*

15 G.K.CHESTERTON, *Hereges, Capítulo 6.*

16 JOÃO PAULO II, *Mensagem...*

17 *Idem..*

Segunda conferência plenária
O carisma do instituto verbo encarnado

Motivo e fim desta plenária
(*encomendada ao Pe. Gonzalo Ruiz Freites, IVE*)

Reafirmar a Encarnação do Verbo é o que Deus quer ao suscitar nossa pequena Família Religiosa do Verbo Encarnado. Ante a dramática negação da Encarnação do Verbo, o Espírito Santo concede um *carisma*, uma graça especial recebida pelo Fundador e ordenada para a edificação de toda a Igreja, a fim de que aqueles que o recebam testemunhem com as suas vidas as virtudes próprias de Cristo ao encarnar-se: “vivendo nós as virtudes do anonadamento, da transcendência, sendo essencialmente marianos como Cristo ao encarnar-se. Deste modo, sendo «cálices cheios de Cristo que derramam por sobre os demais a sua superabundância»¹⁸, podemos impregnar de Cristo os demais homens e toda a realidade do homem. A este carisma, que se realiza primeiro na própria pessoa, para em seguida poder oferecê-lo aos demais, estão chamados todos os religiosos e também, de em um modo particular e segundo à própria condição, *os leigos da nossa Terceira Ordem Secular*, e em geral, *todo aquele que comparta a urgente tarefa da evangelização da cultura*.

E como parte essencial deste carisma inclui os leigos, é que a próxima conferência plenária será realizada.

Terceira conferência
Formação de líderes para o reino social de Cristo

Motivo e fim desta plenária
(*encomendada ao Pe. Daniel Cima, IVE*)

Devemos estar certamente «convencidos do imenso valor que tem para a vida da Igreja a santificação dos leigos»¹⁹. A partir dessa convicção, desprende-se naturalmente que o Instituto deve «*prioritariamente* dedicar-se à formação de dirigentes leigos»²⁰, «para que eles possam tratar e ordenar, segundo Deus, os assuntos temporais»²¹,

¹⁸ *Constituições*, n. 7.

¹⁹ *Constituições*, n. 176.

²⁰ *Constituições*, n. 172.

²¹ *Constituições*, n. 11.

porque não se pode realizar a evangelização da cultura se se descuidam daqueles âmbitos que lhe são próprios.

O homem por natureza procura viver em sociedade²². Precisamente «a própria natureza social do homem exige que este exprima externamente os atos religiosos interiores, entre em comunicação com os demais em assuntos religiosos e professe de modo comunitário a própria religião»²³. A religião não pode ser um fato privado, sem incidentes sociais²⁴, e Jesus Cristo não é Rei só da esfera pessoal, mas de toda a criação.

Isso envolve contar com pessoas leigas, verdadeiramente líderes na esfera temporal, que saibam direcioná-la e elevá-la ao sobrenatural.

A fidelidade ao nosso fim específico exige que os religiosos trabalhem junto com os nossos terciários, e em geral, com todos aqueles amigos leigos que estão convencidos da urgente tarefa da inculturação do Evangelho. Este aspecto comum não pode ser para nós opcional, senão que é uma «parte essencial e constitutiva do Instituto, do qual não se pode prescindir, enquanto que é a prolongação das ações do Instituto nos âmbitos próprios da vida laical»²⁵.

Os leigos, por sua vez, não devem esquecer a sua vocação para o apostolado. A eles refere-se a Constituição dogmática *Lumen Gentium* em um texto de notável contundência: «Aos leigos corresponde, por vocação própria, procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus. Eles vivem no mundo, ou seja, todos e cada um dos deveres e ocupações terrenas, e nas condições ordinárias da vida familiar e social, com a qual sua existência está entrelaçada. São chamados por Deus, para que, exercendo aí sua própria profissão, guiada pelo espírito evangélico, contribuam para a santificação do mundo a partir de dentro (...e) assim manifestem Cristo aos demais, primordialmente mediante o testemunho de sua vida, pela irradiação da fé, da esperança e da caridade.

22 Cfr. SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, I-II, q. 95, a. 4.

23 *Dignitatis humanae*, 3.

24 A modo de exemplo, a mesma instituição da festa de Cristo Rei, nascia como efeito necessário da devoção ao Sagrado Coração: «E quem não se lança a ver que já, desde finais do século passado preparava-se maravilhosamente o caminho à instituição desta festividade? Todos sabem que a autoridade e a realeza de Cristo foram já reconhecidas pelas piedosas práticas de consagrações e homenagens ao Sagrado Coração de Jesus, dirigidos por inumeráveis famílias, e não somente famílias, mas também Estados e Reinos, que cumpriram com o mesmo ato» (Pio XI, *Quas Primas*, 26).

25 *Diretório de Ordem Terceira Secular*, n.5.

Portanto, de modo singular, *a eles compete especialmente, iluminar e ordenar de tal modo as realidades temporais, a que estão estreitamente ligados, que elas sejam sempre feitas segundo Cristo e progridam e glorifiquem o Criador e Redentor*»²⁶.

Dizia Dom Orione que «hoje, quem não é apóstolo de Jesus Cristo e da Igreja é apóstata»²⁷. Por isso, queremos que estes dias sejam de profunda oração e reflexão sobre o dever apostólico dos leigos, tendo em conta que mais do que nunca, «é preciso que os leigos tomem como sua obrigação a restauração da ordem temporal, e que, conduzidos pela luz do Evangelho e pela mente da Igreja, e movidos pela caridade cristã, obrem diretamente e em forma concreta nesta ordem»²⁸.

Quarta conferência

A Terceira ordem secular do Instituto do Verbo Encarnado

Motivo e fim desta plenária

(encomendada a Irmã Mary Mother of Faith, SSVM)

Os desafios nascidos da convicção de inculturar o Evangelho eficazmente na realidade temporal, tornam necessário o trabalho comunitário, direto e explícito do leigo terciário do IVE. Sua vocação laical leva-os a certos âmbitos temporais que, por vezes, são alheios aos consagrados: deve ir «aí aonde os sacerdotes e os religiosos não podem chegar ou entrar, seja porque as suas forças não são suficientes para cumprir tantas obrigações, ou porque não são lugares congruentes ou dignos de uma pessoa consagrada, buscando, assim, levar a redenção aos âmbitos mais baixos e ocultos da realidade»²⁹. Por conseguinte, a absoluta necessidade de contar com os leigos para realizar a evangelização da cultura «é uma parte essencial e constitutiva da família do “Verbo Encarnado”, da qual a família religiosa do Verbo Encarnado não pode prescindir, enquanto prolongação da ação de ambos os Institutos nos âmbitos da vida laical»³⁰. Devem nutrir-se espiritualmente, à luz do mistério da Encarnação, para que, com as suas vidas e os seus apostolados concretos, possam impregnar do Evangelho todas aquelas realidades de que fazem parte, como a família,

26 *Lumen Gentium*, n. 31. O cursivo é nosso.

27 São LUIS ORIONE, *Cartas de Dom Orione*, 02/08/1935, Edit. Pio XII, Mar del Plata, 1952, p. 89. Citado no *Diretório de Espiritualidade do IVE*, n. 126.

28 *Apostolicam Actuositatem*, 7.

29 *Diretório da Terceira Ordem Secular*, 91.

30 *Diretório da Terceira Ordem Secular*, 5.

a sociedade política, a educação pública, o trabalho, etc. E não se trata apenas de uma identificação meramente externa com a missão dos religiosos, mas o terciário do IVE também vive em comunhão de graça através do carisma ao qual está unido, participando deste modo dos bens espirituais comuns a todos membros do Instituto do Verbo Encarnado.

Embora nem todos os participantes nesta reunião sejam parte da nossa Terceira Ordem, esta conferência lhes será útil, a fim de compreender melhor a sua essência, e orientá-los em sua mesma vocação cristã laical e no modo de testemunhar Cristo no mundo.

Quinta conferência

Vida e a família: pontos concretos e urgentes da evangelização da cultura

Motivo e fim desta plenária

(encomendada a Eduardo e Clara Maggiora, terciários IVE)

Diante da cultura da morte, o anúncio da Encarnação do Verbo opõe à cultura da vida. O terciário do IVE tem como principal dever hoje, proclamar com a sua vida e obras a defesa da família com um inestimável valor, e de toda a vida humana, desde a sua concepção até a sua morte natural. Essas verdades, admitidas em si mesmas, são ainda mais convincentes se as vemos colocadas em prática por outros. «Sendo esta [a verdade] vital e essencial para a sua existência, chega-se a ela não só por via racional, *mas também através de um abandono fiducial a outras pessoas que possam garantir a certeza e autenticidade da verdade*»³¹. Por isso, através de seu próprio testemunho de família, o casal Maggiora com seu filho Javier, vão tratar do valor da família e da vida segundo o que eles vivem concretamente.

31 JOÃO PAULO II, *Fides et ratio*, n. 33

Sexta conferência

As missões da Família Religiosa do Verbo Encarnado

Motivo e fim desta plenária

(encomendada ao Pe. Jesús Segura, IVE e Irmã Maria Stella del Mare, SSVM)

«A missão, recebida do fundador, e sancionada pela Igreja, é levar à plenitude as consequências da Encarnação do Verbo, que “é o compêndio e a raiz de todos os bens”³², em especial ao mundo amplo da cultura, isto é, à “manifestação do homem como pessoa, comunidade, povo e nação”³³»³⁴.

A evangelização da cultura deve compreender precisamente *todas as manifestações do homem, ou seja, cada cultura ...* Isto exige que aqueles que foram chamados a tal vocação «não sejam esquivos à aventura missionária», mas terão que *ir por todo o mundo*³⁵, anunciando o Evangelho a todos os homens.

E por isso se concluirá com uma apresentação da atividade missionária que a nossa Família Religiosa desenvolve nos cinco continentes. Além de tentar ser também formativo, esta exposição visa compartilhar todos juntos, como Família Religiosa que somos, todo o bem que Deus derrama através de nossos missionários, pelos quais temos grande reconhecimento por tão nobre trabalho de evangelização que realizam, alguns em terras mais distantes e em situações muito difíceis.

Conclusão

Muito brevemente descrito, o “recorrido temático” das nossas conferências foi: Começando por uma convicção real sobre a necessidade de afirmar a Encarnação, em nosso tempo (1ª conferência), devemos estar conscientes de que, para isso Deus suscita uma Congregação, inspirando um carisma a um fundador para prolongar o mistério da Encarnação (2ª conferência). Carisma que, embora consistindo essencialmente na própria identificação com o Verbo Encarnado, não pode limitar-se ao âmbito privado ou de oração, mas a esfera social deve ser explicitamente guiada pelo Evangelho contando para isso,

32 SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *In Matt. Hom.*, II, 3.

33 JOÃO PAULO II, Discurso aos homens da cultura com ocasião do jubileu da Redenção (15/12/1983), 3; OR (25/12/1983), p. 6

34 *Constituições IVE*, 32.

35 Mc 16,15.

com verdadeiros líderes católicos (3ª conferência) entre os quais se encontrará alguns que vão querer ser apontados mais diretamente, fazendo parte como membros da Terceira Ordem (4ª conferência). Esses unidos, guiado e iluminados espiritualmente pelos religiosos, deverão levar adiante a evangelização das realidades temporais, que agora é urgente especificamente em duas áreas que são: a vida e a família (5ª Conferência) hoje aprisionados por uma verdadeira cultura de morte. Não sendo estes os únicos âmbitos, mas toda autêntica manifestação humana devem ser elevada pelo Evangelho, uma última conferência tem como objetivo apresentar como a nossa pequena Família Religiosa leva adiante a obra da evangelização em seus missionários presentes nos 5 continentes (6ª Conferência).

Estes temas, apoiados pelos sermões das missas baseadas no amor pelas “três coisas brancas” (Eucaristia, a Virgem Maria, o Papa) devem ser uma luz que nos guie neste maravilhoso chamado recebido, tanto por religiosos como por leigos, a ser “uma nova Encarnação do Verbo”.

Conferências

O MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO E NOSSA ÉPOCA

Autor: Pe. Miguel Ángel Fuentes, IVE

Língua original: espanhol

Roma (Itália) 30 de julho de 2019

São Paulo afirma que “[...]tudo foi criado por Ele e para Ele” (Col 1,16). Este “Ele” se refere a Jesus Cristo. *Ele é o Centro do Universo e da História.*

A História dos homens se dividiu em duas partes no dia da Encarnação. Desde o momento em que a Virgem de Nazaré disse “Sim” ao que lhe pedia o anjo, em nome do Eterno Pai, para que fosse a Mãe de seu Filho, a história dos homens passou a ser medida por um antes e um depois. Antes de Cristo; Depois de Cristo.

Entretanto, além deste, há outro corte na História. É um corte transversal. Uma linha que começa no Paraíso, onde Deus criou Adão e Eva, e chega até o final da História com a morte do último homem. Este corte transversal também divide a história em duas partes: aqueles que estão com Cristo e aqueles que estão sem Ele ou contra Ele.

Temos assim duas incisões, que formam uma cruz: uma transversal ou horizontal; a outra perpendicular ou vertical. Cristo está presente em toda a história, porém de distintas maneiras.

Antes de sua Encarnação somente estava *prefigurado e profetizado*. Somente era possível entrevê-Lo, vislumbrá-Lo, pressenti-Lo, sonhar com Ele, desejá-Lo.

Depois dela está *encarnado*: tem corpo e alma humana. É possível vê-Lo, tocá-Lo, ouvi-Lo, palpá-Lo, beijá-Lo, abraçá-Lo, e também O ferir, golpear e matar. São João apóstolo em sua velhice recordava que ele e os demais discípulos do Senhor haviam “tocado” ao Verbo da Vida, feito carne; haviam visto e ouvido a Ele. Falavam, por isto, que O conheciam por experiência própria.

Porém tanto antes como depois da Encarnação é possível possuí-Lo no coração pela fé e pelo amor; e podemos rechaçá-Lo pela incredulidade, indiferença e inclusive pelo ódio.

Estas duas coordenadas nos dão, pois, uma situação complexa no momento de distinguir aos homens. Há aqueles que viveram antes e aqueles que viveram depois da Encarnação e Nascimento de Cristo. No entanto, há também os que estiveram já unidos a Ele pela esperança e uma fé que se orientava ainda entre nuvens e trevas, como os patriarcas e profetas do Antigo Testamento; e os que estão unidos a Ele pela fé luminosa do Novo Testamento e a caridade ardente que brota do Coração Eucarístico do Senhor. E há os que rechaçaram e mataram os profetas que lhes falavam deste Messias-Cristo que viria e profanavam os sacrifícios antigos que O prefiguravam e desobedeciam aos mandamentos que preparavam os corações para poder recebê-Lo quando viesse; e estão os que agora dão as costas a este Cristo patentemente presente em suas vidas, este Cristo que lhes diz, como disse a seus adversários: “E vós não quereis vir a mim para que tenhais a vida (...) [Vós] não me recebeis” (Jo 5, 40. 43a)

Santo Agostinho, tratando de desentranhar este mistério que nos configura e envolve, disse que neste mundo somente existem *Duas cidades, Dois povos. A Cidade de Deus e a do Mundo*. A dos homens de Deus e a dos mundanos. A dos que pertencem a Cristo e a dos que estão contra Cristo.

A cidade de Deus começou no Céu, com os anjos que permaneceram fiéis a Deus, e fincou raízes nesta terra quando Abel, o primeiro mártir, morreu por amar a Deus e oferecer-Lhe sacrifícios puros, oferendas que, por sua limpeza e frescor, despertavam a inveja e o rancor de seu irmão homicida. Nesta cidade permaneceu todo o povo de Deus, antes da Encarnação e depois dela, mas sempre em vistas do Cristo Encarnado.

Antes de encarnar-se O olhavam entre véus, nos vaticínios e figuras proféticas, e O esperavam, desejavam, suspiravam e buscavam. Quantos nomes destes ilustres cidadãos ouvimos com frequência: Abel, Henoc, Noé, Abraão, Sara, Isaac, Moisés, os profetas...! E muitíssimos outros santos do Antigo Testamento: reis, caudilhos (capitães de guerra), heroínas, rainhas, simples pastores e donas de casa cujos nomes nos transmitiram os Livros Sagrados! E muitos outros que somente Deus conhece, inclusive de outros povos - como Jó – aos que, por canais que somente Deus sabe, fez chegar sua graça, que é sempre graça de Cristo! Estes, dizem Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, já possuíam a fé em Cristo, mas era a fé no *Cristo que viria*. Com a Encarnação, nesta Cidade de Deus entraram rios de homens e mulheres que creem, agora, no *Cristo que já veio, já deu sua vida por nós e ressuscitou, e voltará ao fim dos tempos para culminar sua obra julgando os vivos e os mortos*. Até que tudo seja posto debaixo de seus pés, como disse São Paulo (Ef 1, 22), ou seja, até que reine sobre todos e sobre tudo.

A Cidade Mundana começou com os anjos que se rebelaram contra Deus, transformando-se em demônios, e continuou com todos os que não preferido a si mesmos acima de Deus. Aqueles que antes da Encarnação fecharam seus ouvidos aos profetas que lhes anunciavam o Messias que viria, e os perseguiram e mataram. Aqueles que se rebelaram uma e outra vez contra os patriarcas e contra todos os que em nome de Deus tratavam de guiá-los até a pátria do céu. São aqueles dos quais disse Deus no Salmo: “Durante quarenta anos desgostou-me aquela geração, e eu disse: É um povo de coração desviado, que não conhece os meus desígnios.” (Sal 94, 10) Esta cidade segue tendo hoje seus cidadãos: são todos os que, ainda conhecendo a Cristo, e inclusive estando alguns deles batizados, vivem como se Ele não fosse Deus, ou como se não houvesse encarnado, ou como se sua Lei não tivesse um valor absoluto.

Santo Agostinho diz que a Cidade do Mundo foi construída pelo amor a si mesmo até o desprezo de Deus (*amor sui usque ad contemptum Dei*). A ela pertencem, pois, todos os que antes e depois da Encarnação amaram mais a si mesmos que a Deus. Os que viveram antes da Encarnação, tratando – consciente e inconscientemente – de impedir sua vinda. Os que nasceram depois da Encarnação, tratam de frustrar a transformação e divinização do mundo que é a obra salvífica da Encarnação.

A Cidade de Deus, ao contrário, foi construída pelo amor a Deus até o desprezo de si mesmo (*amor Dei usque ad contemptum sui*). A ela pertenceram e pertencem todos os que amam a Deus mais que a si mesmos e que se guiam pelo amor e pela lei de Deus. Aqueles que viveram antes da Encarnação trataram de prepará-la e acelerá-la com seus sacrifícios e orações, como os que rezavam gemendo com Isaías: “Que os céus, das alturas, derramem seu orvalho, que as nuvens façam chover a vitória; abra-se a terra e brote a felicidade e ao mesmo tempo faça germinar a justiça!” (Is 45,8). Os que nasceram depois da Encarnação lutam para que Ela transfigure todas as realidades humanas até que tudo reflita a Cristo e a sua graça.

A Encarnação, pois, é o centro de tudo. É o olho da tormenta. É o campo de todas as batalhas. É “a bandeira de contradição”, como a chamou Simeão ao receber o Menino dos braços de Maria. A “pedra de tropeço” segundo as palavras do ancião, na qual se dividem os homens. Uns se levantam sobre ela, outros tropeçam nela. Mais adiante o mesmo Jesus diria: “Quem não está comigo está contra mim; e quem não ajunta comigo, espalha” (Mt 12,30). Os olhos de Maria se turvaram com lágrimas ao ouvir as palavras pronunciadas sobre seu Filho pelo velho Simeão, mas como jovem mãe e valente, apertou-o forte contra o peito e se apresentou para ser desprezada com Ele e para ser atravessada pela mesma espada que se levantaria contra Ele. Rainha das Sete Espadas. Corredentora. Escudo do Filho Encarnado.

Quando dizemos “Encarnação”, dizemos que o Verbo de Deus se fez homem verdadeiro. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. A Segunda Pessoa da Santíssima Trindade assumiu a natureza humana para oferecê-la em sacrifício voluntário, até a última gota de Sangue, pelos pecados de todos os homens; para que esse Sangue purifique as consciências de todos os homens, não importa quantos nem quais pecados hajam cometido. E aconteceu desta forma para redimir os homens da escravidão do pecado, do demônio e da morte em que suas culpas os haviam aprisionado.

Compreende-se, pois, que quem tem os homens baixo seu poder, o Diabo, se oponha com todas as forças possíveis à Encarnação libertadora. Porque a luta do Verbo Encarnado é propriamente contra o Diabo e contra os que este associa às suas tropas. A ele, o Apocalipse o chama “o sedutor do mundo inteiro” (Apoc 12,9); e a Carta aos Hebreus “senhor da morte” (Heb 2,14).

O Apocalipse o descreve reunindo o exército de homens e demônios para fazer guerra, colocar tropeço e aniquilar a obra do Cordeiro de Deus, que é o Verbo Encarnado. Aos que se juntam a este exército opositor à Encarnação são chamados por São João “filhos do Diabo”, e os que eles combatem, são “os filhos de Deus”: “É nisto que se reconhece quais são os filhos de Deus e quais os do demônio: todo o que não pratica a justiça não é de Deus, como também aquele que não ama o seu irmão” (I Jo 3,10). Porque o Diabo é verdadeiro chefe. São João diz que são seus todos os pecadores: “Aquele que peca é do demônio, porque o demônio peca desde o princípio” (I Jo 3, 8).

A frase mais explícita desta oposição à Encarnação a encontrei em dois dos autores mais lidos de nosso tempo, os pais da escola filosófica que mais contribuiu para a revolução cultural que empurrou nossa civilização para a devastação cultural atual e para a agonizante situação antinatural na qual vivemos tiranizados no nosso tempo. São os dois principais mentores da escola marxista de Frankfurt; Max Horkheimer e Theodor Adorno, os quais em sua obra mais emblemática afirmam com toda claridade: “A humanização de Deus em Cristo é o *próton pseudos*”¹. Esta expressão está posta assim no original, em grego. Eles a encontraram provavelmente em uma obra de Freud, *Projeto para uma psicologia científica* (1895), e este, por sua vez, a tomou de quem verdadeiramente a criou, Aristóteles². Com esta frase, o antigo filósofo grego, se referia àquela premissa de um silogismo (raciocínio), que, sendo ela falsa, induz a conclusões necessariamente falsas. *Protón pseudos* quer dizer, em efeito, “primeira falsidade” ou “falsidade original”. É esse erro, disparate ou mentira que, uma vez aceito, levará a nos enganarmos em todas as coisas que tratemos de deduzir a partir dele. Assim, por exemplo, se eu parto de uma afirmação falsa como, por exemplo, “os homens são árvores”, tudo quanto eu tente deduzir a partir disso será falso: direi que João é homem, portanto é feito de madeira; e que Maria, sendo também um ser humano, deve ter ramos ao invés de braços, como toda árvore; e que Pedro, se é homem também,

1 HORKHEIMER – ADORNO, *Dialéctica de la Ilustración*. Fragmentos filosóficos, Ed. Trotta, Madrid (1998), 222.

2 ARISTÓTELES, *Primeros analíticos*, libro II, cap. 18, 66a, 16. Probablemente “Según Anderson (1962) (Estudios acerca de la prehistoria del psicoanálisis) Freud la toma del médico vienés Max Herz que había empleado esta frase, dentro de un contexto similar, en una monografía suya leída ante la “Sección de neurología” [de la que Freud era secretario] de un congreso científico celebrado en Viena en 1894 (cf. Carta de Freud a Fliess del 7 de febrero de 1894)” (Juan Bauzá).

se quebrará e queimará como todas as árvores de madeira; e que Rosa, também da raça humana, não pode ter pés senão raízes... Assim, a afirmação “os homens são árvores” é o *protón pseudos*, a falsidade original, que fez com que todos os meus raciocínios sobre os seres humanos fossem desatinados.

Ao dizer, pois, que a Encarnação é o *protón pseudos*, a falsidade original, Horkheimer e Adorno proclamam que tudo quanto foi ensinado pelo Cristianismo, que brota da fé na Encarnação do Filho de Deus, é falso e mentiroso, e que para estar na verdade é preciso negar a Encarnação e combater tudo o que haja surgido dela. Não percamos de vista que não estamos falando de filósofos transtornados, senão de dois dos autores mais prestigiados e respeitados do século XX, em cujas águas hão bebido e seguem bebendo os principais movimentos filosóficos e culturais do último século.

Não deve estranhar-nos. O que eles dizem já estava no núcleo da primeira oposição à Fé Cristã, a qual tiveram que enfrentar em seu tempo os Apóstolos e os primeiros Padres da Igreja: a heresia do Gnosticismo anticristão. São João Paulo II o recordou com toda valentia e claridade, em 1986, ante o corpo acadêmico da Universidade de Lyon, na qual muitos dos catedráticos eram gnósticos: “a Gnosis (foi) uma das primeiras contestações radicais do cristianismo”. Contestação radical! Quer dizer, “oposição total”. E acrescentou: “Quem ousará dizer que a tentação gnóstica já não é um obstáculo para a Igreja? O ensaio de interpretação do cristianismo por filósofos como Hegel foi em verdade uma maneira de esvaziar a fé cristã de sua substância, interpretando o *anonadamento* (abaixamento) do Filho de Deus [*a Encarnação*] como perda da identidade de Deus, e a anulação do abismo entre Deus e sua criatura”³. O Papa santo via em Hegel a continuação desta Gnosis contrária à Encarnação. Hegel, o mais influente dos filósofos modernos... o mestre dos anteriormente mencionados Horkheimer e Adorno, e, do exército de seus discípulos. Ele é a fonte da qual bebem o marxismo cultural, o feminismo intolerante, as correntes materialistas de nosso tempo e a *ideologia de gênero*, que é a mais radical das subversões antropológicas, o “não-se-pode-ir-além” dos erros anti-humanos e anti-metafísicos.

3 SAN JUAN PABLO II, Discurso al cuerpo académico de la Universidad de Lyon, 7-10-1986, n. 5.

Não deve, pois, estranhar-nos que todos os combates teológicos – que são os únicos realmente importantes – passem pela Encarnação. São Leão Magno dizia que “quase nenhum (herege) foi enganado sem ter abandonado a fé na verdade das duas naturezas associadas a única pessoa de Cristo”⁴, ou seja, a Encarnação. Ali se cruzam todos os sabres(espadas). E isto é assim, não desde o “Sim” de Maria que abriu as portas do mundo ao Verbo Divino, senão que desde o Preanuncio deste “Sim” no começo do tempo, quando Deus disse: “Porei ódio entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gên. 3,15). E inclusive antes, quando, como disse o Apocalipse “Houve uma batalha no céu. Miguel e seus anjos tiveram de combater o Dragão. O Dragão e seus anjos travaram combate” (Apoc 12,7). Porque os Padres da Igreja já afirmaram que o Dragão e seus anjos se rebelaram quando Deus lhes revelou a futura Encarnação, isto é, que seu Filho Eterno assumiria uma natureza criada, porém seria a natureza *humana*. Alguns anjos se negaram a adorar uma natureza inferior à sua, ainda quando esta estivesse hipostaticamente unida a Deus. O Apocalipse, antes de descrever a batalha entre São Miguel e o Dragão, nos diz que este está espreitando a Mulher a ponto de dar à luz, para devorar a seu Filho (Apoc 12,4). Esse Filho é o Verbo Encarnado. A batalha começa para defender o Filho da Mulher, o Filho de Deus, odiado por este Dragão, que o Autor do Apocalipse identifica dizendo que é “a antiga Serpente, o chamado Diabo e Satanás, o sedutor do mundo inteiro” (Apoc 12,9). “Sua luta encarnizada com Cristo e contra a obra da Redenção – disse um célebre teólogo do século passado – nos permite inferir que Satanás se resistiu a reconhecer a supremacia de Cristo, a reconhecer que Cristo, o Filho de Deus encarnado, é o coração e a cabeça da Criação”⁵.

Entretanto se sempre foi assim, nosso tempo está conhecendo uma intensidade inaudita. No ano 2001, o Papa João Paulo II recordava aos dominicanos que sua ordem havia sido fundada por Santo Domingos de Gusmão para combater precisamente uma das tantas formas “recorrentes” do Gnosticismo anticristão. “A ideia central” desta heresia, recordava o Papa, “é o rechaço da Encarnação, ao se negar a aceitar que « o Verbo se fez carne e habitou entre nós(...) cheio de graça e de verdade»” (Jo 1,14). E um pouco mais adiante continuava:

4 SAN LEÓN MAGNO, *Homilía sobre la Natividad*, VIII, 4.

5 SCHMAUS, M., *Teología Dogmática, II. Dios Creador*, Rialp, Madrid (1961), §123.

“Não cabe dúvidas de que... os grandes erros não morrem jamais, senão que se mantém em letargia por um tempo e logo voltam a aparecer sob outras formas... Vivemos em um tempo caracterizado, à sua maneira, pelo rechaço da Encarnação. Pela primeira vez desde o nascimento de Cristo, acontecido há dois mil anos, é como se Ele já não encontrasse lugar em um mundo cada vez mais secularizado. Não sempre se nega Cristo de maneira explícita; muitos inclusive dizem que admiram a Jesus e valorizam alguns elementos de seu ensinamento. Entretanto, Ele segue longe: na realidade não é conhecido, amado e obedecido; senão relegado a um passado remoto ou a um céu longínquo. Nossa época nega a Encarnação de muitos modos práticos e as consequências desta negação são claras e inquietantes”⁶.

Entre as consequências desta negação da Encarnação, o Papa mencionava a perda “do sentido da existência humana”, que leva, por sua vez, à “desesperação e à depressão”. Também falava da “profunda desconfiança na razão e na capacidade humana para captar a verdade; inclusive se coloca em jogo o próprio conceito de verdade”. Por sua vez, “já não se aprecia nem se ama a vida; por isso avança uma certa cultura da morte, com seus amargos frutos: o aborto e a eutanásia. Não se valoriza nem se ama corretamente o corpo e a sexualidade humana; daí deriva a degradação do sexo, que se manifesta em uma onda de confusão moral, infidelidade e violência pornográfica. Nem sequer se ama e se valoriza a criação mesma; por isso o fantasma do egoísmo destruidor se percebe no abuso e na exploração do meio ambiente”⁷.

Não sentimos plenamente denunciada nossa situação atual neste quadro poliédrico, cujas múltiplas faces são a negação da verdade, o rechaço da vida, a impugnação do natural, a repulsa ao sobrenatural e do eterno, a desesperação, o relativismo, a destruição do direito, o triunfo da injustiça, o reinado do efêmero e o desentendimento de todos os compromissos?

Há meio século, a revolução da pílula separou o amor da procriação; logo a revolução do divórcio separou o amor da fidelidade; ao mesmo tempo a revolução sexual separou o sexo do amor; a revolução do egoísmo separou o indivíduo da sociedade e de seus próximos, incluindo de seus filhos, aos que se assassina com o aborto, e também de seus pais, aos que se suprime com a eutanásia ou os abandona em asilos; a revolução

6 SAN JUAN PABLO II, Mensaje con motivo del Capítulo General de la Orden de los Predicadores, 28 de junio de 2001.

7 *Ibidem*.

da prosperidade separou o enriquecimento da honradez e da justiça; a revolução do feminismo radical separa a mulher do homem e até da mesma feminilidade; a revolução educativa trata de separar – e quase conseguiu – os filhos de seus pais, para entregá-los a um Estado totalitário que distorce as mentes; a revolução de gênero, pretende – e está conseguindo - separar a identidade sexual da natureza humana, a qual já não significa nada, e da qual nem sequer se pode falar sem ser castigado pela sociedade ideologizada e totalitária. O que nos falta separar e aniquilar? Que tipo de sociedade estamos construindo?

Há trinta anos uma sociedade como a que acabo de descrever somente se encontrava nas chamadas *distopias*. Assim se chamam estas descrições fantásticas de sociedades totalitárias onde reina o terror e se impõe a negação de Deus e de todo o natural, o anti-homem, a antissociedade, a anti-verdade, a anti-família, o antiamor, a anti-vida; uma sorte de inferno instaurado neste mundo, às vezes representado com traços apocalípticos, mas outras vestido de cores brilhantes, rodeado de avanços tecnológicos e de uma ciência que terminou por afogar a beleza, a poesia, o amor, a inocência, o heroísmo, a esperança, a alegria e o sorriso.

Muitos de vocês já leram ou ao menos ouviram falar de novelas como 1984, de Orwell; *Admirável mundo novo*, de Huxley; *Fahrenheit 451*, de Bradbury; *Nós, de Yevgueni Zamiantin*; *A fé de nossos pais*, de Philip Dick. Ou talvez viram alguns dos muitos filmes inspirados neste tipo de distopias. Já ouviram falar, por exemplo, de *Metrópolis* (Fritz Lang, 1927), *Matrix* (Wachowski, 1999), *O Exterminador do Futuro (Terminator)*, Cameron, 1984), *A cidade das crianças perdidas (The City of Lost Children)*, Caro y Jeunet, 1995), *Os doze macacos (Twelve Monkeys)*, Gilliam, 1995), *Jogos Vorazes (The Hunger Games)*, Ross, 2012), *The Maze Runner* (Ball, 2009), *Blade runner* (Scott, 1982; 2017), etc.? Por trás das aventuras angustiosas e dos argumentos fantásticos e muitas vezes banais destes livros e filmes, esconde-se uma sorte de negro presságio, uma advertência desesperada sobre a direção catastrófica que leva nossa civilização. O pior é que algumas – ou talvez muitas – das coisas que estes relatos apresentam como pesadelos do futuro, já são parte de nossa realidade.

O que nenhuma destas obras diz é o que tentamos explicar mais acima: que tudo se origina da oposição a uma verdade: “E o Verbo se fez carne”. Sim, é assim; quando se rechaça a Encarnação, quer dizer, a Jesus Cristo, sua doutrina e sua lei... tudo sucumbe e se reduz a escombros;

e surge uma sociedade diabólica. Não existe intermédios. “Aquele que não está comigo está contra mim, o que não recolhe comigo, espalha” (Mt 12,30). “Espalha”, quer dizer, destrói, desfaz, assola. “Quando se apaga o sobrenatural, disse Chesterton, nos fica somente o antinatural”⁸.

Se o rechaço da Encarnação é a origem de todos estes males, sua aceitação é a de todos os bens. O Verbo se fez carne para redimir o homem e o mundo; assumiu uma natureza como a nossa para entrar no mundo como senhor e rei, e conquistar todas as coisas. E as conquista na medida em que as assume, porque como disse São Gregório Nazianzeno, e com ele muitos outros Padres da Igreja, o que não é assumido por Cristo não pode ser salvo.⁹ Assumir significa transformar. A Encarnação deve, pois, prolongar-se até conquistar todas as realidades humanas e todos os homens e mulheres. A família, a educação, a cultura, a arte, os costumes, a política, a economia, a ciência, o trabalho, a luta, as cidades, os povos, as relações humanas, a justiça, o esporte, a amizade... tudo deve ser assumido pelo Evangelho de Jesus Cristo. Isto implica que a tarefa da Encarnação não terminou nem pode terminar enquanto reste algo por conquistar.

*Enquanto exista um confim
De terra, sem adorar
Àquele que veio nos salvar,
A terra não tem fim!*

Nós devemos prolongar a Encarnação de Cristo deixando-nos conquistar pela Pessoa, pela doutrina e pela moral de Jesus Cristo; e uma vez conquistados, devemos conquistar tudo o que esteja ao nosso redor. E não desde fora, como quem enverniza as coisas com um mero lustre cristão, senão que desde dentro, dando a todas estas coisas uma nova alma: a do Evangelho, que é a fé e a caridade que brotam de Cristo. Enquanto as realidades do mundo não sejam transformadas, elevadas e aperfeiçoadas segundo os princípios de Cristo, nada – ou pouquíssimo – se terá feito e as sementes da morte que temos descrito acima ameaçarão dominar-nos e dominar o mundo.

8 GILBERT K. CHESTERTON, *Herejes*, en: *Obras Completas*, Plaza y Janés (1967), T. I., 369.

9 SAN GREGORIO NACIANCENO, *Epístola* 101.

É uma tarefa gigantesca. Difícil. Porém, possível; muito possível. Porque não é obra nossa, mas de Deus. Sabemos que será assim. Está profetizado. Ao final, o Cordeiro triunfará e fará sua Cidade reinar, fruto da Encarnação. Dela nos diz o livro sagrado do Apocalipse que “não haverá aí nada de execrável, mas nela estará o trono de Deus e do Cordeiro. Seus servos lhe prestarão um culto. Verão a sua face e o seu nome estará nas suas frentes. Já não haverá noite, nem se precisará da luz da lâmpada ou do sol, porque o Senhor Deus a iluminará, e hão de reinar pelos séculos dos séculos”. (Apoc 22,3-5).

Entretanto não todos entrarão nela, somente “aqueles que lavam as suas vestes [no sangue do Cordeiro], [eles] terão direito à árvore da vida e entrarão pelas portas da Cidade” (Apo 22,14). Os outros ficarão do lado de fora: “Fora os cães, os envenenadores, os impudicos, os homicidas, os idólatras e todos aqueles que amam e praticam a mentira!” (Apoc 22,15).

A tarefa que temos é tratar de converter a todos e transformar tudo para que a Cidade de Deus, o Céu dos bem-aventurados, esteja abarrotado de todos os quais veio salvar o Verbo que por nós e por eles se fez carne.

Esta é a missão, o objetivo, o labor para o qual fomos chamados a esta família religiosa, como consagrados e como leigos, como indivíduos e como famílias.

Deus nos dê a graça de acompanhá-Lo até o fim nesta empresa divina.

Português

O CARISMA OU PATRIMÔNIO DO INSTITUTO DO VERBO ENCARNADO

Autor: Pe. Gonzalo Ruiz, IVE

Língua original: italiano

Roma (Itália) 31 de julho de 2019

1. O carisma de um instituto religioso

Antes de desenvolver o tema do carisma da Família Religiosa do Verbo Encarnado é necessário explicar o mesmo termo “carisma”¹.

A palavra *carisma* é ao mesmo tempo uma palavra antiga e nova; repete-se tanto na linguagem religiosa quanto na linguagem profana. Hoje é comum na linguagem corrente, particularmente eclesiástica e dos institutos de vida consagrada. Mas, o importante é o conceito que a palavra encerra. De fato, ainda que por um longo período não foi utilizado para definir esta particular vocação na Igreja, que é a vida consagrada, a realidade sempre existia, porque é parte integrante da mesma natureza da Igreja.

¹ Sigo neste ponto V. DE PAOLIS, *O carisma e os carismas da vida consagrada*; e também “Participação dos leigos ao carisma dos institutos religiosos”, in *Informationes SCRIS* 24 (1998) 72-108.

A palavra carisma é desconhecida na linguagem bíblica veterotestamentária mas é presente, ainda que de modo limitado no Novo Testamento, particularmente nas cartas do Apóstolo Paulo, onde ocorre 16 vezes (e uma vez em I Pe. 4, 10)².

A palavra é claramente de origem grega, vem da *charis*, que significa “graça”, dom gratuito, dom dado por benevolência³. São Paulo a adota sempre neste sentido, mas na grande maioria dos casos vem remarcado um aspecto essencial: o carisma é um dom gratuito de Deus (do Espírito Santo) para a edificação da Igreja. É, portanto, uma graça que beneficia não somente a quem a recebe, mas sim e principalmente a toda a Igreja⁴.

Pelo menos três vezes São Paulo apresenta listas de carismas: lemos os textos:

-1 Cor 12, 8-10: *A um é dada pelo Espírito uma palavra de sabedoria; a outro, uma palavra de ciência, por esse mesmo Espírito; a outro, a fé, pelo mesmo Espírito; a outro, a graça de curar as doenças, no mesmo Espírito; a outro, o dom de milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, a variedade de línguas; a outro, por fim, a interpretação das línguas.*

2 Os textos nos quais encontra-se a palavra carisma em San Paulo são os seguintes: Rm 1,11: *Desejo ardentemente ver-vos, a fim de comunicar-vos alguma graça espiritual, com que sejaos confirmados*; Rm 5, 15.16: *Mas, com o dom gratuito, não se dá o mesmo que com a falta... Mas, com o dom gratuito, não se dá o mesmo que com a falta. Pois se a falta de um só... o dom de Deus e o benefício da graça obtida por um só homem, Jesus Cristo, foram concedidos copiosamente a todos*; Rm 6,23: *Porque o salário do pecado é a morte, enquanto o dom de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor*; Rm 11,29: *Pois os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis*; Rm 12,6: *Temos dons diferentes, conforme a graça que nos foi conferida*; 1 Cor 1, 4-7: *Não cesso de agradecer a Deus por vós, pela graça divina que vos foi dada em Jesus Cristo. Nele fostes ricamente contemplados com todos os dons, com os da palavra e os da ciência, tão solidamente foi confirmado em vós o testemunho de Cristo. Assim, enquanto aguarda a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo, não vos falta dom algum*; 1 Cor 7,7: *Pois queria que todos fossem como eu; mas cada um tem de Deus um dom particular: uns este, outros aquele*; 1 Cor 12,4: *há diversidade de dons, mas um só Espírito*; 1 Cor 12,9: *a outro, a graça de curar as doenças, no mesmo Espírito*; 1 Cor 12,28: *depois os que têm o dom dos milagres, o dom de curar, de socorrer, de governar, de falar diversas línguas*; 1 Cor 12,30.31: *Têm todos a graça de curar?... Aspiraos aos dons superiores*; 2 Cor 1,11: *... se nos ajudardes também vós com orações em nossa intenção. Assim essa graça, obtida por intervenção de muitas pessoas*; 1 Tm 4,14: *Não negligencies o carisma que está em ti e que te foi dado por profecia, quando a assembleia dos anciãos te impôs as mãos*; 2 Tm 1,6: *Por esse motivo, eu te exorto a reavivar a chama do dom de Deus que recebeste pela imposição das minhas mãos.*

3 Cf. H. ESSER, “Graça”, no *Dicionário teológico do Novo Testamento*, Salamanca 1990, Vol. II, 236-243; A. VANHOYE, *I Carismi nel Nuovo Testamento*, Roma 2002, 18-28.

4 Em teologia se fala de graça “*gratis datae*”, para distingui-la da graça “*gratum faciens*” (isto é, que santifica a quem a recebe).

-1 Cor 12, 28-30: *Na Igreja, Deus constituiu primeiramente os apóstolos, em segundo lugar os profetas, em terceiro lugar os doutores, depois os que têm o dom dos milagres, o dom de curar, de socorrer, de governar, de falar diversas línguas. São todos apóstolos? São todos profetas? São todos doutores? Fazem todos milagres? Têm todos a graça de curar? Falam todos em diversas línguas? Interpretam todos?*

-Rm 12, 6-8: *Temos dons diferentes, conforme a graça que nos foi conferida. Aquele que tem o dom da profecia, exerça-o conforme a fé. Aquele que é chamado ao ministério, dedique-se ao ministério. Se tem o dom de ensinar, que ensine; o dom de exortar, que exorte; aquele que distribui as esmolas, faça-o com simplicidade; aquele que preside, presida com zelo; aquele que exerce a misericórdia, que o faça com afabilidade*

O apóstolo não quis oferecer uma lista definitiva e completa destes dons. Ele vê em tais carismas a manifestação da única graça do Espírito, oferecida gratuitamente à pessoa particular para o serviço e edificação da Igreja, para o crescimento do Corpo de Cristo (Cf. 1 Cor 14, 12; Rm 12 e 1 Cor 12).

Diz De Paolis: “São Paulo distingue diversos tipos de carismas: às vezes refere-se de modo geral a um dom gratuito de Deus, outra vez a dons muito precisos e específicos, como a evangelização, o ensinamento, o governo, a profecia, as curas, os milagres, a glossolalia. Mas, indiretamente também a *virgindade* é considerada por Paulo um carisma, enquanto dom de Deus dado a alguns e não a outros. Na carta a Timóteo é chamado *carisma* a mesma imposição das mãos. Pode-se assumir também que tais dons são mais ou menos importantes para a edificação da comunidade. Tais dons são oferecidos à pessoa particular, mas para o bem da comunidade. São Paulo mesmo fala de carismas mais ou menos importantes, e chama carisma, pelo menos indiretamente a mesma *caridade* (1 Cor 12, 30). De fato, muitas vezes, à lista de carismas, segue a recomendação da caridade, aquela realidade profunda que dá sentido e autenticidade aos mesmos carismas. De fato, a caridade é o maior carisma que dá sentido a todos os outros (1 Cor 13, 1ss)”.

Destas observações vê-se que os termos têm uma grande amplitude de significados. Todos os carismas são dons livres e gratuitos de Deus a uma pessoa, mas alguns desses são dons que *Deus assegura de modo estavel e permanente à sua Igreja*, próprio porque são necessários para sua edificação. Assim, por exemplo, a ordem sagrada, o ensinamento, a vida consagrada, que pertencem à natureza e à santidade da Igreja como ensina *Lumen gentium*, e que portanto nunca faltará na Igreja.

De tal modo que tais dons de Deus não são dons para o bem privado, mas da comunidade, de toda a Igreja. Não são dos talentos pessoais, isto é, qualidades naturais inerentes à pessoa, porém dons concedidos do alto a uma pessoa para o bem da comunidade sobrenatural, que é a Igreja. Conclui De Paolis: “Nesta perspectiva, a palavra *carisma* entra na linguagem religiosa de Paulo para indicar uma realidade bem precusa. Trata-se de dons dados de Deus a uma pessoa particular para a edificação da Igreja: não obstante, não se pode negar que tais dons se inserem na personalidade de todos os indivíduos particulares. Por isso não há como obtê-los por esforço humano, nem da potestade hierárquica da Igreja”. Vem exclusivamente do alto.

2. *Carisma da vida consagrada e carisma dos institutos*

Nos recentes documentos magisteriais, a partir do Concílio Vaticano II, o termo *carisma* vem utilizado para designar a natureza da vida consagrada, seja em si mesma (a vida consagrada considerada como um dom de Deus para a edificação da Igreja, dom querido por Jesus Cristo ao deixar para a Igreja o modo de vida que Ele escolheu para si, para sua Mãe e para os seus discípulos), seja o modo com o qual este carisma mais universal concretiza-se nos diferentes institutos religiosos a partir da inspiração recebida de um fundador⁵. A saber, o termo *carisma* usa-se tanto para exprimir a mesma vida consagrada como dom de Deus à Igreja, quanto para indicar o que é próprio de um determinado instituto, e o que o distingue dos outros institutos⁶.

5 Por exemplo, *Mutuae Relationes* n. 11 diz: “O próprio carisma dos Fundadores (Evang. nunt. 11) revela-se como uma experiência do Espírito, transmitida aos próprios discípulos a fim de ser por eles vivida, conservada e aprofundada e constantemente desenvolvida em sintonia com o Corpo de Cristo em perene crescimento. E’ por isso que a Igreja protege e apóia a índole própria dos diversos Institutos Religiosos... Essa índole própria comporta outrossim um estilo peculiar de Santificação e apostolado, que estabelece uma determinada tradição própria, a tal ponto que se podem convenientemente colher seus elementos objetivos.”. A exortação apostólica *Redemptionis donum* diz: “Seria difícil descrever e até mesmo simplesmente enumerar as múltiplas maneiras diferentes pelas quaoss as pessoas consagradas põem em prática, mediante o apostolado, o seu amor para com a Igreja. Esse apostolado nasceu sempre daquele dom particular dos vossos Fundadores que, recebido de Deus e aprovado pela Igreja, se tornou um carisma para a inteira Comunidade. Tal dom divino corresponde às diversas necessidades da Igreja e do mundo, em cada época da história; e, seguidamente, prolonga-se e consolida-se na vida das comunidades religiosas como um dos elementos perduráveis da vida e do apostolado da mesma Igreja.” (n. 15).

6 Sigo principalmente também neste ponto ao Cardeal VELASIO DE PAOLIS, *op. cit.* e também *La vida consagrada en la Iglesia*, Madrid 2011.

São Paulo VI foi quem introduziu esta dupla noção nos textos magisteriais na *Evangelica testificatio*: “Só assim podereis despertar de novo os corações para a Verdade e para o Amor divino, segundo o carisma dos vossos Fundadores, suscitados por Deus na sua Igreja. Desta forma, insiste o Concílio e justamente, na obrigação dos Religiosos e das Religiosas, de serem fiéis ao espírito dos seus Fundadores, às suas intenções evangélicas e ao exemplo da sua santidade, vendo nisso precisamente um dos princípios da renovação em curso e um dos critérios mais seguros daquilo que cada instituto deveria empreender. O carisma da vida religiosa, na realidade, longe de ser um impulso nascido “da carne e do sangue” ou ditado por uma mentalidade que “se conforma com o mundo presente”, é antes o fruto do Espírito Santo que age continuamente na Igreja.”⁷.

3. O patrimônio de um Instituto Religioso

O Código de Direito Canonico não utiliza a palavra “carisma” para indicar os institutos de vida consagrada, seja pela amplitude do seu significado (como encontramos em São Paulo) quanto pelo uso corrente com diversos sentidos. Utiliza-se em vez a palavra “patrimônio” (c. 578) para indicar a mesma realidade do carisma. Neste sentido, a palavra *patrimônio* define o carisma em sentido jurídico que a palavra carisma não possui. O patrimônio vem definido assim: “A intenção e os planos dos fundadores, sancionados pela autoridade competente da Igreja, relativamente à natureza, finalidade, espírito e índole do Instituto, assim como as sãs tradições, coisas que constituem o patrimônio do Instituto, devem ser salvaguardados por todos.”

A vida consagrada, de fato, é realizada e vivida ao interno de um instituto de vida consagrada (cf. can. 573 § 2). A profissão dos conselhos evangélicos vem a ser inserida em um projeto de vida evangélico, e este projeto constitui *um patrimônio ou carisma* (cf. can. 578).

O carisma ou patrimônio é um projeto de vida evangélico: todos os institutos de vida consagrada são um projeto de vida evangélico; trazem sua origem de Deus, que serve-se da mediação de uma pessoa humana, chamada fundador. Tal projeto de vida é apresentado à Igreja, a qual depois de tê-lo examinado, o aprova, se o considera autêntico e o propõe, depois de ter sido codificado como regra de vida, normalmente nas Constituições do Instituto, como caminho seguro de santidade.

7 Exortação apostólica *Evangelica testificatio* (29 de junho de 1971), 11.

Tal projeto de vida diz-se evangélico porque contém e propõe a forma de vida de Jesus, virgem e pobre, que com a sua obediência remiu o mundo; é a forma de vida que Jesus escolheu para si, para sua Mãe e indicou aos seus discípulos (Cf. LG, 44, 46). Por isso, tem como regra suprema o *seguimento de Cristo*, segundo o evangelho e as Constituições (cf. can. 662).

Tal projeto de vida, tem uma originalidade, que origina-se do Espírito, uma *finalidade* própria, uma índole própria, e uma *espiritualidade* própria, um *estilo* próprio de vida, de *apostolado* e de *santificação*. É isso o que distingue um instituto dos outros.

O patrimônio ou carisma ou projeto evangélico tem uma dimensão coletiva. Porque não é propriamente o carisma do fundador, mas o resultado disso, uma vez que a experiência religiosa do fundador é transmitida à comunidade que ele queria; desde aí participam todos aqueles que receberam de Deus a vocação de fazer parte deste instituto. Isto pode ser participado também pelos leigos, especialmente nos institutos que contam com Terceira Ordem. O que é próprio dos religiosos é a identificação com o modo de vida de Cristo com a característica da *totalidade*; equanto que os leigos podem participar do carisma ou patrimônio ou projeto de vida evangélica em graus. Participar significa “tomar parte” segundo um mais ou um menos.

Elementos do carisma do instituto segundo os documentos da Igreja.

O Código de Direito Canônico menciona a mente e o propósito do fundador sobre a *natureza, espírito, finalidade e caráter próprio* ou índole de cada instituto, as sãs tradições como elementos do *patrimônio espiritual* de um instituto. Estes elementos, portanto, constituem o conteúdo de um carisma particular, e são o fundamento do sentido de identidade que é um elemento chave para salvaguardar a fidelidade de cada instituto religioso. São elementos que podem desenvolver-se, mas nunca modificar-se. São os elementos cujos membros devem sempre fazer referência se querem manter-se fiéis ao espírito ou carisma do fundador, que é o mediador pelo qual o Espírito suscitou uma particular Família Religiosa para o bem e edificação de toda a Igreja.

- *A natureza:* A natureza coloca o Instituto em um tipo de vida consagrada: monástica, apóstolica ou secular, clerical ou laical.

- *O fim*: é dado por tudo aquilo que o fundador apresenta como finalidade do Instituto, seja em referência a Deus, seja com referência ao próximo. O fim tem presente principalmente os meios que devem ser adotados, e não identifica-se com a atividade concreta, ainda que a compreenda. Pelo contrário, é o endereço para o qual se dirige toda a actividade, que pode variar em função dos diferentes momentos e circunstâncias, mas sempre na mesma linha. O fim é fixado pelo fundador enquanto Pai e legislador⁸. Compreende o modo de viver os conselhos evangélicos e a atividade apostólica (em um instituto de vida apostólica)

- *O espírito*: O espírito de um Instituto não é de fácil definição, mesmo que não seja difícil entender que coisa é⁹. Pode-se dizer que o Espírito de um Instituto não é somente a sua espiritualidade, a menos que se chame espiritualidade tudo o que anima a vida do Instituto¹⁰. O Espírito de um Instituto é a vida que um fundador lhe infunde, compreendendo também a espiritualidade¹¹.

- *A índole*: Pode-se dizer que este termo inclui três elementos anteriores, conferindo ao instituto uma identidade particular. Pode-se traduzir como *caráter*¹², mas o termo latino diz ainda mais¹³. Cada Instituto tem uma índole própria e um fim próprio.

- *As sãs tradições*: devem ter uma relação com os elementos do patrimônio. Não qualquer costume, ainda que bons, deve ser também considerada como uma sã tradição que faz parte carisma. Diz um autor que trata-se da mesma experiência original vivenciada pelo menos uma vez, custodiados na fidelidade criadora, aprofundados e já desenvolvidos na comunidade dos discípulos¹⁴. Se supõe portanto um enriquecimento,

8 Cf. J. LOZANO, *O fundador e sua família religiosa*, 17-18. 22: «Determinar uma finalidade para as antigas ordens, simplesmente foi propor de fato um modo cristão de viver. A partir do século XII, quando a vida religiosa começou a destacar-se, surgiram os diversos institutos que diferenciam-se em seu fim específico, determinado pelo fundador».

9 Cf. E. GAMBARI, *Os religiosos do código*, 36.

10 Cf. J. BEYER, *O direito da vida consagrada*, 69.

11 Cf. J. LOZANO, *O fundador e sua família religiosa*, 36.

12 Por exemplo, no Código de Direito Canônico latim-espanhol da EUNSA, no can. 642 traduz-se índoles por *caráter*.

13 Cf. J. BEYER, *O direito da vida consagrada*, 69-70.

14 Cf. E. SASTRE SANTOS, "Sobre os *Principia Directiva*", 224.

uma evolução e explicitação de algumas das virtualidades internas. Em todos os casos o juízo da Igreja é o critério último e decisivo ao momento de julgar se uma tradição é sã ou não¹⁵.

4. O carisma ou patrimônio do Instituto do Verbo Encarnado

No caso da nossa Família Religiosa, o mistério central que define o nosso *carisma* ou *patrimônio* é o mistério da Encarnação do Verbo. Seguindo as nossas Constituições e também aquilo que foi deliberado no V Capítulo geral do Instituto (ano 2017) devemos distinguir um elemento essencial central e outros elementos adjuntos que consideramos “inegociáveis”¹⁶.

a. Elemento essencial

Isso é plasmado no n° 30/31 de nossas *Constituições*: “Pelo carisma próprio do Instituto, todos os seus membros devem trabalhar, em suma docilidade ao Espírito Santo e dentro da impronta de Maria, a fim de ensenhorear para Jesus Cristo tudo aquilo que é autenticamente humano, ainda nas situações mais difíceis e nas condições mais adversas.

Isto é, a graça de saber como obrar, em concreto, para prolongar concretamente a Encarnação do Verbo nas famílias, na educação, nos meios de comunicação, nos homens de pensamento e em toda legítima manifestação de vida do homem. É o dom de fazer que cada homem seja ‘como uma nova Encarnação do Verbo’¹⁷, sendo essencialmente missionários e marianos”¹⁸.

E aqui inclui, principalmente, a profissão dos votos de castidade, pobreza, obediência e escravidão mariana que constitui os membros professos como religiosos do Verbo Encarnado. Mas este é também o coração, o centro de toda a nossa espiritualidade (reproduzir em nós o mistério do Verbo Encarnado, buscando ser como uma outra humanidade sua para a santificação própria e para o bem das almas), e também o centro do nosso fim específico como Instituto, que é a evangelização da cultura. Uma vez que “cultura” significa toda atividade do homem enquanto tal, que o aperfeiçoa enquanto homem, sobretudo as manifestações da vida do espírito, como membros desta Família Religiosa particular,

¹⁵ Cf. V. De PAOLIS, *A vida consagrada na Igreja*, 99.

¹⁶ Sigo C. BUELA, *João Paulo Magno*, IVE Press, New York 2011, 517-540.

¹⁷ SANTA ELISABETH DA TRINDADE, *Elevação* 33.

¹⁸ *Constituições*, 30-31.

cabe a nós portar a graça a toda atividade do homem, sem excluir nenhuma, a fim de que em todas as atividades do homem reine Cristo, o Verbo Encarnado.

A respeito disto, é essencial o célebre princípio dos Padres da Igreja, utilizado por Santo Irineu de Lyon, e também citado no Concílio Vaticano II no Decreto *Ad gentes* n. 3: o que não é assumido por Cristo, não é redimido”¹⁹. O princípio faz referência à natureza humana do Verbo Encarnado, que é perfeitíssima (Ele é perfeito homem) e foi assumida pelo Verbo assim, em sua perfeição e em sua totalidade, para ser completamente redimida. De modo que, tudo aquilo que é autenticamente humano foi assumido por Deus na Encarnação do Verbo. Do mesmo modo, nós devemos agir, primeiro sobre nós mesmos, deixando-nos transformar pela graça, depois levando o evangelho, que é de fato a vida da graça de Deus, a todos os homens, sem excluir nenhum, a todo o homem, sem excluir nenhum aspecto, e a todas as manifestações da vida do homem. Citado por São João Paulo II em nosso direito próprio: “Devemos desenvolver uma renovada pastoral da cultura, pois a cultura constitui o lugar de encontro privilegiado com a mensagem de Cristo. Pois ‘uma fé que não se converte em cultura é uma fé que não foi acolhida em plenitude, não pensada em sua totalidade, não vivida com fidelidade’²⁰”²¹.

Os padres capitulares no ano 2007 expressaram-se do seguinte modo: “João Paulo II disse muitas vezes que uma característica do mundo de hoje é a incompreensão do mistério da Encarnação [...]; o que caracteriza-nos é a centralização no mistério da Encarnação: assim como o Verbo, assumindo a natureza humana, se uniu, de certo modo, a todos os homens, também nós, queremos unir em nossas vidas e em nossos apostolados, de tal maneira que nenhuma obra apostólica nos seja alheia, próprio porque nada daquilo que é autenticamente humano nos deve ser alheio”²².

19 No texto conciliar cita, na nota 15, a estes Padres: SANTO ATANÁSIO, *Ep. ad Epictetum* 7: Pe. 26,1060; SAN CIRILO DE JERUSALÉM, *Catech.* 4,9: Pe. 33,465; MARIO VITORINO, *Adv. Arium* 3,3: Pe. 8,1101; SAN BASÍLIO, *Epist.* 261,2: Pe. 32,969; SAN GREGÓRIO NACIANCENO, *Epist.* 101: Pe. 37,181; SAN GREGÓRIO NICENO, *Antirretheticus, Adv. Apollin.* 17: Pe. 45,1156; SANTO AMBRÓSIO, *Epist.* 48,5: Pe. 16,1153; SANTO AGOSTINHO, *In Ioan. Ev. tr.* 23,6: Pe. 35,1585; CChr. 36,236; e outros.

20 S. JOÃO PAULO II, *Carta de instituição do Pontifício Conselho para a Cultura* (20 de maio de 1982).

21 *Diretório de Evangelização da Cultura*, 243.

22 *Notas do V Capitulo Geral*, 5.

Por isso, devemos levar a novidade de Cristo, não somente aos homens particulares, mas também à sociedade civil, onde Ele deve reinar. A vida social de fato é natural ao homem, que é um “animal político”, como definia Aristóteles²³. Um ser que vive em sociedade. É um grande malefício para os homens em particular que o cristianismo seja confinado somente em um âmbito privado, às sacristias. Cristo deve reinar e por isso devem ser impregnados dos valores evangélicos a sociedade intermédia (escolas, prefeituras, clubes, associações, etc) e o mesmo estado, apesar de que tem seus fins próprios que devem ser coerentes, isto é conforme à natureza humana (a lei natural), deve também ser subordinado a ordem sobrenatural enquanto os cidadãos são destinados a alcançar a sua perfeição e a salvar a sua alma.

Citando a São João Paulo II se diz no nosso direito próprio “O fundamento da evangelização da cultura é certamente o mistério do Verbo Encarnado. ‘O termo aculturação ou inculturação, enquanto seja um neologismo, exprime maravilhosamente um dos elementos do grande mistério da Encarnação’²⁴²⁵.

Assim, o mistério da Encarnação ilumina toda a nossa espiritualidade e atividade. Diz nosso direito próprio que diante da humanidade de Jesus nós devemos buscar “viver com intensidade as virtudes do anonadamento: humildade, justiça, sacrifício, pobreza, dor, obediência, amor misericordioso...em uma palavra tomar a cruz”²⁶ [...] Isto é, no contexto do anonadamento de Cristo na sua encarnação redentora: ‘A sua fidelidade ao único Amor (da pessoa consagrada) manifesta-se e fortalece-se na humildade de uma vida oculta, na aceitação do sofrimento para completar « completar na própria carne o que falta aos sofrimentos de Cristo » (cf. Col 1,24), no sacrifício silencioso, no abandono à santa vontade de Deus, na serena fidelidade mesmo ante o declínio das próprias forças e da própria ascendência . Da fidelidade a Deus também nasce a doação ao próximo ’.²⁷²⁸

23 *Política*, I, 1253.

24 S. JOÃO PAULO II, *Discurso à Pontifícia Comissão Bíblica* (26 de abril del 1979).

25 *Diretório de Vida Consagrada*, 343

26 *Constituições*, 11.

27 *Exortação apostólica pós-sinodal Vida Consagrada*, 24.

28 *Diretório de Vida Consagrada*, 230.

b. Elementos adjuntos inegociáveis ao carisma do IVE

São numerosos elementos que consideramos como parte do nosso carisma, e que devem ser vivenciados por todos, e a cada um conforme o próprio estado. Em plenitude ou totalidade são vivenciados pelos religiosos, que fizeram a profissão dos votos propriamente para imitar a vida de Jesus, o Verbo Encarnado. Mas, em partes, que dizer, de maneira participada devem ser vivenciados pelos membros da Terceira Ordem. Estes elementos foram estudados e determinados no Quinto Capítulo Geral do Instituto (ano 2007). Em todos os elementos citaremos textos do nosso direito próprio, que muitos foram tirados do magistério de São João Paulo II.

1. A digna celebração da Santa Missa²⁹

“Devemos caracterizar-nos pela importância que se deve dar à celebração da Santa Missa, assim também pelo modo reverente de celebrá-la. Por isso, deve-se dar ênfase à vida litúrgica”³⁰. “É uma característica nossa a marcada devoção eucarística”³¹. Os nossos sacerdotes devem ser mestres na *ars celebrandi* (e nossos irmãos religiosos, as religiosas, e os nossos leigos devem esforçar-se para viver de modo sempre mais perfeito a *ars participandi*).

Nosso direito próprio diz, citando principalmente a São João Paulo II: “Nossas Liturgias devem ser vividas e vividas. Vividas, quer dizer, vivazes, com força, eficazes, brilhantes, que tenham vida, que sejam uma experiência imediata de Cristo sacramentado. Com efeito, ‘a Liturgia deve fomentar e fazer resplender o sentido do sagrado. Deve estar imbuída de espírito de reverência e de glorificação de Deus’^{32,33}”.

²⁹ Notas do V Capítulo Geral, 4.

³⁰ Notas do V Capítulo Geral, 6.

³¹ Notas do V Capítulo Geral, 6.

³² SÃO JOÃO PAULO II, *Carta aos sacerdotes por ocasião da Quinta-feira Santa 1986*, 8 (16 de março de 1986); cf. ASSEMBLÉIA EXTRAORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS do ano 1985, *Relação final*.

³³ *Diretório de Vida Litúrgica*, 4; cf. SÃO JOÃO PAULO II, *Carta Dominici Coenae*, 8 (24 de fevereiro de 1980); *Diretório de Vida Litúrgica*, 13.

“A participação de todos os batizados no único sacerdócio de Jesus Cristo é a chave para compreender a exortação do Concílio à ‘participação plena, consciente e ativa nas celebrações litúrgicas’^{34»35}.

2. *Uma espiritualidade séria (“não sentimentalista”): o fato de que desejamos uma espiritualidade séria é, por exemplo, visto na pregação dos Exercícios Espirituais Inacianos*³⁶

A nossa espiritualidade deve transcender do meramente sensível, os nossos membros devem estar dispostos a passar pelas purificações da alma (as “noites escuras”). Por isso temos como mestres espirituais os grandes Doutores e Mestres espirituais. Dizem nossas *Constituições*: “Queremos formar homens virtuosos (de “vir” e de “vis”: que tenham força varonil) segundo a doutrina dos grandes mestres da vida espiritual, especialmente: Santo Agostinho, Santo Tomás, São João da Cruz, Santa Teresa de Jesus, Santo Inácio de Loyola, São Luís Maria Grignon de Montfort, Santa Teresinha do Menino Jesus, de todos os santos de todos os tempos que a Igreja propõe como exemplares para que imitemos suas virtudes”³⁷.

Uma espiritualidade semelhante, válida em todos os tempos, o é particularmente hoje, em um mundo e em uma situação eclesial que requer muito discernimento. Ensina São João Paulo II, citado em nosso direito próprio: “De maneira particular, vale o que foi dito para a evangelização da cultura, que exige de nós uma espiritualidade com sutilezas peculiares: “Isso requer uma nova maneira de abordar as culturas, atitudes e comportamentos para dialogar em profundidade com os ambientes culturais e fazer fecundo seu encontro com a mensagem de Cristo. E por parte dos cristãos responsáveis, esta obra exige uma fé esclarecida pela reflexão contínua que se confronta com as fontes da mensagem da Igreja e um discernimento espiritual constante buscado na oração”³⁸, sem esquecer-se jamais que ‘a verdadeira inculturação vem de dentro: consiste, em última análise, em uma renovação da vida baixo o influxo da graça’^{39»40}.

34 SÃO JOÃO PAULO II, *Discurso aos Bispos dos Estados Unidos em visita “Ad limina Apostolorum”*, 3 (9 de Outubro de 1998).

35 *Diretório de Vida Litúrgica*, 25. Seu silêncio e atitude de adoração na liturgia, ve-se em *Diretório de Vida Litúrgica*, 63, onde vem citado SÃO JOÃO PAULO II, *Discurso aos Bispos dos Estados Unidos em visita “Ad limina Apostolorum”*, 3 (9 de Outubro de 1998).

36 *Notas do V Capítulo Geral*, 4.

37 *Constituições* 212.

38 S. JOÃO PAULO II, *Discurso aos bispos de Zimbawe*, 7 (02 de julho de 1988).

39 S. JOÃO PAULO II, *Discurso aos bispos de Zimbawe*, 7 (02 de julho de 1988).

40 *Diretório di Espiritualidade*, 51.

3. *A docilidade ao Magistério vivo da Igreja*⁴¹ *de todos os tempos*

Dizem nossas Constituições: “ Para isso tomamos, especialmente, como elementos fundamentais para permear com o Evangelho as culturas, os ensinamentos da Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo moderno *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II⁴²; a Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*⁴³ e *Catechesi Tradendae*⁴⁴; o discurso do Papa João Paulo II à UNESCO⁴⁵ e outros sobre o mesmo tema⁴⁶; o Documento de Puebla⁴⁷, a Carta Encíclica *Slavorum Apostoli*, a Carta Encíclica *Redemptoris missio*, a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Pastores dabo vobis*, n° 55, c; e todas as futuras diretivas, orientações e ensinamentos do Magistério ordinário da Igreja que possam ser dadas no futuro sobre o fim específico de nossa pequena Família Religiosa ”⁴⁸.

É isto, em partes, o fim pelo qual muitos de nossos sacerdotes vêm estudar em Roma. Assim exprimem nossas Constituições: “A formação em Roma implica alcançar um espírito romano, que “implica uma coroa de virtudes: abertura universal, fidelidade ao magistério, espírito missionário, longanimidade e magnanimidade”⁴⁹. ‘Vossa situação vos permite viver a realidade sobrenatural da comunhão com a Igreja de Roma e com o Bispo de Roma’⁵⁰ [...] “Significa ser testemunha, dia a dia, da tradição viva da fé tal como é proclamada pela Sede de Pedro’⁵¹”⁵².

41 *Notas do V Capítulo Geral*, 4.

42 Segunda Parte, cap. 2, 53-62.

43 Cf. SÃO PAULO VI, *Exortação apostólica Evangelii nuntiandi*, 20 (8 de dezembro de 1975).

44 S. JOÃO PAULO II, *Exortação apostólica Catechesi Tradendae*, 53 (16 de outubro de 1979).

45 S. JOÃO PAULO II, *Discurso aos representantes da Organização Internacional Católica para educação, ciência e cultura* (02 de junho de 1980).

46 S. JOÃO PAULO II, *Discurso aos bispos de Zaosre reunidos em Kinshasa* (03 de maio de 1980); *Discurso à Conferência Episcopal em Kenia, Naosrobi* (07 de maio de 1980); *Discurso aos Bispos na Catedral de Delhi, Índia* (01 de fevereiro de 1986); *Discurso aos fiéis durante a Celebração da Palavra, no campo de Chambacú, Cartagena, Colômbia* (06 de julho de 1986).

47 Cf. III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, *Documento de Puebla* (1979) 385-443.

48 *Constituições*, 27.

49 S. JOÃO PAULO II, *Homilia durante a oração da vigília no Colégio Capranica de Roma*, 5 (21 de janeiro de 1992).

50 S. JOÃO PAULO II, *Discurso ao Colégio pontifício norte-americano de Roma em ocasião do 125º Aniversário da sua fundação*, 2 (15 de outubro de 1984).

51 *Idem*.

52 *Constituições*, 265.

4. *É nossa clara intenção seguir a Santo Tomás de Aquino, como estimado pela Igreja. E neste âmbito, os melhores tomistas como o Pe. Cornelio Fabro*⁵³. *“Santo Tomás tem uma importância central em nossa formação”*⁵⁴

“Buscar a verdade, descobri-la e alegrar-se por tê-la encontrado, dizia João Paulo II, é uma das aventuras mais emocionantes da vida”⁵⁵⁵⁶. Pois bem, “Exemplo desta busca e paradigma do estudioso são a mesma vida e personalidade de Santo Tomás, ‘príncipe da filosofia e da teologia’, como os Papas costumam chamá-lo”⁵⁷: O Aquinate convida a todos os homens a aproximarem-se instancavelmente à verdade, porque somente investigando-a com insistência se chega à compreensão da realidade e daquele que é o seu autor: ‘e assim, que a mente humana deve sempre mover-se também mais e mais em direção ao conhecimento de Deus conforme o seu próprio modo’⁵⁸⁵⁹⁶⁰.

“Também neste sentido Santo Tomás apresenta-se como exemplo de investigador: ‘imitando o exemplo daquele que se preparava para o encontro com o seu Senhor através do jejum, penitência e lágrimas, todo aquele que busca a Deus deve avançar no caminho da virtude e da contemplação, ascese necessária para educar a inteligência e purificar as paixões, com fidelidade, obediência e “segundo o sentir da Igreja”’⁶¹⁶².

“Devemos fazer nossas aquelas palavras que São João Paulo II dirigia ao dominicanos: ‘Hoje, exorto aos irmãos pregadores... a transformarem-se em verdadeiros discípulos de Santo Tomás, capazes de afrontar as *questiones disputatae*, e a dialogar com quantos estão afastados da fé e da Igreja, sem isso significa substituir esta última ciência por excelência, que é a teologia, com uma ciência profana.

53 *Notas do V Capítulo Geral*, 4.

54 *Notas do V Capítulo Geral*, 6.

55 S. JOÃO PAULO II, *Discurso aos jovens de Kampala*, (19 de fevereiro de 1993).

56 *Diretório de Formação Intelectual*, 5.

57 S. JOÃO PAULO II, *Carta em ocasião do 1º centenário da “Revue Thomiste”* (11 de março de 1993).

58 “[...] et sic etiam humana mens debet semper moveri ad cognoscendum de Deo plus et plus secundum modo”; *In lib. Boetii de Trinitate*, II, 1.

59 S. JOÃO PAULO II, *Carta em ocasião do 1º centenário da “Revue Thomiste”*, (11 de março de 1993).

60 *Diretório de Formação Intelectual*, 8.

61 S. JOÃO PAULO II, *Carta em ocasião do 1º centenário da “Revue Thomiste”* (11 de março de 1993).

62 *Diretório de Formação Intelectual*, 24.

Graças ao estudo assíduo da obra monumental do Doutor Angélico, o pensamento cristão adquire um método rigoroso e instrumentos conceituais que permitem penetrar a profundidade da doutrina sagrada e de desenvolver uma reflexão que tenha em conta a existência e as perfeições divinas, no limite daquilo que a razão humana pode chegar a conhecer⁶³64.

5. “A criatividade apostólica”⁶⁵ e missionária

“Devemos acolher de modo particular o pedido do Papa João Paulo II de ‘fazer presente os fiéis leigos, com o distintivo da coragem e da criatividade intelectual, nos lugares privilegiados da cultura, como o mundo da escola e da universidade, os ambientes de investigação científica e técnica, os lugares da criação artística e da reflexão humanista’⁶⁶, portando a todo âmbito particular, com a riqueza original do Evangelho e da fé, a redenção obrada por Cristo”⁶⁷.

“Para nós, o trabalho pastoral é cruz, não um motivo de fuga; por isso não se deve cair no ativismo estéril: ‘a atividade para o Senhor não deve fazer esquecer jamais Àquele que é o Senhor da atividade’⁶⁸69.

“[...] A pastoral, enfim, deve propor instancavelmente Jesus Cristo, plenitude de toda vida e cultura autenticamente humana: ‘O Evangelho leva, verdadeiramente, a cultura à sua perfeição e a cultura autêntica é aberta ao Evangelho [...] Longe de ameaçar ou empobrecer, o Evangelho lhe dá maior alegria e beleza, liberdade e significado, verdade e bondade’⁷⁰71.

6. A forte vida comunitária e o ambiente de alegria⁷²

A alegria é uma realidade que sempre caracterizou nosso modo de viver, desde os inícios, e por isso é presente tanto nas Constituições quanto no Diretório de Espiritualidade:

63 S. JOÃO PAULO II, *Carta em ocasião do 1º centenário da “Revue Thomiste”* (11 de março de 1993).

64 *Diretório de Formação Intelectual*, 51.

65 *Notas do V Capítulo Geral*, 4.

66 S. JOÃO PAULO II, *Exortação apostólica pós-sinodal Christifideles Laosci*, 44 (14 de março de 1997).

67 *Diretório del Terceira Ordem Secular*, 383.

68 S. JOÃO PAULO II, *Discurso em Roma à União internacional dos Superiores Gerais*, 4 (22 maio del 1986).

69 *Constituições*, 156.

70 S. JOÃO PAULO II, *Discurso aos participantes da Assembléia plenária do Pontifício Conselho para a Cultura* (14 de março de 1997).

71 *Diretório de Evangelização da Cultura*, 242.

72 *Notas do V Capítulo Geral*, 4.

“Com respeito a alegria, como fruto do Espírito Santo e efeito da caridade, deve tratar, com todos os meios que “ninguém se perturbe nem se entristeça na casa de Deus”⁷³. Por isso, é totalmente imprescindível viver a caridade fraterna: Isto é: *antecipem-se em honrar uns aos outros* (Rom 12,10) tolerem pacientissimamente suas fraquezas, quer do corpo quer do caráter; rivalizem em prestar mútua obediência; ninguém procure aquilo que julga útil para si, mas, principalmente, o que o é para o outro; ponham em ação castamente a caridade fraterna; temam a Deus com amor; amem ao seu Abade (Superior) com sincera e humilde caridade; nada absolutamente anteponham a Cristo - que nos conduza juntos para a vida eterna.”⁷⁴. De tal modo deveria ser vivida a caridade fraterna que ao ver nossa vida se dissesse: ‘Olhai como amam-se entre eles e como estão dispostos a morrer uns pelos outros’⁷⁵ [...]”⁷⁶.

“De maneira especial devemos pedir a graça da ciência e da alegria da cruz, que somente se alcança na escola de Jesus Cristo”⁷⁷. “E os santos nos recordam a alegria que é fruto desta cruz: ‘Cheguei ao ponto de não poder mais sofrer, pois todo sofrimento me é doce’⁷⁸”⁷⁹.

“Daqui, também, da ressurreição do Senhor, surge um elemento que deve ser essencial em nossa espiritualidade – e em toda espiritualidade cristã –: a alegria que, em nosso caso, deve manifestar-se de maneira especial, na celebração do Dia do Senhor, o Domingo; no sentido da festa; e na recreação que nós chamamos eutrapélia.

A alegria que é o segredo gigantesco do cristão, é espiritual e sobrenatural, e nasce de considerar o mistério do Verbo Encarnado. *Alegrai-vos, regozijai-vos*, disse o Anjo Gabriel a Maria; Ela dirá mais tarde: *o meu espírito exulta* (Lc 1, 47), havendo, minutos antes, Isabel testemunhado: *a criança estremeceu de alegria no meu seio* (Lc 1, 44); e depois o anjo aos pastores: *vos anuncio uma Boa-Nova que será alegria para todo o povo* (Lc 2, 10); e nasce de constatar o mistério da ressurreição do Senhor: *com grande alegria* (Mt 28, 8); como os discípulos de Emaús: *não nos abrasava o coração, quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?* (Lc 24,32);

73 SÃO BENTO, *Santa Regra* XXXI, 19.

74 SÃO BENTO, *Santa Regra* XXXI, 1-12.

75 TERTULLIANO, *Apologética*, ML 1,534.

76 *Constituições*, 95-96.

77 *Diretório de Espiritualidade*, 136.

78 SANTA TERESA DO MENINO JESUS, *História de uma alma*, cap. XII, 21.

79 *Diretório de Espiritualidade*, 145.

pela grande alegria ainda não acreditavam (Lc 24, 41), voltaram... com grande júbilo (Lc 24, 52); os discípulos alegraram-se ao ver o Senhor (Jo 20, 20). Por isso insiste São Paulo: Alegrai-vos sempre no Senhor. Repito: alegrai-vos (Flp 4,4). [...]

No fundo, a alegria brota de considerar que Deus é⁸⁰, que Cristo é: *Tranquilizai-vos, sou eu (Mc 6,50)*, que a verdade prima sobre a mentira, o bem sobre o mal, a beleza sobre a fealdade, o amor sobre o ódio, a paz sobre a guerra, a misericórdia sobre a vingança, a vida sobre a morte, a graça sobre o pecado, ao fim, o ser sobre o nada, a Virgem sobre Satanás, Cristo sobre o Anticristo, Deus sobre tudo. ‘Deus é alegria infinita’⁸¹.

Do Mistério Pascal e do Dia do Senhor – Domingo -, que são os dias de festa por excelência, devem nascer entre nós as festas, já que a festa autêntica deve nascer do culto, isto é, no louvor tributado ao Criador pela bondade da existência, já que o sétimo dia *Deus contemplou toda a sua obra, e viu que tudo era muito bom...e descansou de toda a obra da Criação (Gen 1, 31; 2, 2-3)*. E, como ensina Santo Agostinho, o culto tem lugar mediante “o oferecimento de louvor e de ação de graças”⁸², e sendo o sacrifício o ato principal do culto, constitui-se assim a alma da festa. Quanto maior sentido tem à luz da ressurreição do Senhor, e da perpetuação do deus Sacrifício nos altares!”⁸³.

7. A eficaz inserção interna ao ambiente no qual estamos trabalhando apostólicamente⁸⁴: “morder a realidade”

Para obter isto, assinalamos dois aspectos indispensáveis: o primeiro é a fidelidade a Jesus Cristo; o segundo é a metafísica tomista que nos ajuda a *não dar golpes no ar*, como diz São Paulo⁸⁵: buscar ver como estão as pessoas, como estão os jovens, quais problemas têm, de que modo podem ser melhor ajudados etc.”⁸⁶.

Assim exprime o nosso *Diretório de Evangelização da Cultura*: “A pastoral da cultura poderá oferecer uma resposta positiva e eficaz aos grandes desafios e dramas do homem ‘pós moderno’,

⁸⁰ Cf. Ex 3, 14.

⁸¹ SANTA TERESA DE LOS ANDES, *Carta* 101.

⁸² SANTO AGOSTINHO, *De Spiritu et littera*, XIII, 22.

⁸³ *Diretório de Espiritualidade*, 203. 204. 210. 211.

⁸⁴ *Notas do V Capítulo Geral*, 4.

⁸⁵ Cf. 1 Cor 9, 26.

⁸⁶ *Notas do V Capítulo Geral*, 5.

principalmente partindo da instância metafísica, mediante a filosofia do ser. Porque a postura nichilista, atual horizonte de muitas filosofias que são afastadas do sentido do ser, negam toda verdade objetiva e por consequência aquilo que funda a dignidade e a liberdade humana⁸⁷. Daqui a urgência de recuperar a metafísica do ser, uma filosofia dinâmica que permite uma abertura plena e global a toda a realidade, superando todo e qualquer limite até alcançar Aquele que tudo leva à perfeição⁸⁸⁸⁹.

“Portanto, ‘perante o progresso de uma cultura que aparece divorciada não só da fé cristã mas até dos próprios valores humanos, bem como perante uma certa cultura científica e tecnológica incapaz de dar resposta à urgente demanda de verdade e de bem que arde no coração dos homens, a Igreja tem plena consciência da urgência pastoral de se dar à cultura uma atenção toda especial.’⁹⁰. ‘Esta constitui uma exigência que marcou todo o seu caminho histórico, mas hoje é particularmente aguda e urgente.’⁹¹. Em poucas palavras, a fé deve fazer-se cultura. Isto é: a fé deve encarnar-se na vida e na cultura dos homens [...]”⁹².

8. A escolha das “missões de vanguarda”⁹³

Fazemos referência àquilo que chamamos ‘destinos emblemáticos’: lugares que representam um timbre de honra para nossa pequena Família Religiosa, enquanto trata-se de lugares de missões nas quais pode acontecer que os missionários não vejam frutos abundantes do seu trabalho, dos quais provavelmente não surgirão vocações e onde talvez, se nós não tivéssemos aceitado ir, ninguém teria querido ir por causa das dificuldades. De qualquer forma, o sacrifício silencioso dos que doam a própria vida por Cristo não ficará sem recompensa, são uma fonte enorme de bênçãos para todo o Instituto e para a Igreja universal.

Devemos ser sempre mais conscientes da urgência da missão, e que a missão atinge a todos nós: “O número daqueles que ignoram Cristo, e não fazem parte da Igreja está em contínuo aumento; mais ainda: quase duplicou, desde o final do Concílio.

87 Cf. S. JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Fides et ratio*, 90 (14 de setembro de 1998).

88 Cf. S. JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Fides et ratio*, 97 (14 de setembro de 1998).

89 *Diretório de Evangelização da Cultura*, 12.

90 S. JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles Laosci*, 44.

91 S. JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Redemptoris missio*, 52.

92 *Diretório de Evangelização da Cultura*, 147-148.

93 *Notas do V Capítulo Geral*, 4.

A favor desta imensa humanidade, amada pelo Pai a ponto de lhe enviar o Seu Filho, é evidente a urgência da missão⁹⁴95.

“A urgência da evangelização missionária é que ela constitui o primeiro serviço que a Igreja pode prestar ao homem e à humanidade inteira, no mundo de hoje, que, apesar de conhecer realizações maravilhosas, parece ter perdido o sentido último das coisas e da sua própria existência.”⁹⁶97.

Por isso é necessário ser santos, buscar a santidade: “O renovado impulso para a missão *ad gentes* exige missionários santos. Não basta explorar com maior perspicácia as bases teológicas e bíblicas da fé, nem renovar os métodos pastorais, nem organizar e coordenar melhor as forças eclesiais: é preciso suscitar um novo «ardor de santidade» entre os missionários e em toda a comunidade cristã, especialmente entre aqueles que são os colaboradores mais íntimos dos missionários”⁹⁸ ‘O missionário deve ser «um contemplativo na ação». Que encontra resposta aos problemas, na luz da palavra de Deus e na oração pessoal e comunitária’⁹⁹100.

9. “As obras de misericórdia, sobretudo com os deficientes”¹⁰¹, mas não só

Aos que cuidam dos doentes: capelães, religiosos e religiosas, médicos, enfermeiros e enfermeiras, farmacêuticos, pessoal técnico e administrativo, assistentes sociais e voluntários, lembrava João Paulo II que são chamados “a ser discípulos cada vez mais generosos de Cristo, o Bom Samaritano. Conscientes da vossa identidade, vendo nos sofrimentos a Face do Senhor sofredor e glorioso... [para] tornarem-se testemunhas críveis do amor de Cristo”¹⁰²103.

Por isso é estabelecido que nos nossos seminários e casas de formação se deverá ensinar a importância desta obra de misericórdia¹⁰⁴.

94 S. JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Redemptoris Missio*, 3.

95 *Diretório de Missões Ad Gentes*, 16.

96 S. JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Redemptoris Missio*, 2.

97 *Diretório de Missões Ad Gentes*, 15.

98 S. JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Redemptoris missio*, 90.

99 S. JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Redemptoris missio*, 91.

100 *Diretório de Missões Ad Gentes*, 201.

101 *Notas do V Capítulo Geral*, 4.

102 *Idem*.

103 *Diretório de Obras de misericórdia*, 92.

104 Cf. *Diretório de Obras de misericórdia*, 96, no qual vem citado S. JOÃO PAULO II, *Mensagem para a XI Jornada Mundial do enfermo*, Washington D.C., U.S.A., 5 (11 de fevereiro de 2003).

10. *“Uma visão providencial de toda a vida”. Um exemplo disto é o fato de que consideramos os nossos inimigos como parte, espiritual, de nossa Família Religiosa, porque nos fizeram e nos fazem o bem. Buscamos viver com profundidade o ensinamento de São Paulo: omnia cooperantur in bonum diligentibus Deum (Rm 8, 28); tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus¹⁰⁵*

“Qual deve ser nossa confiança e alegria ao saber que a morte foi vencida! E foi vencida graças à Encarnação do Verbo, e a seu Sacrifício redentor. Por isso, a Encarnação do Verbo é condição e garantia para todo o universo. ‘A fonte da vida e da salvação do desespero para todos os homens, a condição ‘sine qua non’ e a garantia para o universo inteiro encerram-se nas palavras ‘O Verbo fez-se carne’ e ‘na fé nestas palavras’¹⁰⁶. Porque ‘a Encarnação do Filho de Deus é o fundamento, a fonte e o modelo, tanto de uma nova ordem sobrenatural de existencia para todos os homens, que precisamente deste mistério obtém-se a graça que os santifica e os salva, como também de uma antropologia cristã, que projeta-se também na esfera natural do pensamento e da vida com sua exaltação do homem enquanto pessoa, colocada no centro da sociedade e – pode-se dizer – do mundo inteiro’^{107»108}.

11. *“A devoção à Virgem é uma coisa própria do carisma, não somente pelo quarto voto, mas também pela presença da Virgem em todas as nossas atividades, desde a consagração que renovamos em cada Missa até a conclusão de todas as nossas festas com um canto à Virgem”¹⁰⁹*

“A nossa relação com Virgem encontra um novo fundamento na nossa espiritualidade, que queremos ser ‘do Verbo Encarnado’. ‘A Virgem deu o seu sim em qualidade de escrava: *Eis aqui a escrava do Senhor* (Lc 1, 38)

¹⁰⁵ Notas do V Capítulo Geral, 5.

¹⁰⁶ S. JOÃO PAULO II, *Discurso aos participantes do Colóquio Internacional sobre o tema “as comuns raízes cristãs nas nações européias”* (5 de novembro de 1981).

¹⁰⁷ S. JOÃO PAULO II, *Audiência Geral* (23 de março de 1988).

¹⁰⁸ *Diretório de Espiritualidade*, 319; *Diretório da Terceira Ordem Secular*, 324.

¹⁰⁹ Notas do V Capítulo Geral, 6.

e *ele viu a pequenez de sua serva* (Lc 1, 48), e assim o Verbo *assumiu a condição de um escravo, fazendo-se aos homens semelhante* (Flp 2, 7) em seu seio puríssimo¹¹⁰¹¹¹.

“[...] afirma João Paulo II: ‘...a entrega a Maria tal como apresenta São Luis Maria Grignon de Montfort é o melhor meio de participar com proveito e eficácia desta realidade para extrair dela e compartilhar com os demais umas riquezas inefáveis... Vejo nisto (na escravidão de amor) uma espécie de paradoxo dos que abundam nos Evangelhos, nas qual as palavras ‘santa escravidão’ podem significar que nós não saberíamos explorar mais a fundo nossa liberdade... Porque a liberdade se mede com a medida do amor com que somos capazes’¹¹²¹¹³.”

“Para alcançar esta disposição de suma, total e irrestrita docilidade ao Espírito Santo, que é o Espírito de Cristo, necessitamos que a Santíssima Virgem seja o modelo, a guia, a forma de todos os nossos atos, pelo qual, com todas as nossas forças da alma e do coração, hoje e sempre, digamos ‘Totus tuus’, Maria!’¹¹⁴¹¹⁵.”

Conclusão

Terminamos citando um parágrafo das *Notas do V Capítulo Geral*: “De fato, o carisma pode sofrer modificações ou encontrar-se em diversas situações no curso da história em uma Família Religiosa: pode desenvolver-se nas próprias virtualidades, expandir-se, aplicar-se a novas situações mas também contrair-se, paralizar-se, por exemplo quando começa a prevalecer o acidental sobre o substancial e não há capacidade de adaptação; desvirtuar-se, quando há um crescimento, mas não na direção querida pelo fundador; ou até mesmo perder-se totalmente.

110 “Maria Santíssima é modelo de docilidade à graça divina desde o ‘Fiat’ da Anunciação até a maternidade colorosa no Calvário”; S. JOÃO PAULO II, *Meditação do Angelus* (22 de julho de 1990).

111 *Diretório de Vida Consagrada*, 418

112 Citação de A. FROSSARD em *Não tenhais medo*, Ed. Plaza y Janes, Barcelona 1982, p. 131-132.

113 *Constituições*, 83.

114 São Luis Maria Grignon de Montfort se inspira para esta fórmula em SÃO BOAVENTURA, (inter opera) *Psalt mausus*, Canticum ad instar illius, Is 12 (*Opera omnia* - Vives, Paris 1868) t. 14, 221 a.b.; Cf. SÃO LUIS MARIA GRIGNON DE MONTFORT, *Tratado da Verdadeira Devoção*, n. 216.

115 *Constituições*, 19.

Aqueles que governam, devem aprender a ser fiéis ao carisma e fazer de modo que também os demais sejam: deles, em grande parte, depende o carisma no futuro. Deve ser transmitida uma tradição viva, ou como exprimem as *Constituições*, deve-se ‘fazer escola’. Daqui a grave responsabilidade daqueles que governam um Instituto: o carisma é um dom de Deus à Igreja, que está nas mãos dos Superiores”¹¹⁶.

Mas, deste carisma participam também os nossos leigos da Terceira Ordem. Diz São João Paulo II na exortação pós-sinodal *Vita consecrata*: Os leigos, em virtude da índole secular da sua vocação, refletem o mistério do Verbo Encarnado sobretudo enquanto Ele é Alfa e Ómega do mundo, fundamento e medida do valor de todas as coisas criadas.”¹¹⁷.

Continua São João Paulo II: “Um dos frutos da doutrina da Igreja como comunhão, nestes anos, foi a tomada de consciência de que os seus vários membros podem e devem unir as forças, numa atitude de colaboração e permuta de dons, para participar mais eficazmente na missão eclesial. Isto concorre para dar uma imagem mais articulada e completa da própria Igreja, para além de tornar mais eficiente a resposta aos grandes desafios do nosso tempo, graças ao concurso harmonioso dos diversos dons.”¹¹⁸. A colaboração é útil ou frutuosa baixo *múltiplos aspectos*: “Hoje alguns Institutos, frequentemente por imposição das novas situações, chegaram à convicção de que *o seu carisma pode ser partilhado com os leigos*. E assim estes são convidados a participar mais intensamente na espiritualidade e missão do próprio Instituto. Pode-se dizer que, no rasto de experiências históricas como a das diversas Ordens seculares ou Ordens Terceiras, se iniciou um novo capítulo, cheio de esperanças, na história das relações entre as pessoas consagradas e o laicado.”¹¹⁹.

Nós asseguramos que assim seja com a Terceira Ordem de nossa Família Religiosa .

116 *Notas do V Capítulo Geral*, 4.

117 *Vita Consecrata*, 16.

118 S. JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Vita consecrata*, n. 54.

119 *Idem*. Nos parágrafos 54-56 o Santo Papa da várias precisões sobre a participação e a cooperação dos leigos no carisma e no apostolado dos Institutos Religiosos.

REINADO SOCIAL DE CRISTO —
FORMAÇÃO DE DIRIGENTES LEIGOS

Autor: Pe. Daniel Cima, IVE

Língua original: italiano

Roma (Itália) 1 de agosto de 2019

Gostaria de nesta conferência simplesmente recordar-vos coisas que seguramente são conhecidas pela maior parte de vocês, mas que pela sua importância, creio que convém sempre recordar. Vou dividir esta conferência em quatro pontos e uma conclusão:

1. Cristo quer reinar, mas não somente nos corações particulares, mas também na sociedade.

2. Direito, necessidade e obrigação dos leigos fiéis de fazer apostolado para que Cristo reine.

3. Tomar consciência da urgência desta situação e formar dirigentes leigos para fazer possível este império social de Jesus.

4. Meios para a formação

Conclusão

* * * *

1º Cristo quer reinar, mas não somente nos corações particulares, mas também na sociedade¹

Sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo ao Pai (Jo 13,1), Ele nos deixou dons e ensinamentos preciosos: doou-se a si mesmo na Eucaristia (com seu corpo e sangue verdadeiros), nos deixou o sacerdócio, o mandamento da caridade, etc. Entre os tesouros que nos há deixado Cristo, tem aquele diálogo que teve com o até então prefeito romano, da prefeitura da Judéia, Pôncio Pilatos. O relata o Evangelho de São João:

“Pilatos entrou no pretório, chamou Jesus e perguntou-lhe: “És tu o rei dos judeus?”. Jesus respondeu: “Dizes isso por ti mesmo, ou foram outros que to disseram de mim?”.

Disse Pilatos: “Acaso sou eu judeu? A tua nação e os sumos sacerdotes entregaram-te a mim. Que fizeste?”.

Respondeu Jesus: “O meu Reino não é deste mundo. Se o meu Reino fosse deste mundo, os meus súditos certamente teriam pelejado para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas o meu Reino não é deste mundo”. Perguntou-lhe então Pilatos: “És, portanto, rei?” Respondeu Jesus: “Sim, eu sou rei. É para dar testemunho da verdade que nasci e vim ao mundo. Todo o que é da verdade ouve a minha voz”.

Disse-lhe Pilatos: “Que é a verdade?...”. Falando isso, saiu de novo, foi ter com os judeus” (Jo. 18, 33-38).

Mais claro que isso, impossível! *“Sim, eu sou rei. É para dar testemunho da verdade que nasci e vim ao mundo.”*

Todos aqueles que negam a divindade de Cristo, todos quantos diminuem ou fracassam no modo de conceber a Encarnação, necessariamente negarão a Cristo sua realeza; e é bem lógico que seja assim: se Jesus não é Deus, ou se Deus não encarnou-se verdadeiramente, ou não assumiu tudo o que é autenticamente humano, como poderia esperar um império universal de Cristo? Seria certamente muito pretensioso.

Se, em vez, acreditamos e confessamos que *“o Verbo se fez carne e habitou entre nós”* (Jo 1, 14), e que encarnando-se assumiu tudo aquilo que é autenticamente humano, a coisa muda radicalmente. Não somente é possível que Ele reine, mas é também um dever e urgente

¹ Expresso pelo Papa Pio XI, na Carta Encíclica *Quas primas*, Sobre a realeza de Cristo

(é necessário empenhar-se para “*Instaurare Omnia in Christo*”, isto é renovar todas as coisas em Cristo, como reafirmava o lema do Papa São Pio X).

Para muitos, embora aceitando a exigência de uma realeza de Cristo, esta vem confinada do âmbito meramente privado, individual, aos corações, e nunca estendida ao âmbito social. Parece que nos nossos dias essa falsidade – derivada em última instância de uma inteligência equivocada do mistério da encarnação do Filho de Deus – é amplamente difundida e imposta, quase como um dogma incontestável.

Pio XI já em 1925, com a Carta Encíclica *Quas Prima* (promulgada em 11 de dezembro de 1925), refutava esta tendência laicista emperante que já tratava de diminuir a fé e a realeza de Jesus ao âmbito privado; para este fim, o Papa instituiu a Solenidade de Cristo Rei. Lembrava o Santo Padre como o Seu reino, apesar de ser principalmente um reino espiritual, é um reino universal e social:

“...erraria gravemente o que removesse de Cristo-Homem o poder sobre as coisas temporais, dado que Ele recebeu do Pai um direito absoluto sobre todas as coisas criadas, de modo que tudo está submetido ao seu arbítrio...o domínio do nosso Redentor se estende e abraça a todos os homens... O império de Cristo não estende-se somente sobre os povos católicos...mas, compreende também todos quantos são privados da fé cristã, de tal modo que todo o gênero humano se encontra baixo a potestade de Jesus Cristo. Nem há diferença entre os individuais e o consórcio doméstico e civil, porque os homens, unidos em sociedade, não estão menos baixo a potestade de Cristo do que aqueles que estão enquanto homens particulares. Somente Ele é a fonte da saúde privada e pública: «Em nenhum outro há salvação, porque debaixo do céu nenhum outro nome foi dado aos homens, pelo qual devamos ser salvos»”(Act., 4, 12.)².

É portanto um fato que Jesus quer reinar sobre os corações de todos os homens, seja individualmente, seja também reunidos em sociedade, ou seja o âmbito do seu reino é duplo, pessoal e social.

Advertimos aqui somente uma coisa, para evitar falsas dialéticas os falsos antagonismos, frutos de uma aproximação a uma realidade muito ideológica: não trata-se de propor modos de *triumfalismo*, ou *restauracionismo* (assim como alguns que hoje gostam de estigmatizar seus esforços para que Cristo reine em toda realidade),

2 Esta última realidade vem também lembrada do Diretório de Ordem Terceira do IVE, n. 248 (a partir de agora estará citado como DTOL).

ou de voltar a realizar uma *Cristiandade medieval* que não existe mais (a qual, mesmo com todas as suas limitações e defeitos, não era má...), mas de reconhecer que o senhorio de Cristo sobre a sociedade lhe pertence por direito e que é a nossa salvação, portanto nós devemos impregnar-nos com todas as nossas forças, talentos e engenhosidade que Deus nos deu, para que este direito seja reconhecido e atuado em qualquer lugar.

De fato, mesmo que o Verbo de Deus fez-se homem sem deixar de ser Deus, devemos aprender a ser no mundo, “sem ser do mundo”. Devemos andar no mundo para convertê-lo e não mesclar-nos com ele. Devemos andar em direção ao homem e a cultura humana não para converter-nos neles, mas para curar-los e erguê-los com a força do Evangelho, fazer a mesma coisa que Cristo fez: “suprimiu o que era diabólico, assumiu o humano e comunicou o divino”.

Como Cristo que foi provado em tudo como nós, com exceção do pecado ³, não é portanto aplicável ao pecado, o erro e todos os seus derivados. Antes de batizar deve-se exorcizar; sem conversão, a reconciliação é impossível; sem renunciar ao mal não tem redenção. Não pode haver unidade à custa da verdade. Não há santidade sem limpeza da alma: «santidade significa limpeza»⁴.

2º Direito, necessidade e obrigação dos leigos fiéis de fazer apostolado para que Cristo reine

Jesus querendo reinar sempre e em todos os corações dos homens, não quer impor-se ao modo como fazem os reis terrenos na maioria das vezes, e usando a violência, ameaça, pressão, meias verdades, promessas lisonjeiras, compromissos, etc. Ele quer conquistar os corações e a sociedade humana inteira por atração, ou seja, servindo-se dos homens e mulheres corajosos, pessoas que estão unidas a Ele pelo batismo, por uma vida espiritual e sacramental ativa, mas também pela coerência da vida, pessoas que se atrevam a apresentar a todos o fascínio irresistível da pessoa de Cristo da sua divina doutrina, e assim ganhar para Ele todas as pessoas. Este é um direito, mas também um dever dos fiéis. Nos recorda o Concílio Vaticano II:

³ Cfr. Hb 4,15

⁴ Cfr. PE. CARLOS MIGUEL BUELA, “*L’Arte del Padre*”; IVE Press, New York (2015), *Epilogo*. Em seguida, vem citado somente como “*L’Arte del Padre*.”

O dever e o direito ao apostolado advêm aos leigos da sua mesma união com Cristo cabeça. Com efeito, inseridos pelo Batismo no Corpo místico de Cristo, e robustecidos pela Confirmação com a força do Espírito Santo, é pelo Senhor mesmo que são destinados ao apostolado. ... A todos os fiéis incumbe, portanto, o glorioso encargo de trabalhar para que a mensagem divina da salvação seja conhecida e recebida por todos os homens em toda a terra. ... cada um ponha ao serviço dos outros a graça que recebeu [...] para a edificação, no amor, do corpo todo (cfr. Ef 4,16).

... a recepção destes carismas, mesmo dos mais simples, confere a cada um dos fiéis o direito e o dever de os actuar na Igreja e no mundo, para bem dos homens e edificação da Igreja (Apostolicam Actuositatem 3)

Visto, portanto que o domínio social de Jesus depende de nosso esforço e do nosso empenho, pode-se entender melhor a gravidade de urgência deste direito – obrigação que têm todos os batizados de trabalhar para esta soberania universal, hoje mais do que nunca, em vista do tremendo e devastador processo de secularização em curso. Fazemos nossas as ardentes palavras de São Luís Orione aos seus: “*Quem não quer ser apóstolo, que saia da Congregação: hoje, quem não é apóstolo de Jesus Cristo e da Igreja, é apóstata*”⁵.

Pense como são atuais estas palavras, que - em 1935 - pareciam tão lapidares!

Porém, esta ação apostólica não pode ser uma ação qualquer, nem pode ser informada por qualquer espírito, mas deve ser ordenada, bem concreta e com um espírito bem determinado.

A preocupação de cada católico – sacerdote ou leigo – deve ser a experiência e o testemunho do “conteúdo integral” da evangelização, daquilo que Deus nos pedirá conta: “*A quem muito foi dado, muito será cobrado*”⁶. Aquilo que podemos chamar a dimensão temporal deve ser buscada de maneira secundária e não de maneira principal, já que deve-se buscar primeiro a Deus “*todo o demais vos será dado em acréscimo*” (Mt 6,33).

O homem moderno é infeliz e continuará a ser enfermo porque não busca primeiro a Deus, porque não deixa o pecado que desordena-o com respeito ao seu fim, porque não deixa-se governar por Cristo, porque primeiro o acréscimo e não Deus. E assim, não tem nem acréscimo nem Deus.

⁵ *Carta de Don Orione*, Carta do dia 02/08/1935, Ed. Pio XII, Mar del Plata, 1952, p. 89.

⁶ Lc 12,48.

Eis o porque não encontrará uma solução aos seus problemas de falta de pão, de teto, de paz. E isto durará até que não busque primeiro a Deus, porque só Cristo pode corrigir – também – os problemas temporais do homem.⁷.

Por conseguinte, o empenho de todos os fiéis é fazer que Cristo efetivamente reine, e por isso necessita uma adequada e específica formação, já que a batalha não é fácil.

3º Tomar consciencia da urgência desta situação e formar dirigentes leigos para fazer possível este império social de Jesus.

Tendo em conta tudo que dissemos acima, vejamos que não tudo na formação dos fiéis pode ter o mesmo valor, importância ou urgência, mas que sim é uma prioridade, visto que tenta-se formar pessoas (não robôs), pessoas que têm dentro de si alguns elementos que são mais essenciais e primários e outros subordinados a eles. Assim também deve ser a formação.

a. Elemento essencial e primário da formação

Este elemento inclui diversas dimensões sobre as quais deve voltar-se a formação.

- ***Dimensão sobrenatural.*** Antes de tudo, devemos lembrar que o primeiro e essencial elemento na Igreja e em todo católico – seja católico ou leigo – é a ***dimensão “especificamente religiosa”⁸ ou sobrenatural***, ou vertical, ou teológica, ou eterna, que consiste na nossa relação com Deus, com Cristo e com a Igreja, na pregação do Evangelho, na infusão da graça através da digna recepção dos sacramentos, na busca do nosso fim último, no abraçar a Cruz, no trabalhar para a eternidade, no amar a Deus sobre todas as coisas, em síntese, na santidade, segundo os ensinamentos de Jesus: “*Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo.*” (Mt 6,33)⁹. Considerando disto a primeira coisa que deve buscar na formação de um bom cristão e na união com Deus, ou seja a busca da santidade no próprio estado de vida.

⁷ Cfr. *L'Arte del Padre*, p. 649.

⁸ Cfr. *Evangelii nuntiandi* 32

⁹ Cfr. *L'Arte del Padre*, p. 612.

- **Formação Humana:** para fazer possível esta santidade é necessária também uma boa formação humana para que a natureza não seja obstáculo para a graça nem finja de sustento da graça (como se fosse uma mera condição exterior), mas entre na essência da mesma identidade cristã e torne-se aperfeiçoada pela graça. A formação humana da nossa natureza é o “*fundamento de toda formação. A má inteligência da relação entre natureza e graça é a raiz de muitos males. A graça não destrói a natureza, mas a sana, a eleva, a aperfeiçoa, faz digna e nobre*”¹⁰. Por isso, deve-se formar as potências da alma, inteligência e vontade, para viver com coerência com os princípios cristãos, firmemente enraizados, porque, quem não vive como pensa, acaba pensando como vive.
- **Formar a inteligência:** É necessário formar a própria inteligência. Nós queremos terciários que saibam pensar, com ideias claras, firmes, homens de princípio, que busquem sempre a verdade, o bem e a beleza, que possuam uma inteligência que saiba defender-se sem deixar-se seduzir e sem permitir que se aninhe o menor germe de erro¹¹. Isto não terá êxito sem ter familiaridade com a Sagrada Escritura, sem um vasto conhecimento da doutrina católica, sintetizada no Catecismo da Igreja Católica, sem o conhecimento particular da Doutrina Social da Igreja, etc. É muito importante formar a própria consciência, para que seja pura, sem falsidades e sem justificações.¹²
- **Formar a vontade:** Em um mundo onde tudo é contrário aos valores do Evangelho, devemos caminhar sempre contra a corrente, eis o porque deve-se formar também adequadamente a própria vontade, mediante a prática constante de todas as virtudes e o domínio das paixões, de modo que se busque e escolha sempre o melhor bem. Somente assim poderemos cumprir a nossa missão de ser luz e sal para o mundo. Formar a vontade significa ter um querer que siga com firmeza o bem da inteligência, sem deixar influenciar-se pelas paixões¹³.
- **Formação na disciplina:** Um aspecto da formação humana e espiritual deve ser adquirir uma disciplina de vida, cujo objetivo não é outro que captar o “*estilo*” de Nosso Senhor Jesus Cristo; este estilo são as atitudes que, enquanto Filho, Ele tem com o Pai;

10 Cfr. DTOI, n. 497.

11 Cfr. DTOI, n. 500.

12 Cfr. DTOI, n. 509.

13 Cfr. DTOI, n. 511-517.

devemos agir como seus discípulos. A disciplina é a atitude fundamental do discípulo. É a submissão às regras de vida, para que a verdade seja encarnada na vida dos discípulos. Queremos formar pessoas dóceis à grande disciplina da Igreja, continuada no Código de Direito Canônico, em todas as outras normas eclesiais e dóceis à disciplina particular do nosso Instituto, lembrando o ensinamento: “*apprehendite disciplinam*”: servi a Deus com temor e com tremor exultai; para que não se irrite e não pereçais ¹⁴.

- **Formação para o apostolado:** Jesus Cristo assume uma natureza humana íntegra; realizando ações e obras humanas, para que fosse um homem como nós, da estirpe de Adão, aquele que sofresse a pena do pecado e obrasse a redenção dos homens. A união hipostática faz possível que a pessoa do Verbo possa sofrer e padecer na sua natureza humana para a salvação do gênero humano. E nós, queremos prolongar a Encarnação em todas as realidades, devemos preocupar-nos pelo bem das almas. Devemos fomentar em nós a sede de almas (que tinha o Verbo Encarnado), buscar comunicar aos outros os tesouros de bens que temos recebido: Jesus. Devemos portanto exercitar-nos e preparar-nos adequadamente para os diversos tipos de apostolado, sabendo que para realizar grandes obras apostólicas deve preparar-se para sofrer. O apostolado é cruz, porque o Supremo Apóstolo nos obtém a redenção mediante a dor e o sofrimento, e ninguém é maior que o seu mestre. Deve deixar-se queimar para poder queimar e encender outros fogos (Santo Alberto Hurtado). Por isso deve-se estar pronto para sofrer incompreensões, vitupérios, insultos, ingratidões, ser ridicularizados, para ser como os apóstolos espetáculo para o mundo. É fundamental aprender a trabalhar em equipe, como um corpo, onde cada membro ocupa o seu lugar, sem inveja, sem outras aspirações que aquela de servir para a propagação do Reino de Cristo. Cada um deve colocar os seus dons e talentos ao serviço dos demais.

b. Elemento complementar e secundário da formação dos fiéis leigos

A formação dos leigos deve ter em consideração da especificidade de sua vocação, a qual é a secular. Por secularidade laical entendemos a busca, por parte dos leigos, do reino de Deus tratando com as coisas temporais,

¹⁴ Cfr. Sal 2,11-12.

com as coisas, vocação estão estreitamente unidos, e ordenando as mesmas segundo Deus, contribuindo por assim dizes, desde dentro, ‘como o fermento para a santificação do mundo’¹⁵.

O âmbito da ordem temporal, que compreende a secularidade própria dos fiéis leigos, é vastíssimo, há muito o que fazer. Inclui o bem da vida, da família, da cultura; a esfera da economia e da política; o mundo do trabalho, das artes e profissões; o campo da ciência, da técnica, da ecologia, da comunicação social; os problemas da vida, da ética profissional, da solidariedade, da paz, das instituições, das comunidades políticas; as relações internacionais e o seu desenvolvimento e progresso; a promoção da justiça, dos direitos do homem, da educação e da liberdade, especialmente aquela religiosa¹⁶.

Da exigência que emerge do conteúdo integral da evangelização de trabalhar também na ordem temporal — será sempre subordinado ao eterno como fim último — surge o imperativo para o católico de combater para que Cristo reine na economia, na política, no social, na cultura, ou seja em toda a realidade humana, porque permanece válido, na ordem pastoral, o princípio da encarnação formulado por Santo Irineu: “*Aquilo que não se assume, não é redimido*”¹⁷. Porém, os fiéis não podem assumir sem críticas as realidades temporais, mas sim devem fazer um discernimento atento. Depois de haver exorcizado certas realidades temporais, a Igreja assume tudo quanto seja assumível, e isto é batizado, porque o que Cristo não assume, não é redimido e torna-se um nosso ídolo com velha malícia¹⁸.

O cristão, portanto deve ocupar-se desta realidade do âmbito temporal, mas não como normalmente fazem todos os outros, mas com uma visão sobrenatural, buscando ordenar tudo segundo Cristo. Os fiéis devem ocupar-se das realidades terrenas, para assim poder levar Jesus a todos os lugares: em casas, quartéis, hospitais, sindicatos, universidades, escolas, fábricas, bairros, clubes, municípios, rádios, universidades, escolas, nações, televisão, internet, cinema, várias associações, etc. Nessas questões temporais, cabe aos leigos agir diretamente: o leigo «membro da Igreja, fiel a Cristo, empenha-se a construir o Reino na sua dimensão temporal ... (ali) encontra o seu específico campo de ação... a sua missão fundamental...

15 Cfr. LG 31b; 35b.d; 38; AA, 4a.e.g; 7e.

16 Cfr. DTOI, nn. 348-349.

17 Citato no documento final da Conferência de Puebla, n. 400.

18 Cfr. *L'Arte del Padre*, p. 652.

a sua inserção na realidade temporal e nas suas responsabilidades familiares... »; Bispos, sacerdotes e religiosos, devem tratar a ordem temporal de maneira indireta somente, como conselheiros e diretores espirituais, não devem cair na “tentação de tornarem-se líderes políticos, líderes sociais ou oficiais de um poder temporal”.

A este respeito, é, pois, inaceitável e deve ser totalmente excluído, que os fiéis ocupem-se desta realidade tal como fazem os progressistas sociais, seja em sua variante marxista quanto na sua variante liberal. Deve-se sempre evitar cristãos com “*crise de identidade*”¹⁹, isto é com respostas estereis e com ideologias estranhas ao Evangelho, ideologias que sempre tem como fundo a persuasão – também se não vem explicitamente formulada – da insuficiência do Evangelho de Cristo para resolver os problemas humanos (e assim eles tentam preencher o “vazio presumido” com ideologias, que sempre se revelaram mortais).

4º Meios para a Formação

Os meios para educar serão em relação direta com a pessoa que deverá formar-se, isto é com a sua idade, sexo, estado, condição, capacidade, circunstância, etc. Devemos usar os meios mais idôneos para poder crescer em idade e graça diante de Deus, como o Verbo Encarnado²⁰.

Assim, para as crianças e jovens, deve esforçar-se para que eles cresçam em um clima autenticamente cristão, onde tenha a alegria, divertimento são, altos ideais, onde aprendem a engajar-se e assumir responsabilidades de forma progressiva, experimentando a satisfação de ter feito o próprio dever e sempre realizá-lo com generosidade para com Deus e com o próximo, é isto por amor a Deus. Por graça de Deus, nas realidades beneficiadas em que está presente a nossa família religiosa e onde trabalham nossos missionários, se busca de fazer presente os oratórios festivos, com grupos para crianças e jovens de diversas idades, com grupos de oração com múltiplas atividades que fazem possíveis este tipo de ambiente cristão, onde forma-se humanamente e espiritualmente no melhor modo.

No caso dos adultos, devem esforçar-se para dar bom exemplo aos mais jovens e por isso devem buscar ter uma personalidade sólida, equilibrada e livre, coisa que não será alcançado sem um crescimento real e sério na

¹⁹ Idem, p. 616.

²⁰ Cfr. Lc 2, 51-53.

vida espiritual: sobretudo com a frequência em buscar os sacramentos, colocando a Eucaristia no centro da própria vida, com a vida de oração, com a prática periódica de retiros e dos exercícios espirituais, com a ajuda da direção espiritual, etc. Mas é também, necessária uma formação intelectual, para poder ser sempre “prontos a responder para vossa defesa a todo aquele que vos pedir a razão de vossa esperança”²¹. E, para poder ter um impacto social adequado, é também necessário ser sério e bem formados nas suas obrigações profissionais e laborativas. Em tudo, deve-se buscar ser motivo de edificação para todos, e jamais de tropeço para ninguém: “*Não vos torneis causa de escândalo, nem para os judeus, nem para os gentios, nem para a Igreja de Deus.*”²².

Também os idosos devem continuar a sua formação. A sua vida não perde o sentido, mas pelo contrário, adquire uma maior riqueza porque à experiência de seus anos se somam outras novas experiências que enriquecem. Por isso devem ser um testemunho claro de paciência, sabedoria, caridade, alegria, esperança e valor. Devem estar conscientes de que, mesmo sem se darem conta, muitos estarão atentos ao êxito das suas vidas e, também nestes momentos, devem dar exemplo, como o ancião Eleazar — do qual fala na Bíblia no livro dos Macabeus — que prefere uma morte mais honrada que dar mal exemplo aos jovens²³. A pessoa idosa, com o seu testemunho de perseverança na fé, funcionam como faróis aos mais jovens, para que estes não se percam do caminho reto e não pereçam.

Conclusão

Penso que a grande tentação que fica será sempre aquela que acomodar-se às coisas da terra e não fazer-se responsável das nossas obrigações que enquanto cristãos temos no momento histórico e no contexto cultural onde Deus, em sua providência perfeita, nos colocou. Quando o católico trabalha seriamente para a aplicação concreta da Doutrina Social da Igreja, trabalha para a civilidade cristã e trabalhando por ela se está trabalhando pela extensão do domínio social de Cristo Rei.

Os leigos em todos assuntos temporais devem ser guiados pela consciência cristã, porque nenhuma atividade humana, nem mesmo na ordem temporal, pode ser subtraída do império de Deus.

21 I Pt. 3,15.

22 I Cor. 10,32.

23 Cfr. 1 Mac. 6,18-31.

Assim, o cristão deve ordenar toda a sua vida, privada e pública, segundo Deus, sendo fiel aos seus compromissos batismais.

Esta é a realeza de Cristo, cujo qual falava o Papa Pio XI em *Quas Primas* e que o corajoso e enérgico São João Paulo II Magno, no início de seu pontificado (22 de outubro de 1978), exortou a todos os fiéis a: “*Não tenhais medo! Abri, ou melhor, escancarai as portas a Cristo! Ao seu poder salvador abri os confins do estado e sistemas econômicos como também políticos e vasto campo da cultura, da civilidade, de desenvolvimento. Não tenhais medo! Cristo sabe o que há dentro do homem. Somente Ele sabe!*”

E o mesmo Pontífice reiterava o de Santo Domingos quando, depois de haver exortado a trabalhar para criar um mundo mais humano, acrescenta: “*Não contentai-vos com este mundo humano, fazei um mundo mais explicitamente divino*”.

E este trabalho deve ser animado por um verdadeiro espírito sobrenatural²⁴:

1. Espírito de gratidão: Devemos continuamente render graças a Deus por todos os benefícios recebidos e, de maneira particular, por haver sido chamados por Cristo Rei para estar na vanguarda na luta para dar testemunho d’Ele em todo lugar, a Ele que é o único Libertador do homem. É uma graça imerecida de Deus poder estar neste lugar de combate.

2. Espírito de fortaleza: a vida cristã é uma luta (cf. Ef 6, 10 ss.). Lutamos contra o maligno, portanto, devemos sempre pedir a virtude, o dom do espírito de fortaleza. Aqueles que decidem empreender este trabalho terão um inimigo importante e muito traiçoeiro: o progressismo cristão, seja aquele de origem liberal como também o de origem marxista. Espírito de fortaleza que se identifica com a santidade, porque “*os santos... (são) os dentes da Igreja que tiram os homens do erro*” (Santo Agostinho).

3. Espírito de fé: A importantíssima tarefa de *renovar todas as coisas em Cristo* (Ef 1, 10) pode ser verdadeiramente feito somente se se vai adiante ‘de fé em fé’ (Rm 1, 17), tendo a certeza mais inabalável – que nos dá a fé – que “*por esta via que leva de Cristo ao homem, por esta via na qual Cristo se une a cada homem, a Igreja não pode ser travada por ninguém*”²⁵.

²⁴ Cfr. *L’Arte del Padre*, p. 683 ss.

²⁵ SÃO JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Redemptor Hominis* 13.

Também, deve-se ter presente que o Diabo, para aqueles que não pode fazer o mal o torna estúpido, afastando-o do ideal da luta para instaurar o seu Reino e da corrente principal de vida, comunhão e participação da Igreja Católica, sucedendo assim a deixa-lo só em uma posição cómoda que frequentemente é uma estrada escura e sem saída, deixando fora do rumor do combate.

Devemos defender a nossa fé católica e traduzí-la em obras: “*Hoje, conservamos somente aquilo que defendemos*”²⁶.

Aderimos com todas as forças da nossa alma e do nosso coração a Jesus Cristo, Nosso Senhor, “*Rei dos Reis e Senhor dos Senhores*”²⁷, porque como afirma Santo Tomás de Aquino: “Ele mesmo è todo o bem da Igreja e não há nenhum maior que Ele, nem sequer todos juntos são mais do que Ele só”²⁸, dispostos a dar a vida para que Ele reine porque é o único que tem “palavras de vida eterna”²⁹.

A Virgem Santíssima, Rainha dos Apóstolos, queira formar no seu coração materno aqueles dirigentes e apóstolos dos quais há muita necessidade no nosso mundo e no nosso tempo. Assim seja.

26 CARD. ALBINO LUCIANI, *Illustrissimi*, Madrid 1978, p. 93.

27 Ap 19,16.

28 SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica, Suppl.*, Q.95, a. 3, ad 4.

29 Jo 6, 68.

Português

A ORDEM TERCEIRA SECULAR DO VERBO ENCARNADO

Autor: Irmã Mary Mother of Faith, SSVM.

Língua original: inglês

Roma (Itália) 1 de agosto de 2019

As vezes não vemos os milagres, não que Deus os oculte, senão que porque são tão grandes e porque estamos muito perto deles. As vezes nos esquecemos como a vida sobrenatural tem se convertido, porque o sobre-natural converteu-se numa segunda natureza. Isso foi sem dúvida o caso do pequeno povo de Nazaré nos primeiros anos do Senhor na terra. E creio que isto também pode-se dizer da vida de nossa pequena Família Religiosa, especialmente em seu lugar de nascimento: San Rafael, Mendoza, Argentina. Deixarei que uma de nossas irmãs argentinas conte-nos a história:

“Isto aconteceu em 19851, nós tínhamos 11 malas, 3 crianças (de 2, 5 e 8 anos), 2 cachorros e meus pais ainda eram muito jovens. Compramos uma pequena granja justamente atrás da “Finca” (como chamam o Seminário do IVE na Argentina). Assim foi como conhecemos a Congregação. As vezes víamos os seminaristas pedindo carona, e claro, meu pai sempre se dispunha a levá-los.

Meus pais me puseram num Colégio Católico esse ano. Neste mesmo ano foi que a Argentina começou a discutir sobre a legalização do divórcio. Meus pais não estavam vivendo uma vida de graça neste tempo e fazia muito que não iam à Igreja, mas afortunadamente, estavam a favor da Família e do bem-estar das crianças. Começaram a participar das primeiras “conferencias Culturais Católicas” oferecidas por nossos padres no Colégio Católico local. Ali, os Padres compartilhavam ensinamentos da Igreja sobre o divórcio, a família, etc.

1 O IVE foi fundado no dia 25 de Março de 1984.

E bom, a fé, bem explicada, a Doutrina Católica, bem explicada, começou a desenhar nos meus pais, pouco a pouco, o retorno à Igreja.

Finalmente fomos visitar aos seminaristas da “Finca”. Duas coisas realmente impressionaram a meus pais; uma foi a coerência entre o que eles professaram e como eles viviam, especialmente sua pobreza. A outra foi como “naturalmente” eles ofereciam algo a Deus, que de fato era muito sobrenatural. Lembro-me que eles sempre comentavam como o Padre Buela lhes explicava as coisas, como fez para que as coisas espirituais fossem mais fáceis de entender. Além disso, havia muita alegria, e também espírito de família.

Mas, no começo, as coisas não tinham um regulamento ainda, nada estava escrito! Meus pais não sabiam como tinham que preparar-se para entrar na Ordem Terceira, para converterem-se em “membros oficiais”. Era somente algo que você entendia, *uma impressão, um sentimento. Inclusive quando o Padre Buela disse que todos os familiares de nossos religiosos pertenciam a Ordem Terceira. Meus pais sempre consideraram-se como membros da Ordem Terceira, ainda que não leram uma fórmula escrita num papel*”.

Há muitas histórias como esta. Famílias que deixaram empregos cômodos na cidade, um futuro assegurado, sua reputação ante amigos e companheiros de trabalho, para mudar-se para San Rafael. Queriam criar seus filhos com estes pobres seminaristas e irmãos azuis que, ainda que talvez com batinas sujas ou véus descoloridos, não eram demasiado jovens para ler Santo Tomás de Aquino e não eram tão velhos para brincar com crianças pobres na rua. Estas famílias foram os primeiros membros da Terceira Ordem, seus filhos são, neste momento, missionários nos confins mais distantes da terra. As vezes os milagres são tão grandes e nós estamos muito perto para compreendê-los.

Mas isto não aconteceu uma única vez. Em cada missão nova, ao longo dos cinco continentes, perfeitos estrangeiros, de diferentes culturas, idiomas e tradições encontram nestes sacerdotes e irmãos missionários uma família, não de sangue, mas sim espiritual, uma família religiosa.

Como a família da irmã em San Rafael, eles veem a necessidade dos missionários e sentem-se motivados a ajudar. Proveem-lhes de comida, transporte, um sorriso paciente, uma refeição com a família, conselhos, trabalhos de eletricidade e de encanamento, aulas em todos os idiomas imagináveis. Que pedem em troca? *“Ensina-nos a orar”* (Lc 11:1). Eles pedem formação e direção espiritual. *Tudo isto leva-nos a dizer: “é isso o que constitui a vossa alegria”* (1Pe 1,6), uma razão extraordinária de Esperança.

Argentinos, peruanos, americanos, russos, chineses, filipinos, palestinos, egípcios, papuásios, brasileiros, africanos, espanhóis, franceses, alemães, holandeses, tajiques ou ucranianos: nós nascemos do mesmo espírito. “E o que nasceu do Espírito é espírito”². O entusiasmo inato e a capacidade quase conatural de adotar nossa espiritualidade e estilo de evangelização é um sinal claro e lembrança constante que o trabalho é d’Ele. Deus mesmo preparou obreiros e lançou sementes no campo. Em cada país, estes “Nossos” leigos são os membros fundadores da Terceira Ordem Secular do Verbo Encarnado.

* * * *

O que é a Ordem Terceira Secular do Verbo Encarnado?

O Código Romano de Direito Canônico estabelece que “as associações cujos membros compartilham o espírito de algum instituto religioso, enquanto se encontram na vida secular, levam uma vida apostólica e lutam pela perfeição cristão sob a direção superior do mesmo instituto, chamam-se ordens terceiras”³.

A Ordem Terceira Secular do Verbo Encarnado “é uma associação de fiéis cristãos, cujos membros, enquanto vivem no mundo, desejam compartilhar o espírito de nossa família religiosa para encontrar um caminho seguro e eficaz à sua própria perfeição cristã em todas as áreas da vocação leiga e, através dos apostolados, trabalham pela santificação de todos os povos sob a direção superior do Instituto do Verbo Encarnado e do Instituto Servidoras do Senhor e da Virgem de Matará”⁴

OS MEMBROS DA ORDEM TERCEIRA “DESEJAM COMPARTILHAR O ESPÍRITO DE NOSSA FAMÍLIA RELIGIOSA”

Nós queremos que nossa Família Religiosa não seja guiada por nenhum outro espírito que não seja o Espírito Santo, que através, com, em e por Maria, Ele pode reproduzir em nós o verdadeiro Espírito de Cristo⁵. Nosso Espírito é o espírito de Maria, “*eis a tua Mãe*” (Jo 9,25);

2 João 3, 6

3 *Código de Direito Canônico*, Can. N° 303 http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/eng/documents/cic_lib2-cann208-329_en.html#TITLE_V. Referência: 29 de Junho de 2019.

4 Diretório da Ordem Terceira Secular, N° 4. (Tradução pessoal) Referência: Código de Direito Canônico, Can. N° 303.

5 *Constituições IVE*, N° 17. Rom 8, 9.

um espírito missionário “*ide por todo o mundo*” (Mt 28,19). Este é o espírito de caridade, porque “*vim para trazer fogo à terra*” (Lc 12,49). Este é o espírito de família, que “*que eles sejam um, como Tu, Pai, e Eu, somos um*” (Jo 17,21). Este é o espírito de príncipe porque “*já não vos chamo servos senão amigos*” (Jo 15,15). Nosso espírito é um espírito de sacrifício, “*porque não há maior amor que dar a vida pelos amigos*” (Jo 15,13). Este é um Espírito de Fé na Providência de Deus, porque “*o vosso Pai sabe do que tendes necessidade antes de lho pedirdes*” (Mt 6,8), fé na Eucaristia, porque “*quem come meu corpo e bebe meu sangue permanece em mim e eu nele*” (Jo 6,56), fé na Igreja, porque “*as portas do inferno não poderão vencê-la*” (Mt 16,18), e na pessoa de Pedro porque “*sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja*” (idem), fé na redenção e na força transformadora da Cruz, porque “*aquele que quiser salvar a sua vida, vai perdê-la, mas o que perder a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la*” (Mt 16,25), e fé na Ressurreição de Cristo “*para onde vou, conheceis o caminho*” (Jo 14,4). E porque nosso espírito é todas essas coisas, é mais palpável o espírito de alegria: “*Alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande a vossa recompensa nos céus*” (Mt 5,12).

Compartilhamos nisto um espírito comum, o qual é e deve ser visível e evidente em todas as nossas atividades e em cada um de seus membros.

NESTE ESPÍRITO OS MEMBROS DA TERCEIRA ORDEM DESEJAM: “ENCONTRAR UM CAMINHO SEGURO E EFICAZ PARA A SUA PRÓPRIA PERFEIÇÃO CRISTÃ”⁶.

Nossa Família Religiosa está composta de três ramos: o IVE (sacerdotes e religiosos), as SSVM (religiosas) e a Ordem Terceira Secular (fiéis leigos). Cada rama da nossa Família Religiosa, fiel à sua vocação particular, inspira os membros das outras ramas a esforçarem-se pela santidade própria do seu estado de vida.

Nossos religiosos contam com vocês, os leigos, com suas habilidades pessoais, conhecimento e colaboração na missão. O seu testemunho de Cristo nos edifica constantemente. Na família e na comunidade, em seus sacrifícios diários pessoais pelo bem dos outros, muitos de vocês nos ensinam pelo exemplo do amor tanto do Pai quanto da Mãe, que, quando está arraigado em Cristo, ama o que é seu até final (cf. Jo 13,1).

⁶ *Directorio de la Tercer Orden*, nro 4. (Traducción personal) Referencia: Código de Derecho Canónico, Can. Nro 303.

Os leigos também se beneficiam imensamente pelo exemplo de seus irmãos e irmãs de vida religiosa. A Constituição Dogmática, *Lumen Gentium*, ensina que “aqueles que entram no estado de vida religiosa tendem à santidade por um caminho mais estreito (isto é, pelos votos de pobreza, castidade e obediência), estimulam seus irmãos com seu exemplo”⁷. A profissão religiosa dos conselhos evangélicos “aparece como um sinal que pode e deve atrair os membros da Igreja a um efetivo e pronto cumprimento dos deveres de sua vocação cristã”⁸. Imersos nas coisas do Senhor, a pessoa consagrada “lembramos que “aqui não temos uma cidade permanente” (Hb 13,14), porque “somos cidadãos do céu” (Fp 3,20). A única coisa necessária é buscar a Deus, “o reino e sua justiça” (Mt 6,33), com uma incessante oração pela vinda do Senhor”⁹.

Os membros da Terceira Ordem também são beneficiados pela regra do Instituto. A Regra, ou caminho de vida traçado nas Constituições de um Instituto Religioso, é um “modo seguro e eficaz de perfeição cristã”.

São João Paulo Magno explicou que “quando a Igreja aprova uma forma de vida consagrada ou um Instituto, ela confirma que em seu carisma espiritual e apostólico estão todos os requisitos objetivos para buscar a perfeição pessoal e comunitária de acordo com o Evangelho”¹⁰. Isto significa que todos aqueles que se comprometem com um certo nível de compromisso estável a uma regra religiosa aprovada pela Igreja podem esperar com certeza obter a perfeição da caridade: numa palavra, tornar-se santos.

Nada poderia ser possível sem o cuidado espiritual e sem a orientação dos sacerdotes e religiosos do Instituto do Verbo Encarnado. Como Padres de nossa família religiosa e como cabeça de família, eles têm “a tarefa qualificada e preferencial de zelar que todos os membros da nossa Família Religiosa, as Irmãs Servidoras do Senhor e da Virgem de Matara e a Terceira Ordem Secular, sejam formados no espírito genuíno da nossa Família Religiosa”.

Através do sacramento do seu sacerdócio e de sua fidelidade ao carisma, Cristo santifica toda a Família religiosa.

7 *Lumen Gentium*, 13.

8 *Lumen Gentium*, 44.

9 *Vita Consecrata*, 26.

10 *Vita Consecrata*, 93.

VIVENDO O CARISMA DO VERBO ENCARNADO, OS MEMBROS DA ORDEM TERCEIRA ENCONTRAM O CAMINHO PARA SUA PRÓPRIA PERFEIÇÃO CRISTÃ “EM TODAS AS ÁREAS DE SUA VOCAÇÃO LAICAL”.¹¹

Dentro do estado laical há várias vocações ou chamados de Deus, cada um indicando um caminho particular de santidade. O caminho da humanidade rumo a santidade foi definitivamente revelado quando Jesus Cristo, o Verbo de Deus, uniu nossa humilde natureza humana à sua Pessoa Divina. Cada vocação encontra seu fundamento último na união indissolúvel da humanidade e divindade de Cristo.

A vocação ao sacramento do matrimônio é um sinal externo ao mundo da união de Cristo com seu Corpo Místico, a Igreja. Cristo elevou a aliança matrimonial à dignidade de um sacramento, transformando o vínculo indissolúvel de um homem e uma mulher batizados em uma fonte eficaz de graça. No lar, *“os cônjuges têm a sua própria vocação: ser mutuamente e para seus filhos testemunhas da fé e do amor de Cristo. A família cristã proclama em voz muito alta as presentes virtudes do reino de Deus e a esperança da vida bem-aventurada. De maneira tal, com seu exemplo e seu testemunho grita ao mundo de pecado e ilumina aqueles que buscam a verdade”¹².*

Outros membros dos fiéis leigos estão chamados a entrar numa união similar, não num compromisso de amor estabelecido com outra pessoa humana, mas com o próprio Deus. Esses são leigos consagrados a Deus através de votos ou outras promessas. Esses homens e mulheres procuram seguir e imitar a Cristo mais perfeitamente em uma vida de castidade consagrada. Seu desejo é agradar somente a Ele, em todas as coisas. Alcançam a perfeição da caridade através de uma vida de total serviço aguardando a vinda do Reino dos Céus.

O que ambas as vocações têm em comum, e essa é a característica essencial da vocação laical, é sua natureza *secular*.

“O que caracteriza especificamente o leigo é sua natureza *secular*... Os leigos, por sua própria vocação, buscam o reino de Deus comprometendo-se em assuntos temporais e ordenando-os de acordo com o plano de Deus. Eles vivem no mundo, isto é, em toda e qualquer profissão e ocupação secular. Vivem em circunstâncias ordinárias da vida familiar e social, a partir dos

¹¹ *Directorio de la Tercer Orden*, nro 4. (Traducción personal) Referencia: Código de Derecho Canónico, Can. Nro 303.

¹² *Lumen Gentium*, 35.

quais eles tecem sua própria existência. Para isso Deus os chama, para que, exercendo suas próprias funções e guiados pelo espírito do evangelho, possam trabalhar pela santificação do mundo desde dentro, como fermento.

Deste modo, podem dar a conhecer Cristo aos outros, especialmente através do testemunho de uma vida resplandecente de fé, esperança e caridade”¹³.

A RELAÇÃO DOS MEMBROS DA ORDEM TERCEIRA DO IVE

A Irmandade do Verbo Encarnado

Nossa Ordem Terceira acolhe e abraça em seu tesouro espiritual estas vocações seculares em toda a sua fecundidade e diversidade apostólica. A estrutura dos 3 níveis da Ordem Terceira do IVE corresponde à vocação particular dos membros e ao nível de compromisso que eles desejam assumir dentro da Família Religiosa.

A forma mais ampla de associação com a Ordem Terceira é conhecida como a “Confraria” ou “Irmandade” do Verbo Encarnado. Todos os fiéis leigos católicos ou sacerdotes que, como amigos, benfeitores ou familiares desejam ter alguma participação no espírito de Nossa Família Religiosa, fazem parte deste nível na Ordem Terceira.

Unidos pelos laços de caridade e oração, estes membros buscam dar individualmente um testemunho do Verbo Encarnado, no desenvolvimento do dia-a-dia da vida: na família, no trabalho, na escola, na paróquia e em todas as outras áreas da sociedade ao seu alcance.

“Os leigos, dedicados a Cristo e ungidos pelo Espírito Santo, são maravilhosamente chamados e maravilhosamente preparados para que [...] todas as suas obras, orações e esforços apostólicos, sua vida cotidiana conjugal e familiar, suas ocupações diárias, seu relaxamento físico e mental, se são levados a cabo no Espírito, e até as dificuldades da vida, se forem levadas com paciência, tudo isso converte-se em “sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por meio de Jesus Cristo”. [...] “Os leigos consagram o próprio mundo a Deus”.¹⁴

¹³ *Lumen Gentium*, 31.

¹⁴ *Lumen Gentium*, 34.

Este é o primeiro dever e o apostolado primário do membro da Ordem Terceira, porque não há uma área de nossa vida diária individual que não possa ser santificada e consagrada a Deus. Dito isto, se todos os membros da Ordem Terceira estão conscientes de seu dever inalienável de “*consagrar o mundo a Deus*” e “*torná-lo conhecido por uma vida resplandecente em fé, esperança e caridade*”, também sabem que isto é impossível, ao menos que permaneçam em união com ele. “*Eu sou a videira, e vós os ramos. Quem permanece em mim dará muito fruto, porque sem mim nada podeis fazer*” (Jo 15,5).

Busca-se esta união em quatro formas principais:

1. O cumprimento exato de seus deveres de estado, procurando ser fiel as obrigações para com Deus, sua família, sua sociedade local e o país, custe o que custar.

2. Testemunho autêntico da vida cristã. O fiel cumprimento de nossas tarefas no espírito de fé, esperança e caridade faz que Cristo esteja presente no mundo. “*Os leigos cumprem esta missão da Igreja no mundo, especialmente conformando suas vidas à fé, para converter-se em luz do mundo, bem como ao praticar a honestidade em todos os seus tratos para atrair ao amor, a verdade e ao bom, e finalmente à Igreja e à Cristo. Eles cumprem sua missão também mediante a caridade fraterna que os pressiona a compartilhar as condições de vida, os trabalhos, as tristezas e as aspirações de seus irmãos, com o resultado de que os corações de todos os que estão à sua volta estão silenciosamente preparados para as obras da graça salvadora*”¹⁵.

3. Apostolado da oração. Em qualquer dessas formas, a oração é a primeira fonte de toda ação apostólica. Para os membros da Ordem Terceira, nossa vida de oração deve incluir a participação frequente e atenta no Santo Sacrifício da Missa, devoção Eucarística, devoção à Paixão de Cristo e todas as expressões da verdadeira devoção à Santíssima Virgem Maria, rezando o rosário diariamente, se possível¹⁶.

4. Colaboração nos trabalhos de nossos religiosos. Os leigos de nossa Família Religiosa devem se destacar-se por sua disposição de ajudar material e espiritualmente nossos missionários na grande obra da evangelização. Deste modo, eles buscam a união com Deus através da participação ativa em suas obras.

¹⁵ *Apostolicam Actuositatem*, 13.

¹⁶ *Diretório da Ordem Terceira Secular*, 401-404.

Associações de leigos

Além do compromisso de converter-se em embaixadores de Cristo em sua vida cotidiana, alguns leigos percebem um chamado a um compromisso apostólico mais profundo em nossa Família Religiosa. O segundo grau da Ordem Terceira está formado por movimentos de leigos apostólicos. Aqui, nossa Família Religiosa recebe todos aqueles fiéis entusiastas que querem cumprir o mandamento de Cristo: “ir por todo o mundo e pregar o evangelho”. Essas associações de leigos estão inspiradas por alguns aspectos particulares de evangelização (como educação, política, catequese, devoção ao Sagrado Coração, obras de misericórdia, etc.) e desejam assumir um compromisso apostólico maior e mais centralizado.

Consagração laical

Outros leigos buscam uma participação ainda maior no carisma do Verbo Encarnado. Os membros de primeiro grau da Ordem Terceira se comprometem livremente a uma imitação mais perfeita de Jesus Cristo por meio da castidade consagrada, juntamente com outros votos privados ou promessas. Por meio desses votos, os membros consagrados da Ordem Terceira se abrem a uma participação maior e mais íntima na espiritualidade e no carisma de nossa Família Religiosa. Fortalecidos por uma grande graça de sua especial consagração, gozam dos direitos e deveres próprios de seu chamado. Isto inclui uma intensa vida de oração, leitura e meditação das Sagradas Escrituras, participação na Santa Missa, confissão frequente, direção espiritual, Exercícios Espirituais regulares, etc. Assim, esses membros contribuem grandemente para a fecundidade sobrenatural da Família Religiosa.

* * * *

A Ordem Terceira é “uma parte essencial e constitutiva da Família Religiosa do Verbo Encarnado”. Isto significa que é “parte da natureza mais íntima”¹⁷ da nossa Família Religiosa. Assim como o sangue, os ossos, os pulmões são essenciais para o corpo humano, ou as páginas que fazem o livro, a Terceira Ordem Secular é uma parte essencial e constitutiva da Família Religiosa do Verbo Encarnado.

¹⁷ Constitutivo: Adj, “ser parte da natureza más íntima de uma pessoa ou coisa.” Meriam Webster Thesaurus. <https://www.merriam-webster.com/thesaurus/constitutive>. 29 de Junho de 2019.

Deus, chamando os homens ao sacerdócio do Verbo Encarnado e às mulheres a consagrar-se à vida religiosa nas Servidoras do Senhor, designou uma porção de fiéis para viver sua vocação laical nesta Família Religiosa. E esta família é incompleta sem eles.

A fidelidade ao nosso fim específico exige que trabalhem juntos com os membros de nossa Ordem Terceira e, em geral, com todos os amigos de boa vontade que estão seriamente comprometidos com a urgente tarefa de evangelizar a cultura. A evangelização da cultura é impossível se os leigos não trabalham para transformar com o poder do evangelho aquelas áreas da vida humana que são propriamente suas.

Atualmente, os católicos leigos batizados formam cerca de 99,9% dos membros da Igreja¹⁸. Existem cerca de 1,3 bilhões de leigos e apenas 1.162 milhões de clérigos e religiosos. É claro que o impacto espiritual da Igreja não pode reduzir números; o poder de Cristo é misteriosamente um trabalho nas almas dos homens. De todos os modos, 1,3 bilhões de leigos significa pelo menos 1,3 bilhões de vizinhos, colegas de trabalho, cônjuges, filhos, pais, 1,3 bilhões de pessoas que pagam suas contas, esperando na fila do supermercado, batendo na porta da DMV, educando aos seus filhos, orando fora das clínicas de aborto, dizendo “sim” à vida e “não” à cultura da morte em todas as suas formas.

Como seria o mundo se apenas metade dos 1,3 bilhões de católicos buscassem ser “guiados pelo espírito do Evangelho” para “trabalhar pela santificação do mundo desde dentro como fermento”? “Tornar Cristo conhecido aos demais, pelo testemunho de uma vida resplandecente em fé, esperança e caridade”¹⁹.

Vossa vocação laical vos leva a buscar essas realidades temporais, pessoas, lugares, circunstâncias, que na maioria dos casos são inacessíveis aos religiosos. Os leigos devem aprender a mover-se com a liberdade própria dos filhos de Deus. Não há críticos, não há adictos em televisão, que não jogue a toalha e diga “Não, de maneira alguma estou tocando isso!” Quando nós, católicos, não nos involucramos, adivinhe quem o faz: o inimigo!²⁰ O mundo tem uma necessidade desesperada do verdadeiro e brilhante testemunho próprio dos leigos católicos. Dependemos de vocês para realizar o trabalho de evangelização da cultura.

¹⁸ No ano 2017 o Centro Georgetown de Pesquisa Aplicada no Apostolado relatou 1.313 bilhões de católicos no mundo, dos quais, somente 1.162 milhões pertencem ao clero ou a vida religiosa; menos que 0,1%. <https://cara.georgetown.edu/frequently-requested-church-statistics/> visitado el 30 de Junho de 2019.

¹⁹ *Lumen Gentium*, 31.

²⁰ cf. PE. CARLOS BUELA, “A Ordem Terceira Secular,” vídeo conferencia.

* * * *

Para concluir, gostaria de oferecer-lhes um texto do Padre Nieto, IVE, que expressa de forma mais eloquente a importância de nosso trabalho como uma Família Religiosa para sermos fiéis àquilo que Deus nos confiou.

“Devemos ter em mente que Cristo nos chamou individualmente, mas em ordem a formar uma família, a Família Religiosa do Verbo Encarnado. (O Instituto do Verbo Encarnado), as irmãs Servidoras do Senhor e da Virgem de Matará e os membros da Ordem Terceira em todo o mundo formam na Igreja uma particular Família espiritual com a mesma espiritualidade e com a mesma missão, para ajudar-se mutuamente no cumprimento da vocação pessoal de cada membro. É assim que Deus nos imaginou e essa é nossa identidade. Portanto, nosso seguimento de Cristo é vivido em fraternidade. Isto é, no espírito de um corpo²¹.

Fazer parte de uma Família Religiosa implica, entre outras coisas, que sempre devemos agir como uma família e sempre nos mostrarmos como uma família²².

Sendo parte da Família Religiosa implica, entre outras coisas, que devemos sempre agir como uma família e sempre nos mostrarmos como uma família.

Em suma, nossa vocação como religiosos do Verbo Encarnado implica viver em família: *“amar a própria vocação é amar (...) o instituto, e experimentar a comunidade como a própria família. Amar de acordo com a própria vocação é amar à maneira daquele que, em cada relação humana, deseja ser um sinal claro do amor de Deus, não invadir e não possuir, senão amar e desejar o bem do outro com a própria benevolência de Deus”*²³.

Portanto, atuar como uma Família Religiosa é simplesmente o trabalho constante e fiel em cada um de seus membros (...) de tal maneira que quem nos veja nos reconhecerá através desse estilo característico e particular do Verbo Encarnado. Atuar como uma família também requer unidade de critérios, pelo qual uma boa comunicação é imperativa, já que isso inspira em todos um sentido de responsabilidade compartilhada.²⁴(...)

21 Cf. *Diretório de vida fraterna*, n° 25.

22 Cf. *Constituições*, n° 92.

23 Cf. *Diretório de Vida Fraterna*, 45; op. cit. Congregação para Institutos de Vida Consagrada e Associações de Vida Apostólica, *Vida fraterna em comunidade*. “Congregavit nos in unum Christi amor,” 37.

24 *Diretório de Vida Consagrada*, 388; op. cit. Cf. *Vita Consecrata*, 45.

Tudo isso leva-nos a um serviço generoso e desinteressado na missão, inspirado pela comunhão no mesmo carisma. Isto se mostra, entre outras coisas, ao lutar juntos no esforço missionário, ao dar prioridade aos trabalhos da Família Religiosa, ao sacrificar-se a si mesmo, para que o Instituto possa realizar obras de maior magnitude, ao dispor-se para estar perto e pronto para ajudar, sempre estando disponível para dar uma mão, etc. Em uma palavra, é viver no mais e mais alto da loucura da Cruz²⁵.

E se tudo isso deve ser o curso ordinário de nossa conduta, isso se torna particularmente significativo quando consideramos o momento crucial pelo qual nossa Família Religiosa está passando.

O importante é trabalhar em comum projeto, dando prioridade a trabalhos da Família e aos apostolados que são próprios de nosso Instituto, desenvolvendo-os com grande energia e generosa magnanimidade, esforçando-nos juntos por aqueles apostolados de grande inserção na evangelização. A experiência o demonstra e se vê claramente em numerosos projetos apostólicos que quando todos os membros trabalham juntos, as ramas masculina e feminina e a Ordem Terceira, uma grande força é dada à nossa Família Religiosa, e uma incisividade que de outra forma não poderia ter, e que, além de apoiar e fortalecer muitíssimo a vida e a missão de toda a nossa Família, se converte numa riqueza de bênçãos que nos une ainda mais fortemente.

Deus se comprouve de conceder-nos a grande graça e privilégio de associar [o Instituto do Verbo Encarnado] com as Irmãs Servidoras do Senhor e com os membros da Terceira Ordem por vínculos que são inseparáveis [...] Portanto, é nosso dever nos mostrarmos como uma Família Religiosa, e orgulhosos disso com santo orgulho, para dar testemunho ante o mundo daquilo que somos.

Deus não pode enviar (aos Padres somente) para a missão, como fez com muitas congregações masculinas. Pela grande manifestação de Sua magnificência e de acordo com sua insondável benevolência, Ele nos deu preciosos baluartes na segunda e terceira ordem para ajudar-nos em nossa santificação e na sublime tarefa de evangelização.

[...] Certamente, no apostolado que estamos realizando juntos como Família Religiosa, sendo homens e mulheres limitados, naturalmente nos encontraremos com dificuldades e desentendimentos. Mas, diante disso, devemos ter muita paciência, caridade e magnanimidade,

²⁵ Cf. *Diretório de Vida Consagrada*, 398.

e sempre esforçar-nos para praticar o sábio conselho de São João da Cruz: “onde não há amor, ponhamos amor, e tirarás amor”.²⁶

Permitam-me dizer neste sentido, pura e simplesmente: Nossa Família Religiosa é um tesouro! E um grande presente do céu, com o qual Deus quis enriquecer a Sua Igreja. Devemos fazer isso frutificar e compartilhar com todo o mundo a imensa riqueza que desfrutamos: nosso maravilhoso carisma. Vamos nos dar conta que o mundo necessita de nosso testemunho como uma família religiosa.

Sejamos realmente conscientes da importância do papel da nossa Família Religiosa na missão da Igreja. Deveríamos ser “a boa notícia” que fortemente proclama que o mundo não pode ser transformado sem o espírito das bem-aventuranças²⁷. Quantos benefícios se seguirão disso! Quantas vocações! Quantas almas serão convertidas pelo testemunho do verdadeiro amor sacrificial pela família, que o mundo moderno tanto precisa!²⁸.

26 SÃO JOÃO DA CRUZ, *Obras Completas*, As cartas, para a Madre Maria da Encarnação, OCD, (6 de Julho de 1591).

27 Cf. *Constituições*, n° 1; *op. cit. Lumen Gentium*, 31.

28 PADRE GUSTAVO NIETO, Carta Circular 32/2019. “*Deus o pôs a cabeça de sua família*” Roma- 1 de Março de 2019.

Português

A VIDA E A FAMÍLIA: PONTOS CONCRETOS E URGENTES DA EVANGELIZAÇÃO DA CULTURA

Autor: Dr. Eduardo e Clara Maggiora, terciários do IVE.

Língua original: espanhol

Roma (Itália) de 2 agosto 2019

1. Apresentação Javier

Meu nome é Francisco Javier Maria Maggiora, sou o menor de 15 irmãos. Tenho 12 anos e meus pais, Eduardo e Clara me adotaram quando eu tinha 2 anos. Como podem ver, nasci com uma mal formação em meus braços e pernas que não me permite fazer muitas coisas da vida do dia a dia, e por isso minha família me ajuda em quase todas as minhas necessidades.

Minha deficiência é um grande desafio para mim. Cursei o Ensino Fundamental I em um colégio que fica a uma quadra da minha casa, e a partir deste ano, que comecei o Ensino Fundamental II, sou um “homeschooler”, estudo em minha casa.

O esforço que tenho que fazer para viver pode ser de grande alento para muitas pessoas.

Estou muito agradecido à Deus porque me adotaram. Tenho uma família que com amor me ajuda na vida quotidiana. Por ser uma família católica, conheci a Deus e posso viver minha deficiência com alegria. Além disso é muito divertido ter muitos irmãos.

2. Apresentação da família

Somos Eduardo e Maria Clara, e como escutaram na apresentação, viemos de Bella Vista, Buenos Aires-Argentina, para contar-lhes nossa experiência como pais em uma família católica numerosa com filhos biológicos e adotivos.

Temos 56 e 54 anos, 15 filhos, 2 biológicos – as 2 maiores – e 13 adotivos, uma delas, a de número 11 já está no Céu, como nos disse o sacerdote que celebrou a Missa no dia de sua entrada ao Céu “descansa eternamente em Deus”. Maria Vitória faleceu aos 2 anos e 10 meses de idade, e depois de somente 8 meses de haver chegado em nossa família. Nasceu com 5 meses de gestação por uma tentativa de aborto provocado por sua mãe biológica, e como consequência de seu nascimento prematuro, sofria uma paralisia severa que lhe dificultava muito caminhar e falar, apesar de que durante o tempo que foi nossa filha, aprendeu a dizer “papai” e três dias antes de entrar em coma disse “mamãe”. Faz 18 anos que faleceu, por uma meningite provocada pela contaminação da válvula encefálica que lhe colocaram ao nascer. Por ter chegado em nossa família, recebeu os sacramentos do Batismo e da Confirmação. Pela adoção católica faleceu rodeada de uma família e entrou no Céu.

Como lhes dissemos, nossas duas primeiras filhas são biológicas, a maior, de 31 anos, Maria da Ascensão de Jesus, é religiosa na rama feminina do Instituto do Verbo Encarnado, atualmente missionária no Equador; a que a que vem depois dela, Maria Agustina, de 30 anos, está casada e acaba de ter, no mês passado, seu quarto filho.

Além desta filha religiosa, temos outras duas filhas na rama feminina do Instituto, Maria Vera Luce, de 23 anos, atualmente está no Egito, e Juanita, de 17 anos que está no último ano do Aspirantado Beata Laura Vicuña, em San Rafael, Mendoza-Argentina.

De nossos 13 filhos adotivos, 7 deles possuem deficiências sensoriais, mentais ou motoras, Eduardo de 26 anos, Maria Isabel de 24, Maria del Carmen de 22, Maria Victoria que atualmente teria 20, Alfonso de 20, Camila de 20 e Javier de 12. Os outros 6 são irmãos biológicos da mesma mãe, Maria de 26, Andrés de 25, Maria Vera Luce de 23, Maria Belém de 22, Maria del Pilar de 20 e Juana de 17. Os dois maiores deste grupo de irmãos chegaram a nossa casa porque na justiça não encontravam postulantes para serem seus pais adotivos já que padeciam de uma doença nova, pouco conhecida, e que produzia incerteza a respeito de sua vida

futura, faz 20 anos. O resto de seus irmãos foram nossos filhos por nossa decisão de manter o vínculo entre eles. Atualmente todos superaram o problema de saúde com o qual nasceram. Duas filhas deste grupo de 6 irmãos, quando cumpriram sua maioridade, abandonaram a família depois de muitos anos tratando de criar um vínculo através de uma comunhão de valores que nunca quiseram aceitar. Foram momentos de muita tristeza, preocupação e angústia para todos, porém a família unida e com a ajuda de Deus alcançou superar esses tempos muito difíceis.

Além disso, nos esperamos no Céu 5 filhos que perdemos por dois abortos naturais e três gestações ectópicas (fora do útero), o que aconteceu durante a chegada dos nossos primeiros filhos adotivos.

Como podem ver, pelos 32 anos que estamos casados, mais 5 anos de namoro, nossa família nasce, praticamente, junto ao Instituto do Verbo Encarnado. Aceitamos o convite do Padre Andrés Bonello para dar este testemunho, apesar de nossas limitações, por uma dívida de gratidão com o Instituto e, especialmente, ao seu fundador, Padre Buela, pelo que eles significaram e significam como apoio e segurança para nosso casamento e família.

Tomando as palavras de São João Paulo II no Diretório de Evangelização da Cultura das Servidoras, dizemos que hoje requerem atenção especial e um compromisso extraordinário os grandes desafios em que os amplos setores da família humana correm maior perigo, especialmente na defesa da vida humana em todas as suas etapas, desde a concepção até a morte natural, e a promoção da família baseada no matrimônio. Este é o âmbito dos leigos que têm como vocação própria a busca do Reino de Deus, ocupando-se das realidades temporais, ordenando-as segundo Deus e informando-as com o espírito evangélico.

Os leigos têm a missão de restaurar a família em Cristo.

É por isso que estamos convencidos de que a defesa de toda a vida humana é parte essencial e inevitável da evangelização da cultura.

3. Namoro

Na nossa juventude, há vários anos atrás, sendo namorados conhecemos o Instituto através de um grande amigo, Diego Ibarra, pai de muitos missionários do Instituto, que nos convidou para fazer os exercícios espirituais segundo o método de Santo Inácio de Loyola, com Padre Carlos Buela. Era o ano de 1984.

Se bem que levávamos uma vida de católicos praticantes e tínhamos pensado formar uma família católica, a experiência de exercícios espirituais segundo o método de Santo Inácio, produziram em nossa alma uma conversão que nos levou a repensar sobre nossas vidas e ter como objetivo viver o evangelho de uma maneira radical no âmbito pessoal e em nossa futura vida matrimonial e familiar.

Isso produziu uma mudança em nosso namoro já que começamos a vivê-lo com esse ideal de vida matrimonial.

A partir dos Exercícios Espirituais, entendemos que o namoro católico deveria ser uma verdadeira preparação para o casamento. Durante esses anos, tínhamos que alcançar uma grande capacidade de diálogo, uma profunda amizade e o mais importante, manter a comunhão na Fé, que nós compartilhávamos, mas devíamos aprofundar para poder viver uma sólida vida pessoal e matrimonial sobrenatural que é o que torna possível superar dificuldades, sacrifícios, sofrimentos e desfrutar as alegrias e êxitos vivenciados ao longo da vida de uma família.

Anos mais tarde, compreendemos a importância de buscar permanentemente uma formação espiritual sólida e conseguir um grande conhecimento mútuo durante o namoro que permitiu-nos tomar a decisão, de uma forma natural, sem duvidá-lo, entendendo que era a vontade de Deus, receber como filhos da nossa alma, os nossos 13 últimos filhos, que chegaram a nossa família entre o mês de agosto de 1993 e junho de 2009, com as deficiências e inconvenientes que já lhes contamos.

É por tudo isso que os pais devem preparar os filhos desde pequenos no conhecimento de si mesmos, para que possam cumprir a vocação a qual Deus os chama. Se for para o matrimônio, que quando chegue o momento de conhecer a pessoa que Deus escolheu para compartilhar sua vida, saiba e possa viver santamente esse tempo de namoro católico.

Esse amor dos namorados católicos é espiritual e livre, procura o bem do amado, é generoso até o esquecimento de si mesmo, busca no outro o melhor amigo, é seletivo e, portanto, fiel, e, finalmente, se completa com o Sacramento do matrimônio. (P. Miguel A. Fuentes “Homem e mulher os criou”).

4. Matrimônio

Nós recebemos o sacramento do matrimônio dia 7 de novembro de 1986, festa de Maria Medianeira de Todas as Graças, com a vocação de ter uma família numerosa, nos inspiramos em amigos um pouco maiores que já estavam formando a sua. Ver a vida cotidiana de famílias numerosas teve um efeito contagiante em nós. Depois de 11 meses de casados, nasceu nossa primeira filha, Maria da Ascensão de Jesus, e depois de pouco mais de um ano, nasceu a segunda filha, María Agustina, mãe de nossos quatro netos. Nesse momento, Deus decide que tenhamos nossa primeira cruz familiar.

María Clara fica parcialmente estéril como consequência de uma negligência, depois da cesárea da qual nasceu segunda filha. Isso fez com que houvesse poucas probabilidades de conseguir engravidar, só seria viável utilizando diferentes técnicas de fertilização, que descartamos. Essa renúncia não foi fácil, pois nos ofereceram a possibilidade de poder continuar tendo filhos biológicos, mas com a intervenção da mão do homem.

Durante o namoro, na preparação para o futuro casamento, a formação recebida por boas leituras, os exercícios espirituais mencionados e os bons exemplos de outros matrimonios nos ajudaram a entender que esse amor que nos uniria através do sacramento, tinha que cumprir certas características: ser total, isto é, um amor de corpo e alma, unitivo, unindo nossas diferenças e nos complementando em uma união física, o ato conjugal: “eles serão uma só carne” (Gênesis 2:24), numa união afetiva, mantendo cada um sua psicologia, mas acompanhando efetivamente ao outro, e em uma união espiritual, também tinha que ser frutífera, ajudando-nos a amadurecer como esposos e na procriação dos filhos. (P. Miguel A. Fuentes “Homem e mulher os criou”).

Sem ter ainda a certeza médica de que não poderíamos ter mais filhos biológicos, e movidos pela sede de cumprir com esta finalidade conjugal, iniciamos os tramites para adotar um filho, com certa naturalidade já que nossa vocação de ser pais adotivos é anterior à impossibilidade de ter filhos biológicos. Durante nosso noivado de cinco anos, falamos sobre a possibilidade de adoção. Queríamos formar uma família aberta à vida pelo caminho que Deus dispusesse. Com o tempo, entendemos como Deus vai preparando nossa alma para cumprir a vocação que ele escolheu para nós, enfrentando as cruzes que isso acarreta.

Assim começamos o novo e desconhecido caminho da adoção.

5. A família católica

O ideal da família procede de Deus. O catecismo da Igreja Católica nos ensina que “a família cristã é uma comunhão de pessoas, reflexo e imagem da comunhão do Pai e do Filho no Espírito Santo”. Sua atividade procriadora e educativa é um reflexo da obra criadora de Deus “(CCC 2205). “A família é a comunidade na qual, desde a infância, se podem aprender valores morais, se começa a honrar a Deus e a usar bem a liberdade. A vida familiar é o início da vida em sociedade “(CCC 2207).

O Diretório da Terceira Ordem do Instituto, no número 95, nos diz que a vida de Jesus, Maria e José deve ser o espelho onde se vejam todas as famílias cristãs. Cada vínculo familiar deve imitar a Sagrada Família, imitar as virtudes de seus membros, com suas próprias peculiaridades, e reviver seus exemplos para que cada lar seja uma reedição de Nazaré. À semelhança do sagrado lar, devemos chegar a fazer de Cristo o centro de toda família humana. Só então nossos lares serão plenamente alegres e encontrarão a verdadeira felicidade, pois eles imitam o matrimônio mais feliz do mundo.

A vida sacramental, através especialmente dos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação, alcançam para as nossas famílias, a santidade à qual Deus nos chama. A missa em família, tanto quanto possível, com todos os presentes, domingos e festas da Igreja, e também importantes datas familiares, fortalecem a vida familiar.

Também através da oração familiar é que poderemos ir aproximando-nos da Sagrada Família e assim fazer o bem e poder salvar-nos: “*Sem Mim nada podeis fazer*” (Jo 15,5).

Jesus nos diz: “*Em Verdade vos digo, que se dois de vós se unirem na terra para pedir qualquer coisa, meu pai que está no Céu dará a vós. Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles*” (Mateus 18,19).

O conteúdo dessa oração é a própria vida da família. A família pede em sua felicidade, mas também pede no meio de sua dor.

Como lhes contávamos anteriormente, Maria Clara, depois do nascimento da nossa segunda filha, é parcialmente estéril. Então, como acontece nessas situações, lhe fazem estudos, análises, etc.

Antes de um dos estudos que se definiriam as possibilidades que tínhamos para seguir sendo pais e, assim, cooperar com Deus no milagre

que significa trazer um novo filho ao mundo, e com a angústia que produzia a possibilidade de não poder dar mais vida e não poder continuar a vocação tínhamos de formar uma família numerosa, decidimos ir em família ao Santuário Nacional da Virgem de Luján, que fica a 40 quilômetros da nossa casa. Lá, junto com nossas duas filhas pequenas de frente a nossa Mãe de Luján, padroeira da nossa Pátria Argentina e do Instituto do Verbo Encarnado, pedimos o milagre da solução desse problema que nos impedia de ter filhos ou a resignação ao que Deus dispusesse que, como aconteceu logo depois, que não seria o caminho da paternidade natural. Pedimos aceitar a vontade de Deus nos sinais visíveis e cotidianos, que foi o que marcou as futuras adoções de nossos filhos.

Estar atento a esses sinais permitiu-nos compreender qual era a vontade de Deus em cada situação de adoção que nos foi apresentada. E assim nossa família numerosa se foi formando.

A vontade de Deus é nossa santificação. Na primeira carta aos Tessalonicenses (4,3), São Paulo nos chama cristãos e, portanto, a família, à santidade. É por isso que quem deixa a sua vida pela santificação do seu cônjuge e seus filhos, não perdeu a vida apesar de que seus resultados, pareça que sim. Pelo contrário, a ganhou porque: *“Ele guardou o céu”* (Mateus 6:20).

Esse primeiro movimento que Deus impulsionou na nossa alma de ir pedir conforto a sua Mãe e socorro diante de uma necessidade familiar, nos ajudou a entender que só iríamos encontrar a força e o sustento da nossa família em união com Cristo e sua Mãe através da oração.

Quando recebemos a triste notícia das escassas possibilidades de continuar tendo filhos, começamos a novena ao Menino Jesus de Praga que rezávamos em família, tornou-se permanente e durou vários anos e incluiu várias intenções que até hoje nossas filhas mais velhas se lembram, entre as mais importantes era “ter muitos irmãozinhos”. Obviamente essa oração deu muitos frutos. Foi uma oração familiar que Deus ouviu, nos dando filhos e irmãos para nossos filhos.

Houve muitas ocasiões na vida familiar que serviram para tornar a oração algo natural e necessário para a família. É reconfortante, como pais, ver que, diante de alguma necessidade ou agradecimento a um favor de Deus, um membro da família recorre à oração.

Isso nos mostrou que os principais educadores em oração somos nós, os pais, ensinando nossos filhos a rezar, mas também dando-lhes exemplo na oração.

Deste modo, a oração torna-se algo próprio da família e produz os frutos da pacificação, se torna parte das atividades cotidianas de uma família: a bênção da mesa, o rosário diário, a adoração eucarística e a Santa Missa.

O abandono à vontade de Deus sustentado pela oração foi o que transformou nosso amor que era estéril, em um amor frutífero.

Compreendemos que o amor assim entendido é um mandato divino: *Procriai-vos e multiplicai-vos, Enchei a terra...* (Gn 1,28).

Todo amor dos esposos deve dar frutos e o que não dá, é um amor morto.

A questão é se esse fruto necessariamente tem que ser a vida dos filhos.

A resposta é sim. A vida humana é o fruto próprio do amor conjugal. O catecismo diz: “A criança não vem de fora para acrescentar ao amor mútuo dos cônjuges; brota do próprio coração desse dom recíproco (CIC, n°2366).

São João Paulo II diz que a fertilidade é fruto e sinal do amor conjugal (Familiaris Consortio, 28).

A fecundidade é a coisa mais sagrada que o homem e a mulher têm, na medida em que se assemelham ao poder criador de Deus.

Nós, os pais, colocamos as condições para que uma concepção seja dada através do ato conjugal, mas de cada ato não necessariamente segue uma nova vida. Esse mistério é um marco essencial para todo nascimento, porque nos lembra que não podemos programar um filho já que este depende de nós e de Deus, que criará e infundirá a alma.

Esse mistério nos recorda que o filho é um dom, um presente de Deus.

A igreja, que é a favor da vida, ensina que todo ato matrimonial deve estar aberto à transmissão da vida (CIC 2366).

Esta finalidade e abertura para a vida se traduziram, no nosso caso, na adoção de nossos filhos, que, portanto, têm uma base sobrenatural e consequências sobrenaturais.

O Salmo 26 diz: “Se meu pai e minha mãe me abandonarem, o Senhor me acolherá”. Deus nunca nos abandona. Menos ainda vai abandonar uma criança indefesa, uma alma criada por Ele, uma alma que tem que cumprir o plano que Deus preparou para ela desde toda a eternidade. Mas a alma de uma criança precisa de pais, e é aí que os pais adotivos aparecem, como colaboradores de Deus para o cuidado e a formação da criança.

Assim, o pai adotivo cumpre a missão procriadora e educativa dos pais biológicos que é reflexo da obra criadora de Deus e esta é sua missão (CCC N° 2205).

Esta colaboração com Deus, nessa missão, tem o propósito de educar o filho para a salvação de sua alma e assim entendemos que, como pais adotivos, estávamos cumprindo com o fim que a Igreja nos pede de formar uma “família cristã, evangelizadora e missionária”. (CIC 2205).

Ser pais adotivos exigiu que nos concentrássemos em uma dimensão de paternidade que muitas vezes não é levada em conta.

É a dimensão puramente espiritual da paternidade, onde só se encontram duas almas. No caso da adoção, é a única coisa que une pais e filhos, enquanto que na ordem biológica deve ser o principal e às vezes não é.

Como a Igreja nos ensina, merecem especial menção aqueles que, de comum acordo, bem ponderados, aceitam com magnanimidade uma prole mais numerosa para educá-lo com dignidade (Gadium et Spes, 50).

É verdade que os pais devem responder de forma responsável, mas a responsabilidade não significa menos filhos, pode querer dizer muitos. Deus não se deixa ganhar em generosidade. É verdade que os pais de famílias numerosas não pode acumular dinheiro, mas se formam uma família verdadeiramente católica, se esforçando em viver as virtudes cristãs, imitando a nosso Senhor, nada lhes faltará.

“Olhai para as aves do céu: não semeiam nem colhem nem armazenam em celeiros; e seu pai celestial os alimenta. acaso vós não valeis mais do que eles?” (Mt 6,24-34). Não vale mais a família onde cresce física e espiritualmente o homem criado por Deus?

Foi o que aconteceu em nossa família quando tínhamos 7 filhos e o conselho tutelar avisou que tinham encontrado 3 irmãs de 4, 2 e 1 ano que eram irmãs de dois de nossos dois filhos.

Recebi o telefonema quando Maria Clara acabara de começar a fazer exercícios espirituais. Quando ela saiu recebeu a notícia, mas Deus já havia preparado sua alma para a decisão que devia tomar, porque o padre durante uma das pregações disse as exercitantes que Deus, na vida espiritual, nos pede para dar saltos. Ele nos acompanha neste saltos com sua Graça e o que nos parece um salto, não o é, porque Deus sempre nos sustenta.

Obviamente, nós aceitamos o desafio que Deus nos oferecia, apesar de alguns comentários contrários à nossa decisão, como também aconteceu com outras adoções.

De um dia para o outro, temos 10 filhos. Deus se encarregou como sempre, de que nada nos faltasse. E pela nossa decisão, Deus nos abençoou com uma filha religiosa, Vera Luce, a maior das três novas irmãs que tinham chegado e que está aqui presente. Vera Luce nos agradeceu, no dia em que fez seus primeiros votos, e nos disse: “Se vocês não tivessem me adotado, eu possivelmente não teria descoberto minha vocação”. A última deste grupo de 6 irmãs que vieram depois, sendo um bebê de 1 mês e meio, também está aqui, é Juanita, que está em seu último ano no Aspirantado da Argentina, como já lhes disse. Outra bênção de Deus.

Podemos deixar de cumprir o fim do matrimônio por medo da falta de dinheiro e dizer à nossa alma: “Descanse, coma, beba, faça um banquete”? Não, devemos ter o santo medo de escutar: *“Tolos, nesta mesma noite, eles reivindicarão a vossa alma”*(Lc.12, 13-21)?

Deus nos dá um certo tempo para ter filhos. Nós não temos que especular, porque o tempo que passa, não volta.

O ato dos pais de dar a vida a um filho não se esgota no momento do nascimento. Em cada momento de nossa vida nós lhes damos vida. Desde que se é pai e mãe, você deve continuar com este trabalho 24 horas por dia, todos os dias que nos resta da vida. Trata-se de uma renúncia de nós mesmos para cumprir a vontade de Deus.

Enquanto estamos na estação reprodutiva, devemos estar vigilantes para evitar que nossa vida social e interesses pessoais tomem o tempo que nossos filhos necessitam de nós. Dar vida por nossos filhos consiste em resignar nossos interesses para atender aos deles. Quando os filhos se tornam grandes e independentes e têm suas vidas, os pais podem mais uma vez ter um tempo que pensamos ter perdido. De qualquer forma, nesta fase, e com uma responsabilidade diferente, mas também dando o nosso tempo, podemos acompanhar nossos filhos na criação de nossos netos. E se Deus nos abençoa com um filho deficiente, teremos a oportunidade de compartilhar a cruz de Cristo que nosso filho carrega para o resto de nossas vidas.

E como foi que nossa família adotiva se tornou numerosa?

Assim como estávamos determinados a ter os filhos biológicos que Deus nos enviasse, da mesma forma vivemos a adoção sem colocar condições. Nossos primeiros filhos adotivos tinham deficiências físicas ou doenças. Isso motivou nossa família a ser uma possibilidade concreta de um lar para uma criança que, por sua saúde ou idade, tivesse menos possibilidades de ser adotada. Foi assim que começamos a receber telefonemas de tribunais de família e equipes de adoção perguntando se queríamos adotar essas crianças ou se soubéssemos de um casamento católico que “pertencesse a nossa paróquia” e que quisesse adotar um filho, como nos perguntou uma vez uma juíza. Muitas dessas chamadas terminaram em nossas adoções, como no caso de Javier, aqui presente.

A integração de nossos filhos adotivos com suas duas irmãs mais velhas, nossas duas filhas biológicas, foi imediata. Para isso, foi fundamental a formação religiosa que eles foram recebendo desde muito pequenas, compreendendo que a felicidade do homem está em cumprir a vontade de Deus.

Santo Tomás nos diz que “ não atinge a virtude aquele que segue suas paixões”. Por isso que devemos formar virtuosamente a vontade e a afetividade de nossos filhos. Como pais, somos obrigados a conhecê-los profundamente, para poder guiá-los na aquisição das virtudes necessárias, segundo o temperamento de cada um.

Para conseguir isso, é essencial um ambiente familiar propício. No nosso caso, como muitas vezes acontece em famílias numerosas, a conformação de nossa família ajudou muito para o crescimento nas virtudes de alguns dos nossos filhos que souberam aproveitar desse ambiente. A vida dentro da grande família, guiada pelos ensinamentos da Igreja, é terra fértil onde cresce com naturalidade a generosidade e a austeridade de um modo particular, ao contrário do individualismo e do consumismo que se observa cada vez com maior intensidade e que nos oferece o mundo. Pudemos comprovar isso em centenas de situações cotidianas que aconteceram em nossa família. Lembramos de situação muito especial: tivemos 7 filhos que dormiram todos juntos no mesmo quarto. Com grande esforço, poderíamos ampliar a casa e fazer mais dois quartos, o que permitiu que as duas filhas mais velhas que estavam vários anos de diferença do resto e estavam cursando a escola primária, poderiam ter seu próprio quarto, que era o maior e que organizaram com muito esmero.

Quando eles tinham acabado de estreá-lo 15 dias atrás, nos ligaram de um Conselho Tutelar para nos informar que as três irmãs que falamos anteriormente haviam aparecido. Como lhes contamos, as adotamos e, em seguida, o novo quarto de nossas duas filhas mais velhas passou a ser compartilhado pelas 6 filhas mulheres e as duas maiores passaram a ocupar o menor cômodo da casa com total naturalidade e sem qualquer protesto. Certamente sofreram, mas o aceitaram, porque era algo natural, normal, dentro da família. Hoje elas têm 31 e 30 anos e sempre se lembram dessa história e agora para elas é muito engraçado.

O fato de que essas virtudes se deem na família não significa que todos os seus membros as aceitem ou as vivam. Aqui uma cruz particular pode ser apresentada para nós pais, com atitudes de alguns de nossos filhos que não aceitam esse modo de vida.

O mundo não está preparado para a família numerosa. Isso causa desconforto e nos obriga a uma luta constante, principalmente por parte dos pais, para resolver os problemas de funcionamento familiar na vida cotidiana. Muitas vezes a imaginação dos pais ajuda a resolver esses problemas. Esses desconfortos familiares fazem da austeridade um estilo de vida familiar.

O fato de que a família numerosa esteja formada por muitos membros significa que as necessidades também serão muitas. Isso na maior parte do tempo, leva os integrantes da família a estarem atentos a essas necessidades.

No caso de nossa família, as necessidades são ainda maiores, pois vários de nossos filhos têm alguma deficiência e precisam de mais ajuda de seus irmãos.

Outro tema ao qual gostaríamos de dedicar algumas palavras é o da família como formadora de vocações para a vida sacerdotal e religiosa. Obviamente, o exemplo matrimônio de nós os pais, ajudará as crianças que são chamadas por Deus ao matrimônio a descobrir sua vocação, mas não podemos descuidar da vocação daqueles filhos que Deus chama a vida consagrada. Devemos apresentar essa vocação com a naturalidade que provoca a proximidade a jovens que se consagraram ou se preparam para isso. Temos a certeza de que nossas frequentes visitas a San Rafael, Mendoza, que fica a 1000 quilômetros de nossa casa localizada em Bella Vista, com a freqüente participação de nossos filhos desde pequenos nas atividades que o Instituto propõe para os jovens ou para a família, para alguns de nossos filhos, tem sido a semente de sua vocação.

O esforço dessas viagens familiares, naqueles tempos de muitos membros pequenos, deu seus frutos.

Uma vez que a vocação por nossos filhos tenha sido decidida, não devemos obstaculizá-la com razões puramente humanas. Aconteceu-nos que quando Maria da Ascensão de Jesus, aos 14 anos, nos pediu para entrar no Aspirantado, como sabemos que acontece muitas vezes, pareceu-nos que ela ainda era pequena e também foi um bom exemplo para o resto de seus irmãos como irmã mais velha, dissemos a ela que teria que esperar alguns anos, que ela ainda não podia entrar. Alguns meses depois dessa decisão, nossa filha Maria Victoria faleceu, que na época era a menor dos nossos filhos, e tivemos o mesmo pensamento: Deus leva os filhos quando Ele dispõe. Porque não entregar-lhe uma filha a Ele quando Ele a pede.

Depois de dar esse filho a Deus e especialmente se é pequeno, devemos acompanhá-lo material e afetivamente para o resto da nossa vida.

Nossos filhos religiosos deixam suas vidas por Cristo, escolhendo incomodidade e o sacrifício. Essa decisão muitas vezes nasce de nossos ensinamentos durante toda a infância, de modo que “acompanhá-los” só é possível sendo coerente com nossos ensinamentos, vivendo longe do mundo e da comodidade que isso nos oferece. Viver como eles “escolher desconforto e sacrifício” é um grande apoio à perseverança deles.

Podemos dizer: “mas Deus não me pediu tanto”. Deus sempre nos pede sempre um pouco mais, temos que estar atentos para escutá-lo e dispostos a dar-lhe tudo o que Ele nos peça.

Estamos convencidos de que a família católica, se se decide viver radicalmente o Evangelho, deve aceitar a missão que Deus lhe pede, mesmo que implique muitas cruces, da mesma forma que uma pessoa consagrada aceita a missão no lugar que Deus disponha, mesmo quando implica muitas cruces. Em suma, trata-se apenas de cumprir a vontade de Deus, tanto para o religioso quanto para o matrimônio cristão.

6.- Caridade na família

Antes dissemos que como família, devemos cumprir a vontade de Deus para nossa santificação. Nossas famílias alcançam a santidade se vivem a Caridade. Mas não de qualquer modo, senão como caridade heroica vivida em plenitude, imitando os primeiros cristãos que se distinguiam pelo amor que tinham.

Para viver essa caridade, cada família deve encontrar o caminho que Deus lhe estabelece.

No nosso caso, como estamos dizendo, foi formar uma família numerosa por meio da adoção.

Esta decisão é um ato de amor a Deus e ao próximo, isto é, um ato de caridade sobrenatural e é por isso que a adoção terá seus olhos postos no céu e todos os bons ou maus eventos da vida familiar encontrarão sentido em Deus, e Além disso, o vínculo familiar crescerá por causa da graça de Deus.

Além disso, a adoção é um ato de caridade que nasce por uma cruz. É uma consequência dessa cruz que significa esterilidade, e por isso se trata de um pedido que Deus nos faz de uma enorme renúncia, a todos os filhos que poderíamos ter.

E essa decisão de ser pais adotivos, tomada depois de assumir a cruz, é sobrenatural, o que ajudará a superar alguns problemas difíceis que possam surgir no relacionamento com o filho adotivo.

Para tomar a decisão de adotar, primeiro devemos lamentar a incapacidade de não poder ter filhos biológicos, com resignação à vontade de Deus. Se trata de uma cruz que tem que se tornar uma tábua de salvação. Como resultado dessa cruz, estamos tomando uma decisão difícil, mas uma decisão que, nas mãos de Deus, servirá para o crescimento espiritual e trará alegria e felicidade para a família.

É muito importante que os pais adotivos tenham aceitado a impossibilidade biológica de ter filhos e tenham sido capazes de vislumbrar, com visão sobrenatural, a maravilhosa adoção. É muito difícil ajudar a criança adotada a entender seu abandono, se não tivermos isso muito claro. O abandono de seus pais biológicos, para o filho adotivo, é claramente uma cruz e uma grande cruz, muito mais pesada que a dos pais adotivos.

Em qualquer caso, e além do peso e magnitude das cruzes, em ambos os casos há uma solução para pais e filhos: levar a cruz de Cristo juntos.

É verdade que pode haver casos de casamentos que tomam a decisão de adotar sem ser infértil. Mas o chamado de Deus é visto com maior clareza naqueles que, com vocação matrimonial e, portanto, procriativos, veem sua paternidade biológica impedida por causas estranhas a eles.

Os pais adotivos são a garantia de uma família para as crianças cujas mães desejam abortar. Como Madre Teresa de Calcutá disse em Washington em

1994 perante a classe dominante norte-americana: *“A criança é um presente de Deus para a família. Peço-lhe, por favor, não matem as crianças. Eu amo essas crianças: Dê-as para mim”*

Se, ao adotar uma criança, nos tornamos colaboradores de Deus quando assumimos uma paternidade que foi abandonada, se a criança abandonada é deficiente, essa colaboração é especialíssima.

Porque a dor e o sofrimento de uma criança inocente por causa de sua deficiência tem um grau de afinidade com o sofrimento de Cristo.

Padre Gnocchi, em seu livro “Pedagogia da Dor Inocente”, apresenta sua tese que pode ser resumida da seguinte forma: “as crianças são capazes de perceber, com uma pureza sem igual, o sentido altíssimo de seu sofrimento quando se unem aos de Jesus Cristo e por compreender este profundo sentido, o sofrimento assume um valor incalculável para eles e canaliza um rio de graças superabundantes para a Igreja e para o mundo inteiro”. O padre Gnochí também diz que, como as crianças não são capazes de descobrir esse mistério sozinhas, é necessário educá-las no sentido da dor. É nossa missão como pais ensinar aos filhos pequenos que sofrem, a finalidade suas penas e o modo de enxertá-las em Cristo.

Portanto, a adoção de uma criança com deficiência nos concede o privilégio de receber alguém que Deus escolheu para participar do sofrimento inocente de seu Filho na economia cristã da expiação dos pecados pelo sofrimento dos inocentes. E sendo os pais adotivos daquele filho escolhido por Deus, podemos participar como pais, educando-os e formando-os para que seu sofrimento tenha sentido.

7. A Mãe

O segredo para que a família católica e numerosa seja possível, é a presença constante da mãe no lar. Madre Teresa diz que a mulher foi criada para amar e ser amada, e para ser o centro da família. Se há problemas sérios hoje, é porque a mulher deixou seu lugar. Quando o filho volta para casa, sua mãe não está lá para recebê-lo.

Desde pequenas nós mulheres escutamos nos ambientes em que nossas atividades são realizadas, que devemos ser mulheres atuais e muito independentes, para estudar uma carreira, e portanto, é um desperdício que uma vez casadas estejamos trancadas em 4 paredes. Nós mulheres que decidimos livremente e com o apoio de nossos maridos, entregar-nos de corpo e alma à criação e educação de nossos filhos, somos tomadas como

pobres mulheres, afastadas do mundo, exploradas, desvalorizadas, não temos jeito, e só saímos de casa para ir ao supermercado. Se ficamos em casa é para fazer um trabalho rotineiro e medíocre que qualquer um pode fazer, igual ou melhor do que nós mesmas. O que vai ser de nossas vidas quando nossos filhos crescerem e não precisarem de nós?

Muitas vezes, a família da mulher que trabalha, vive com um único salário, já que a dela é geralmente gasto em despesas de viagem, creches e outras coisas que não seriam necessárias se ela ficasse em casa. Em muitos empregos, as mulheres passam o dia inteiro trancadas em um escritório, fazendo trabalhos que não envolvem nenhuma criatividade, são rotineiras, saem de casa à noite e voltam à noite, e cansadas, sem vontade de realizar as tarefas de sua casa e de dedicar tempo a sua família.

Enquanto a ideia mais generalizada do mundo é considerar os trabalhos da casa, a criação e a educação dos filhos, como algo servil e desvalorizado, muitas mulheres continuarão a escolher trabalhar fora de casa, embora isso seja em detrimento de suas famílias

Mas muitas outras de nós temos escolhido como uma possibilidade livre e responsável, muitas vezes com uma preparação acadêmica, trabalhando na parte oculta da casa, onde não somos vistas ou ouvidas, criando e educando nossos filhos.

Queremos que a sociedade influencie nossos filhos ou que nossos filhos influenciem a sociedade na qual eles vivem para a maior glória de Deus?

Ao afastar-se da opinião que tem o mundo da dona de casa e mãe de uma família, vemos na experiência da vida cotidiana, que cuidar da nossa casa e, acima de tudo dos nossos 24 horas por dia, apesar de ser muitas vezes um trabalho esmagador, uma renúncia à própria vida e chegar a ser muito estressante, vale a pena, é uma tensão natural da vida.

Assim como o nascimento dos filhos produz uma dor cheia de esperança, alegria, amor e milagre, é a dor da vida que começa, então trabalhar em casa, mesmo que doa e canse, constrói um pedacinho do Céu na terra que é a família cristã. (Ideias tiradas do livro “Pequeños pasos” de Paloma Storch).

Vocês mulheres têm sempre como missão, a guarda do lar, o amor das fontes da vida, o sentido do berço. Você está presente no mistério da vida que começa, conforto na partida da morte. Nossa técnica corre o risco de se tornar desumana. Reconcilie os homens com a vida e, acima de tudo,

velai, imploramos, pelo futuro de nossa espécie. Pare a mão do homem que em um momento de loucura tentou destruir a civilização humana. Esposas, mães de família, primeiras educadoras do gênero humano, no segredo dos lares. Transmita aos seus filhos as tradições de seus pais ao mesmo tempo em que vos preparais para o futuro insondável. Lembrai-vos sempre de que uma mãe por meio de seus filhos, é parte deste futuro que ela provavelmente não verá. (Clausura do Concílio Vaticano II).

8. Conclusão

Podemos concluir dizendo que nós, os pais, como responsáveis pela família católica, temos a grande responsabilidade e extraordinária missão de evangelizar a cultura, defendendo toda a vida humana desde a concepção até a morte natural, em nosso âmbito própria, a família..

Também queremos dizer que nossa vida familiar só foi possível e continuará sendo pela graça de Deus. Ele é o artífice da nossa família. Ele a tinha pensada e desenhada desde sempre, nossa função é estar atento aos sinais, para poder cumprir sua vontade e que por nossas misérias, erros e equívocos se torna visível a perfeita e poderosa mão de Deus sem a qual nada é possível.

Português

Homilias

O AMOR PELA IGREJA

Autor: Pe. Diego Pombo, IVE.

Língua original: italiano

Roma (Itália) 30 de julho de 2019

É o tema desta primeira homilia.
Não queremos outra coisa que amar e servir a Igreja.

Dizem as nossas Constituições: “Queremos amar e servir, e fazer amar e fazer servir Jesus Cristo: ao seu Corpo e ao seu Espírito. Tanto ao Corpo físico de Cristo na Eucaristia, quanto ao Corpo místico de Cristo, que é a Igreja”.(Constituições n° 7)

I. QUEREMOS AMAR A IGREJA:

1. Porque é o Corpo Místico de Cristo

Que a Igreja seja um corpo, o afirma claramente São Paulo. “Cristo— diz o apóstolo— é a cabeça do corpo, da Igreja”. (Col. 1,18).

Se a Igreja é um corpo, é necessário que esse seja uno e indivisível, que tenha uma cabeça e membros: “Todos nós— ele diz— em um só Espírito fomos batizados, para formar um só corpo, judeus ou gregos, escravos ou livres; e todos fomos impregnados do mesmo Espírito”. (ICor. 12,13).

“Pois, como em um só corpo temos muitos membros e cada um dos nossos membros tem diferente função, assim nós, embora sejamos muitos, formamos um só corpo em Cristo, e cada um de nós é membro um do outro”. (Rm. 12, 4-5).

“Não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo”? (ICor. 6, 15).

Assim como amamos a Cristo, a Sua única Pessoa em duas naturezas: divina e humana, amamos também Cristo realmente presente na Eucarístia, e o amamos também no Seu corpo místico que é a Igreja.

2. Porque é nossa mãe

a. Deu-nos à luz: Deu-nos à luz a vida sobrenatural com o batismo. Com o sacramento do batismo somos regenerados como filhos de Deus e configurados a Cristo, e incorporados na Igreja.

b. Acompanha nosso crescimento e a nossa vida passo a passo: transmitindo a Palavra de Deus, e administrando os Sacramentos. A Igreja nos acompanha e nos assiste como mãe, desde o nascimento até a morte.

“Com efeito, pelo Batismo os que nasceram a esta vida mortal, não só renascem da morte do pecado e são feitos membros da Igreja, senão que, assinalados com o caráter espiritual, se tornam capazes de receber os outros dons sagrados. Com a Crisma infunde-se nova força nos fiéis para conservarem e defenderem corajosamente a santa madre Igreja e a fé que dela receberam. Pelo sacramento da Penitência oferece-se aos membros da Igreja caídos em pecado uma medicina salutar, que serve não só a restituir-lhes a saúde, mas a preservar os outros membros do corpo místico do perigo de contágio, e até a dar-lhes estímulo e exemplo de virtude. E não basta. Pela sagrada Eucarístia alimentam-se e fortificam-se os fiéis com um mesmo alimento e se unem entre si e a divina Cabeça de todo o Corpo com um vínculo inefável e divino. Finalmente ao leito dos moribundos acode a Igreja, mãe compassiva, e com o sacramento da Extrema-unção, se nem sempre lhes dá a saúde do corpo, por Deus assim o dispor, dá-lhes às almas feridas a medicina sobrenatural, abre-lhes o céu, onde como novos cidadãos e seus novos protetores gozarão por toda a eternidade da divina bem-aventurança.” (*Pio XII, encíclica Mystici corporis*).

3. Porque é santa

Portanto é amável, deve ser amada porque encerra em si um conjunto de bondade que nos lança a amá-la, conjunto de bondade que fazem com que a Igreja seja santa.

É santa pelo seu fim: a glória de Deus e a salvação dos homens.

É santa pelos meios empregados a este fim: Esses são: os ensinamentos de Cristo, resumidos na revelação do amor de Deus por nós e no duplo mandamento da caridade; os sete sacramentos e todo o culto (a liturgia),

especialmente a Eucaristia; a vida de oração.

“Se é Santa deve produzir santos, e de fato constatamos que muitos membros da Igreja são santos. Muitos possuem ao menos aquela *santidade ordinária* que deriva do estado de graça santificante no qual vivem. Porém, sempre maior se revela o número daqueles que apresentam os sinais da *santidade em grau heróico*”. (*JP. II Aud. Geral. 03/ 07/ 1991*).

II. QUEREMOS DEFENDER A IGREJA

Não devemos ser ingênuos frente àqueles que tentam tirar o crédito e difamar a Igreja.

Dizia Paulo VI depois do Concílio: “Um espírito de crítica corrosiva tornou-se moda em alguns setores da vida católica: há, por exemplo, revistas e jornais que parecem não ter outra função senão relatar informações desagradáveis sobre fatos e pessoas na esfera eclesial; não raramente eles são apresentados de uma maneira unilateral e talvez um pouco alterados e dramatizados para torná-los interessantes e apimentados, e assim acostumar seus leitores não a um julgamento objetivo e sereno, mas a uma desconfiança negativa, a uma desconfiança sistemática, a um preconceito equivocado em relação a pessoas, instituições, atividades eclesial; e, portanto, induzir os leitores e seguidores a uma libertação do respeito e da solidariedade, que todo bom católico, na verdade todo leitor honesto, deve ter em relação à comunidade e à autoridade eclesial. Não a preocupação pela informação exata e completa, não o desejo de correção fraterna onde ela é merecida, mas o gosto pelo sensacionalismo e a complacência da denúncia ou contenda guiam certos publicistas, semeando ansiedade e indiscutibilidade nas almas de tantos bons católicos”. (*Paulo VI, aud. Geral quarta-feira, 18 de Setembro de 1968*).

Devemos ter uma visão de fé que vá além da face terrena da Igreja.

Dizia Paulo VI: “...chegou a hora de amar a Igreja com um coração forte e novo.

A dificuldade a superar é a da miopia espiritual, que deixa de olhar para o aspecto humano, histórico e visível da Igreja, e não vê o mistério da presença de Cristo, que reivindica e esconde do olho profano não iluminado pela fé e pela fé. Da profunda inteligência de sua realidade mística; esse olhar exterior vê a Igreja composta de homens imperfeitos e instituições temporais e limitadas, ao passo que imediatamente gostaria

de ver tudo espiritual, todo perfeito, na verdade todo idealizado de acordo com uma imagem arbitrariamente concebida. A face concreta e terrena da Igreja é um obstáculo ao amor fácil e superficial; a realidade material da Igreja, aquela que aparece no contexto da experiência comum, parece negar a beleza e a santidade que ela contém para o carisma divino. Mas é precisamente nesse ponto que se sente amor. Se o nosso dever é o amor ao próximo, seja qual for a aparência sob a qual ele se apresenta; e se tal amor deve ser tanto mais triste e doloroso quanto parece, devemos lembrar que a Igreja também está próxima, na verdade é nossa vizinha por excelência, composta como é por aqueles “irmãos da fé” (*Gal . 6, 10*), para o qual a preferência do nosso amor operoso é devida; para que os defeitos e os males dos homens da Igreja tornem a caridade daqueles que, na Igreja, querem ser um membro vivo, saudável e paciente, mais forte e mais urgente. Assim fazem os bons filhos, assim os santos”. (*Paulo VI, Aud. Geral quarta-feira, 18 de Setembro de 1968*).

A EXTENSÃO DA ENCARNAÇÃO

Autor: Pe. Emilio Rossi, IVE.

Língua original: português

Roma (Itália) 31 julho 2019

Verbum caro factum est.

“El Verbo se hizo carne”

(Jo 1, 14)

A encarnação do Verbo no seio de Maria nos anuncia a Eucaristia. Este formoso sol das almas, que as vivifica e regenera, levanta-se em Nazaré e chega ao meio dia na Eucaristia, que será o cume do amor de Deus na terra. O grão de trigo divino foi semeado nas castas entranhas de Maria. Germinará e amadurecera e será moído, para com ele fazer o pão eucarístico. Tão unidas vão no plano divino a encarnação com a Eucaristia, que as palavras de São João poderiam se traduzir assim: O Verbo se fez pão: *Verbum caro, Verbum panis*.

Apoiado sobre uns textos de São Pedro Julião Eymard, eu gostaria nesta solenidade nossa, meditar na Encarnação, Maria Santíssima, a Eucaristia e Nós.

Todas as circunstâncias do mistério da encarnação foram gloriosas para Maria; tudo é também glorioso para nós na Comunhão, que nos faz participar da honra e glória da santíssima Virgem.

O prólogo do mistério da encarnação teve lugar entre o anjo e a Virgem santíssima. O anjo anuncia o mistério e pede o consentimento de Maria. Nós, como membros da família do Verbo Encarnado, meditamos bastante sobre este episódio de nossa salvação.

O anjo que nos chama à Comunhão é o sacerdote, é a Igreja mediante seu instrumento o sacerdote. Que mistério para nós! A Igreja é reina e os anjos a servem; é esposa, e por isso não só anuncia ao Verbo sacramentado, mas também o leva e o dá para nós. Diz maravilhosamente São Pedro Julião Eymard: *Maria não acreditou no que lhe dizia o anjo, senão em vista do prodígio que lhe anunciava*. Quanto a nós, podemos acreditar na Igreja, na sua palavra. Ela é nossa mãe e nós somos filhos dela, e ninguém diz à sua mãe: É realmente isto pão? Não me está dando você uma pedra em lugar de pão? A Igreja fala, e nós acreditamos na sua palavra. O anúncio da Comunhão é, pois, glorioso para nós, como foi para Maria o da encarnação.

A Encarnação supôs como condição a virgindade de Maria. Deus não queria mais que uma mãe virgem, e aguardou quatro mil anos para que lhe seja preparado este tabernáculo puríssimo. O Espírito Santo desce, pois, a Maria e preserva sua virgindade, fecundando-a: e então, o mistério se realiza.

Enquanto a nós, Deus nos pede a pureza de coração, essa pureza que é vida da alma. Como não temos virtudes dignas Dele, (como foi o caso de Nossa Senhora em relação á encarnação), quer que tenhamos ao menos profundo respeito e uma humildade sincera. -Senhor, não sou digno de vos receber; antes, afasta-te de mim, pois sou um pobre pecador-. Este sentimento supre quanto nos falta; com isto se contenta nosso Senhor; assim que possuímos isto, o resto já nos dará isso Ele quando vier, na comunhão, como uma encarnação.

Tenhamos somente fé, humildade e confiança, e deixemos o resto por conta de Jesus Cristo.

O anjo, como prova de sua missão, anunciou a Maria o prodígio da fecundidade de Isabel: “Tudo é possível para Deus”, acrescentou. A alma, estéril como Isabel, tornar-se-á também fecunda. Para isso é preciso receber o manjar que comunica a fecundidade. A Eucaristia nos fará produzir em um só dia para a glória de Deus mais que toda a vida sem ela, expressava com muito entusiasmo São Pedro Julião Eymard a os adoradores do santíssimo Sacramento.

Em meio de todas estas magnificências que o anjo desdobra ante seus olhos, Maria não vê mais que sua pequenez, sua própria nada. Eis aí nosso modelo. Pobres criaturas, indignas dos olhares de Deus... Mas já que se digna nos chamar e nos escolher, digamos-lhe com Maria: Fiat, faça-se em mim segundo a vossa palavra.

Algo do mistério que se realiza em Maria na encarnação se verifica também em nós. No momento da Comunhão, a Eucaristia deve ser em realidade uma extensão da encarnação, uma propagação do fogo de seu amor, cujo foco está na santíssima Trindade. Em Maria o Verbo se une com a natureza humana; mediante a Eucaristia se une com todos os homens.

Ouçam o que diz São Pedro Julião Eymard:

Para nos redimir bastava com que o Verbo se unisse numericamente a uma só criatura humana; só queria sofrer e expiar os pecados em seu corpo e alma morrendo em nome de todos entre inexprimíveis torturas. Mas quando esta humanidade foi triturada, resultando manancial de toda justificação, Jesus Cristo a converteu em Sacramento, que oferece a todos, para que todos possam participar dos méritos e da glória do corpo que tomou em Maria. Se entende então que a eucaristia é prolongação da encarnação? E agora só fica recebê-lo.

Com a ousadia que só os santos têm, São Pedro Julião Eymard chega a dizer: *OH maravilha! Ao comungar, recebemos mais do que Maria recebeu na encarnação, pois Maria não levava em seu seio mais que o corpo passível do Verbo, em tanto que nós recebemos o corpo impassível e celestial. Maria levava a varão de dores, enquanto nós possuímos ao Filho de Deus coroado de glória. E ainda lhe recebemos de um modo mais consolador; cada dia que passa, via Maria abreviar o tempo que tinha que levá-lo nas suas castas entranhas, e ao cabo de nove meses teve que separar-se deste divino peso. A nós, pelo contrário, todos os dias se nos renova esta sorte, e até o fim de nossa vida poderemos receber e levar a Verbo sacramentado.*

Finalmente e como último ponto de reflexão podemos dizer que: o Espírito Santo ao formar em Maria a santíssima humanidade do Verbo, dotou a sua augusta esposa dos dons mais preciosos: o Verbo lhe trouxe sua glória e todas as virtudes juntas em grau até então inaudito.

É o que acontece conosco. Cada vez, que esta extensão da encarnação, a comunhão, a sagrada eucaristia vem a nós, nosso Senhor com todas as suas graças e todos seus dons nos enriquece incessantemente sem nunca se cansar; qual outro sol, que cada dia volta a sair com seu belo resplendor. Como se fosse a única ou a última vez.

Verbum caro factum est. O Verbo se fez carne: eis aí a glória de Maria. O Verbo se fez pão eucarístico: eis aqui a nossa glória. Nosso Senhor se entregou uma vez para satisfação de seu amor; volta a dar-se nos sem cessar para saciar seus novos e infinitos ardores. Pouca coisa é para seu coração uma esmola de gratidão. Ele mesmo se faz dom, pão, e a Igreja o distribui para nós. Pôde fazer mais, ir mais longe? Porventura pôde nos aproximar mais de sua mãe, não digo em dignidade ou em virtudes, mas sim na efusão de seu amor. A santíssima Virgem soube agradecer as graças de Deus.

Por uma graça de Deus nós estamos numa proximidade especialíssima em relação ao mistério da encarnação e ao mesmo tempo nosso fundador nos tem ensinado um amor profundo a eucaristia; amemos, por tanto, como ela, também nós, posto que nos cabe uma parte em sua honra.

VER A VIRGEM COMO JESUS E AMÁ-LA

Autor: Pe. Ricardo Clarey, IVE.

Língua original: italiano

Roma (Itália) de 1 agosto de 2019

Como podemos fazer para aprender a amar melhor a Nossa Senhora? O evangelho nos diz que antes que Jesus dissesse a São João -e nele a todos nós – *Eis aí tua Mãe (Jo 19,27)*, o mesmo Senhor fez uma coisa: *Mulher eis aí teu Filho (19,26)*. Repitamos hoje esta ação de Jesus Crucificado: isto é, olhar a Virgem com os olhos de Jesus, para descobrir como o Senhor olhava sua mãe e que coisa provocava nele este olhar profundo.

1. QUE COISA VEEM OS OLHOS DE JESUS EM MARIA?

a. A sua beleza

A beleza da Virgem é evidente. Não é de fato extraordinário pensar que Deus tenha feito com grande delicadeza e perfeição aquele corpo santíssimo no qual devia formar-se o Cordeiro de Deus para o sacrifício, e que devia tornar-se o Templo da Santíssima Trindade. Um corpo no qual não se encontraria traços do pecado original. E esta beleza incomparável foi certamente observada por Seu Filho, enchendo-o de admiração e respeito. Mas o olhar de Jesus não deteve-se diante desta beleza maravilhosa mas penetrou até a alma de sua Mãe, descobrindo uma beleza muito mais profunda e escondida: a beleza magnífica da graça e das virtudes que embelezavam o coração de Maria.

De fato, na anunciação o anjo havia saudado Maria como a *cheia de graça*, como um nome próprio, um sobrenome, algo exclusivo Dela. E esta união estreitíssima com Deus aumentou dia a dia, minuto a minuto, ao longo de sua vida, especialmente nos momentos fundamentais da redenção. Quão deslumbrante não seria esta beleza da alma da Virgem aos olhos de Jesus!

E também as virtudes da sua alma: a *fé*, através da qual acreditava sem nenhuma dúvida em tudo aquilo que Deus tinha revelado; a *esperança*, pela qual confiava alcançar a vida eterna graças à misericórdia e ao poder divino; a *caridade*, pela qual amava a Deus com todo o Seu Coração Imaculado e amava o próximo por Deus, um amor que não foi apagado nem pela ingratidão que a circundava, nem pela traição e covardia dos mais próximos, nem pelo ódio constante dos inimigos. Jesus via também o abismo de sua humildade, a pureza esplendorosa e sua fortaleza firme, junto a todas as outras virtudes.

b. A sua bondade

Muitos foram os testemunhos da bondade desta mulher extraordinária, que viam a sua gentileza, a sua preocupação por socorrer os necessitados, a sua laboriosidade ainda em meio da pobreza. Mas o olhar de Jesus via mais além, e observava claramente a bondade interior de sua Mãe, isto é, a sua disposição constante para fazer o bem, sempre pronta para colocar em prática aquilo que Deus queria Dela, a sua simplicidade e retidão de intenção. Jesus via como Maria queria sempre fazer aquilo que Deus lhe mostrava em sua consciência que deveria fazer, sem dupla intenção, sem interesse escondido, sem pedir razões a Deus.

c. A sua dor

Uma outra realidade sublime que se descobria aos olhos de Jesus na alma de Maria foi o sofrimento que tantas vezes teve que suportar. Algumas dores eram certamente visíveis àqueles que a circundavam: o medo da fuga indo para o Egito e a insegurança de sua condição de estrangeiros, depois da morte de São José, a preocupação pelas intrigas dos fariseus contra Jesus, etc. Mas os olhos de Jesus penetram até as dores mais íntimas e intensas, no fundo da sua alma. Jesus via o Coração de sua Mãe, a solidão na qual se encontrava junto a Cruz, propriamente ela que sempre esteve junto aos necessitados, a tristeza de Maria diante do pecado dos homens, e diante da separação do Filho.

Jesus se lembrava da triste despedida com sua Mãe após a Última Ceia, antes de ir para o Getsêmani. E o angustiante reencontro na via dolorosa, carregando a Cruz. E agora, sofrendo todos os dois lentamente as longas três horas do Calvário...

2. QUE COISA PRODUZ TUDO ISTO EM CRISTO?

Sem dúvidas, Ele penetra com tanta clareza e lucidez na alma de sua Mãe, e a conhece tão profundamente não pode deixar indiferente o Coração do Redentor, não podia permanecer indiferente diante de uma beleza, uma bondade, um sofrimento tão imensos. E, portanto, a primeira reação é aquela de um amor ardente a Sua Mãe: se Ela não reservou-se nada para si e não havia escondido nada a Seu Filho, como poderia Jesus não amá-La intensamente? Junto a isto, uma outra reação no Coração de Jesus foi uma enorme alegria e consolação: Ele vê que os seus esforços e dores na Paixão são vãos em Maria, ao contrário, Ela aproveita cada gota do sangue que cai da Cruz. Ele vê que pode confiar plenamente Nela, que Ela não o decepcionará jamais, que é a única que entende o que está ocorrendo naquele momento. E, portanto, este amor ardente e esta consolação que Lhe faz olhar interiormente a Sua Mãe, resulta um irresistível desejo de recompensá-La por tanta fidelidade e tanto amor desinteressado. E, por isso, o Senhor quer que a preocupação de Maria por Ele e por todos os homens venha retribuída, e Lhe dá o título de Rainha do Céu e Administradora da misericórdia de Deus. E neste desejo de recompensá-la a vontade divina também faz com que Maria seja sempre mais conhecida e amada, como diz o livro dos Provérbios: “Seus filhos se levantam para proclamá-la bem-aventurada e seu marido para elogiá-la”(31,28).

3. TAMBÉM EM NÓS

Do mesmo modo que Jesus nos comunicou tudo aquilo que ouviu do Pai (*Cf. Jo. 15,15*) e nos prometeu o Espírito Santo para ensinar-nos aquelas coisas que agora não podíamos receber, assim quer comunicar-nos o seu olhar penetrante e o seu conhecimento profundo da alma de Maria, e quer que também em nós venham reproduzidos os mesmos sentimentos que brotaram do seu Sagrado Coração quando contemplava a beleza, a bondade, o sofrimento que se esconde na alma Santíssima de Nossa Senhora. Assim, poderemos aprender a amar a Virgem como o mesmo Deus quer que ela seja amada.

Obtenha-nos a mesma Rainha do Céu para a nossa salvação eterna.

Português

SANTA MISSA EM SÃO PEDRO NO VATICANO

Ser um leigo do IVE é ser alguém que ama e serve de verdade à Igreja

Autor: Pe. Gustavo Nieto, IVE.

Língua original: espanhol

Roma (Itália) 2 de agosto de 2019

Hoje estamos aqui reunidos em torno do altar levantado sobre o mesmíssimo lugar que entesoura os restos do Príncipe dos Apóstolos, como membros de uma única Família Religiosa unidos em um mesmo amor a Deus e a sua Igreja.

Amor no qual queremos destacar-nos, manifestando claramente, como nosso testemunho de vida que para nós o amor ao Verbo Encarnado e a sua Igreja identificam-se. Porque cremos firmemente e estamos convencidos que o Corpo Místico de Cristo é o mesmo Jesus Cristo “continuado, difundido e comunicado”¹. Portanto, não falamos de dois amores ou serviços distintos, senão que nosso amor e serviço a Jesus Cristo identificam-se com nosso amor e serviço à Igreja.

E, do mesmo modo que *Cristo amou a Igreja e se entregou por ela*², assim, também nós “queremos amar e servir, e fazer amar e fazer servir a Jesus Cristo... tanto ao Corpo físico de Cristo na Eucaristia, quanto ao Corpo místico de Cristo, que é a Igreja”³.

Pois bem, “a Jesus se ama e se serve na Cruz e crucificados com Ele, e não de outro modo”⁴. O mesmo podemos dizer a respeito da Igreja como Corpo Místico de Cristo: à Igreja se ama e se serve na Cruz e crucificados com ela, e não de outro modo.

¹ *Diretório de Espiritualidade*, 227.

² Ef 5, 25.

³ Cf. *Constituições*, 7.

⁴ Cf. *Diretório de Espiritualidade*, 143.

O qual, têm consequências práticas em nossa vida, como vemos na vida e nos ensinamentos do mesmo Apóstolo São Pedro, e em suas cartas.

Uma vez que Simão, filho de Jonas, depois de sua confissão de Cristo como o *Filho de Deus vivo* escandalizou-se da cruz que implicava o seguimento de Cristo e logo como nosso Senhor lhe diz que vai ter que sofrer muito e ser condenado a morte, Pedro trata de impedi-lo, de afastá-lo da cruz dizendo: *Que Deus não permita isso Senhor! Isso não te acontecerá!*⁵. Ao qual, o Verbo Encarnado responde-lhe chamando-o *Satanás*⁶. Porque sempre será assunto do diabo o fato de afastar-nos da cruz.

Pedro escandalizou-se da cruz. Como tantos cristão hoje em dia que abandonam a Igreja com a desculpa de que “nunca poderão chegar a ser nada com uma cruz às costas”. E como tantos outros que mantêm sua fé de portas fechadas pelo compromisso que exige a amizade com Cristo.

Não obstante, Pedro aprendeu a lição e hoje nós também devemos aprendê-la. Por isso, em uma de suas cartas, adverte-nos belamente: *Resisti-lhe, firmes na fé*⁷, armai-vos também vós da mesma disposição de Cristo para padecer⁸. *Como bons administradores da multiforme graça de Deus, cada um coloque à disposição dos outros o dom que recebeu*⁹. E claramente nos aconselha a não nos envergonhar-nos de ser Cristãos e de padecer algo por Cristo¹⁰; ou seja, que não nos envergonhemos de levar bem no alto nossa cruz.

Por este motivo, a missão dos leigos do Verbo Encarnado não pode reduzir-se ao puro e simples exemplo de honradez, competência e fidelidade ao dever. Tudo isso se supõe. Mas além disso, deve reluzir em vocês “um autêntico testemunho de vida cristã”¹¹, um testemunho audaz e firme de Cristo, primordialmente pela irradiação da fé, da esperança e da caridade¹².

De vocês, a Igreja e o Instituto mesmo esperam “um testemunho *vivo e ardente* de Cristo vivo em sua Igreja, esperam que falem e que obrem *com o exemplo*, que se caracterizem ante os demais pela prática *efetiva* das

5 Mt 16, 22.

6 Mt 16, 23.

7 1Pe 5, 9.

8 Cf. 1Pe 4, 1.

9 1Pe 4, 10.

10 Cf. 1Pe 4, 16.

11 *Directório de Terceira Ordem*, 142.

12 Cf. *Ibidem*.

virtudes cristãs, como homens e mulheres que levam Jesus e Maria no sangue, esperam que esforcem-se para encher de *magnanimidade* cristã sua atividade doméstica, social e profissional”¹³.

Ou seja, ser um leigo do IVE é ser alguém que ama e serve de verdade à Igreja, trabalhando com fervor por sua santificação pessoal, lutando por ser ‘outro Cristo’¹⁴. O qual traduz-se em seguir a Jesus pobre, sem abater-se pela escassez nem ensoberbecer-se com a riqueza; imitando a Cristo humilde sem ambicionar glórias vãs, mas sim em tudo procurar agradecer a Deus antes que aos homens, sempre dispostos a deixar tudo por Cristo; e inclusive até padecer perseguição pela justiça, recordando sempre as palavras do Senhor: *se alguém quer me seguir, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e me siga*¹⁵. Este será sempre o melhor serviço que vocês podem brindar à Igreja. Porque – meus queridos irmãos – as palavras movem, mas os exemplos arrastam¹⁶; assim como experimentou o mesmo São Pedro e morreu crucificado com a cabeça para baixo neste preciso lugar.

É certo que estes não são tempos fáceis para viver e praticar nossa fé. Não é fácil aos pais de família educar aos filhos de maneira cristã, em um mundo que busca erradicar a Deus. Não é fácil para os jovens viverem castos em um mundo que prega uma vida sexual sem responsabilidade. Não é fácil para os profissionais que lutam pela primazia de Cristo na sociedade quando seus colegas pensam que a fraude é parte do negócio, e a cobiça o motor da sociedade. Ainda assim, o próprio de nossos leigos é dar testemunho de Cristo em todas as circunstâncias e situações. Testemunho que deve estar livre de todo temor. Não deve surpreender-se *no fogo da provação, como se vos acontecesse alguma coisa extraordinária*¹⁷, adverte-nos o Apóstolo Pedro em sua primeira carta.

Porque, notem que “uma das observações mais interessantes feitas por Nosso Senhor com respeito ao seu Corpo Místico foi a de que seria odiado pelo mundo, como Ele mesmo o foi. O mundo ama as coisas do mundo, mas odeia o que é divino... *como porém, não sois do mundo, mas do mundo vos escolhi, por isso o mundo vos odeia*¹⁸”¹⁹.

13 Cf. *Ibidem*.

14 Cf. *Diretório de Terceira Ordem*, 8.

15 Mt 16,24.

16 Cf. *Diretório de Terceira Ordem*,

17 1Pe 4, 12.

18 Jo 15, 9.

19 Cf. VEN. ARZ. FULTON SHEEN, *The Rock Plunged Into Eternity*, Cap. 3, Mensagem radiofônica pronunciada em 15 de Janeiro de 1950. (Traduzido do inglês)

Mas, nisso mesmo, diz o Príncipe dos Apóstolos, devemos alegrar-nos: *alegrai-vos em ser participantes dos sofrimentos de Cristo, para que vos possais alegrar e exultar no dia em que for manifestada a sua glória. Se fordes ultrajados pelo nome de Cristo, bem-aventurados sois vós, porque o Espírito da glória, o Espírito de Deus repousa sobre vós*²⁰. Notem que o apóstolo menciona sofrimentos, ultrajes... tudo isto é parte do programa.

Por isso hoje, volta a dizer-nos São Pedro, com todo o poder da verdade divina que subsiste em sua palavra: *E quem vos há de fazer mal, se sois zelosos do bem? Mas se sofreis por causa da justiça, bem-aventurados sois! Não tendes medo nenhum deles, nem fiquéis conturbados; antes, santificai a Cristo, o Senhor, em vossos corações, estando sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede; fizeti-o, porém, com mansidão e respeito, conservando a vossa boa consciência, para que, se em alguma coisa sois difamados, sejam confundidos aqueles que ultrajam o vosso bom comportamento em Cristo, pois será melhor que sofraís — se esta é a vontade de Deus — por praticardes o bem do que praticando o mal*²¹.

Fomos gerados por uma herança que não pode corromper-se, nem manchar-se, nem murchar, e que está reservada para nós nos céus²². Por isso, com o olhar fixo em Cristo devemos lançar-nos à épica missão de transformar o mundo para Cristo.

* * * *

Caríssimos: “A lei do Corpo é a lei da Cabeça: Crucifixão e Túmulo Vazio. [...] Agora, o cristianismo está sofrendo um ataque. Mas, isso significa que *estes são dias maravilhosos para estar vivo*. É fácil boiar corrente abaixo, os cadáveres boiam rio abaixo. Mas, é necessário corpos vivos para resistir a corrente. [...] A vida católica verdadeira não está feita de atos rotineiros de piedade, senão por uma crise que nos apresenta uma grande eleição[...] *é por isso que estes dias são esplêndidos para viver*. Podemos tomar decisões que terão uma repercussão na eternidade”²³.

Encomendamo-nos a Maria, Mãe da Igreja, e as orações do Apóstolo São Pedro, sobre cuja tumba celebramos esta Santa Missa.

20 1 Pe. 4, 13-14.

21 1 Pe. 3, 13-17.

22 Cf. 1 Pe. 1, 4.

23 Cf. VEN. ARZ. FULTON SHEEN, *Those Mysterious Priests*, cap. 10. (Traduzido do inglês)

SANTA MISSA CONCLUSIVA

*O que será a Igreja no futuro depende
se sua livre colaboração com a graça de Deus*

Autor: Pe. Gustavo Nieto, IVE.

Língua original: espanhol

Roma (Itália) de 3 agosto de 2019

Mt 13, 54-58

[Exordio] Ao chegar ao fim destes dias de graça que significou esta primeira reunião internacional dos membros da Terceira Ordem e amigos do Instituto, queremos oferecer esta Santa Missa em ação de graças ao Verbo Encarnado que se tem comprazido em enriquecer a nossa Família Religiosa com cada um de vocês. Todos, tanto vocês como também nós, embora vindos de países e culturas tão diversas, estamos indissoluvelmente unidos como “uma única Família, unidos pela mesma fé, os mesmos fins, a mesma missão, o mesmo carisma e o mesmo espírito”¹. E nisso mesmo se encontra a grande responsabilidade de trabalhar energeticamente na missão belíssima de evangelizar a cultura que Deus bondosamente nos encomendou. *Estamos juntos nisto!*

Portanto, é de uma importância capital viver em profundidade o ‘espírito de família’, a união espiritual e pastoral entre todos nós, a fim de que juntos colaborem na grande empresa da evangelização; como sei que já acontece em tantas de nossas missões no mundo. E, por isso mesmo, quero pessoalmente agradecer-lhes. Saibam que o fato de vocês e tantos outros que não puderam vir, formarem parte de nossa Família Religiosa, é uma benção para nós, e, para dizer a verdade, uma honra.

¹ *Diretório de Terceira Ordem, 5.*

Mas, além desta ajuda tão valiosa, é necessário que vocês tenham uma adesão amorosa e marcadamente fiel ao carisma e fim próprio de nosso Instituto². A pertença ao Instituto como Terciários e amigos implica também estas coisas que nós chamamos de elementos inegociáveis adjuntos ao carisma, e que são como as insígnias que devem resplandecer na vida e nas obras de todos aqueles que querem identificar-se conosco, onde quer que se encontrem.

Porque, ao dizer inegociáveis queremos dizer que são essencialmente integrais ao nosso carisma, a nossa espiritualidade, a nossa razão de ser. De tal modo que se prescindíssemos deles, estaríamos renunciando a missão que nos foi encomendada, deformando nossa identidade e, muito provavelmente, submetendo-nos ao *espírito do mundo*³, traindo com isso a amizade preciosa à qual Cristo nos chamou.

Por outro lado, se estes elementos são potencializados em sua justa medida vão seguir sendo fonte de grande fecundidade sobrenatural para nossa Família Religiosa. Porque dão a nossa missão na Igreja uma ingerência, uma força e uma efetividade incalculável.

a. O primeiro deles “é a marcada devoção eucarística”⁴, como já o experimentaram todos vocês em seus respectivos lugares. A Eucaristia, onde Cristo está real e sacramentalmente presente, deve ser sempre o centro de nossa vida espiritual e apostólica. Cada um de vocês devem ser adoradores de Cristo na Eucaristia e promotores da adoração eucarística, da Santa Missa. Pois precisamente nosso obrar deve dirigir-se a atrair às almas a Ele.

Mas, não somente isso, senão que todos nossos leigos devem esforçar-se por participar cada vez mais perfeitamente da Missa, isto é: mais plenamente, mais ativamente, mais conscientemente. Deve ser uma participação piedosa, que eleve a alma à Deus; deve ser com toda a alma, com todo nosso ser⁵.

b. Outro elemento característico é que a nossa é uma espiritualidade séria (não sensível), como se vê, por exemplo, no fato de que praticamos os Exercícios Espirituais de Santo Inácio⁶.

² Cf. *Diretório de Terceira Ordem*, 290.

³ Cf. 1 Cor 2,12.

⁴ *Notas do V Capítulo geral*, 14.

⁵ Cf. PE. CARLOS BUELA, IVE, *Ars Participandi*, Cap. 2.

⁶ *Notas do V Capítulo geral*, 5.

A Igreja recomenda muitíssimo a prática destes exercícios a todos os cristãos para ordenar a própria vida segundo Deus: tornem-se apóstolos dos exercícios espirituais! Convidando outros a fazê-lo, colaborando da como puderem e, suas obrigações lhes permitam, com estes exercícios, rezem por seus frutos.

Mas também, essa espiritualidade séria manifesta-se no fato que nós nos formamos segundo a doutrina dos grandes mestres da vida espiritual, não em espiritualidades vazias, atrativas só porque estão na moda. Por isso, convém, e muito, aproveitar o formar-se bem e saber que não há melhor escola que a escola da Cruz.

c. O terceiro elemento inegociável adjunto ao carisma é a visão providencial que devemos ter sobre toda a vida. Que não é outra coisa que viver segundo o axioma de São Paulo: *todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus*⁷. É saber dizer como São Pedro Julião Eymard (e estar convencidos disto): “Deus me ama e dispõe todos meus caminhos segundo sua bondade... o mesmo quando se trata de alegria como de tristeza, de consolos como desolações, de feliz êxito como de fracasso em uma empresa, de saúde como doença. E como é a Divina Providência quem conduz minha nave, meu dever é o de *confiar-me* ao Divino Capitão que me conduzirá de maneira segura ao porto da Pátria Celeste”⁸. E, com essa mesma visão providencial, saber reconhecer e aceitar os desígnios misericordiosos de Deus sobre cada um de nós e sobre nossa querida família.

d. Os dois elementos que seguem fazem referência à formação que desejamos para vocês e que deve distingui-los das demais pessoas: o primeiro deles é “a docilidade ao Magistério vivo da Igreja”⁹ de todos os tempos. Paternalmente o *Diretório da Ordem Terceira* recorda-lhes que vocês têm “a responsabilidade de confessar a fé católica acolhendo e proclamando a verdade sobre Cristo, sobre a Igreja e sobre o homem, na obediência ao Magistério da Igreja, que a interpreta autenticamente... e de dar testemunho de uma comunhão firme e convicta em filial relação com o Papa, centro perpétuo e visível de unidade da Igreja universal”¹⁰.

7 Rom 8,28.

8 Cf. *Obras Completas*, IV Serie, Exercícios Espirituais ante Jesus Sacramentado, quarto dia.

9 *Notas do V Capítulo geral*, 5.

10 *Diretório de Terceira Ordem*, 70.

e. Outro elemento é a importância central que tem Santo Tomás de Aquino em nossa formação e neste ponto, os melhores tomistas, como o Pe. Cornélio Fabro: “Porque o bem da pessoa consiste em *estar* na verdade e *realizar* a verdade”¹¹. Longe de nossos leigos a superficialidade, a vã curiosidade, o enciclopedismo, a erudição vã que busca a extensão, mas não a profundidade¹². Vocês devem ser homens e mulheres que saibam estar à altura dos acontecimentos, que saibam julgar as realidades temporais segundo as verdades sobrenaturais. É fácil boiar rio abaixo, só os que estão bem ancorados na verdade e na sã doutrina podem resistir à corrente.

Neste sentido, têm que apontar a formar a consciência, pura, sem falsidades e sem justificações. E a ser-lhe fiel, já que por ela se manifesta a voz de Deus, atuando sempre com retidão de intenção, sem hipocrisias nem ambiguidades.

f. Com respeito ao apostolado, as insígnias que devem reluzir na alma e no obrar de nossos leigos são várias. Uma delas é o que nós chamamos “morder a realidade”: que não é outra coisa que o afrontar a realidade com uma visão sobrenatural para transformá-la segundo o espírito do Verbo Encarnado e segundo o modo da Encarnação, isto é: assumindo as culturas que devem ser evangelizadas¹³. Notem que nós encaramos a evangelização sem diluir a fé no racional, sem converter o sacro em profano, sem cair em espiritualidades insubstanciais. O que perseguimos é que o Evangelho informe as culturas dos homens¹⁴. Para o qual é imperativo “uma renovação da vida sob a influência da graça”¹⁵. Não como fazem outros “ao abraçar-se com a cultura atual renunciando a impregná-la do Evangelho”¹⁶.

g. Outro elemento que faz a pastoral é: a criatividade apostólica e missionária¹⁷. Vejam: “O zelo [apostólico] nasce do amor” ... É impossível que alguém ame a Deus sem sentir arder-lhe o fogo do apostolado. Um amor a Deus que permaneça indiferente às inquietudes apostólicas é completamente falso e ilusório¹⁸. E a caridade é criativa, é difusiva de si e não desperdiça

11 *Diretório de Terceira Ordem*, 192; *op. cit.* SÃO JOÃO PAULO II, *Discurso aos participantes do Congresso Internacional de Teologia Moral* (10/04/1986), 1: *Insegnamenti IX*,1 (1986), 970.

12 Cf. *Diretório de Terceira Ordem*, 246.

13 Cf. *Diretório de Vida Consagrada*, 339.

14 Cf. *Diretório de Espiritualidade*, 29.

15 *Diretório de Vida Consagrada*, 339.

16 Cf. *Diretório de Espiritualidade*, 29.

17 *Notas do V Capítulo geral*, 5.

18 Cf. *Diretório de Terceira Ordem*, 132.

ocasião nem economiza esforços para fazer o bem. Por isso eu quero convidar a todos pessoalmente a envolverem-se intensamente, criativamente na aventura missionária. Que ninguém volte a sua casa sem estar disposto a fazer algo a mais pela missão.

h. Outro elemento que nos caracteriza é a eleição de postos de vanguarda na missão. Já que à imitação do Verbo Encarnado, urge-nos trabalhar nos lugares mais difíceis (aqueles onde ninguém quer ir)¹⁹. Por isso, é muito importante o apoio com a oração aos nossos missionários e a ajuda concreta sempre que possível. Alguns estão em zonas de guerra, outros onde a igreja é muito perseguida... quão importante é rezar por eles como membros que somos todos da mesma família.

Ainda mais: eu quero desafiar especialmente aos jovens das Vozes do Verbo aqui presentes, a “que por sua voz fale o mesmo Verbo de Deus, que sejam o som vivo da Igreja nos lugares mais difíceis e recônditos”²⁰ e a que considerem seriamente o empenhar-se voluntaria e livremente a seguir com maior liberdade e mais de perto a Cristo pelos caminhos da missão. Quão grande seria a ajuda de um par de mãos a mais em tantas de nossas missões.

Quantos dos 10 lares que possui o Instituto se beneficiariam de jovens generosos que se inclinam a mostrar a verdadeira compaixão de Cristo com o irmão que sofre no corpo ou na alma! “As obras de misericórdia, sobre tudo com descapitados” fazem parte de um dos grandes campos de apostolado onde a ajuda dos membros da Terceira Ordem tem sido fundamental e continua sendo muito necessária. Por isso, quero agradecer-lhes publicamente e de coração a todos quantos com grande esquecimento de si nos ajudam, assistem e proveem neste apostolado, que para nós é tão importante.

i. Há também outro elemento que de alguma maneira, encontra-se presente em tudo o que dissemos anteriormente e é o espírito de alegria que deve reinar em nós: A alegria é algo que tem caracterizado nosso modo de viver desde os inícios e é o que talvez tenha atraído a tantos de vocês. Do mesmo modo, cada um dos terciários do IVE deve ser um instrumento que transmita alegria aos demais.

19 *Diretório de Espiritualidade*, 86.

20 *Diretório de Terceira Ordem*, 169.

E, muito especialmente “os pais de família da Terceira Ordem devem ter uma fundamentalíssima preocupação de que seus filhos vivam e cresçam em um ambiente autenticamente cristão, onde floresça a alegria e a sã diversão”²¹.

j. Finalmente, e como não poderia ser de outra maneira nós somos marianos. “A devoção à Virgem é algo próprio do carisma, não só pelo quarto voto, mas também pela presença da Virgem em todas as nossas atividades, desde a consagração que renovamos em cada Missa até a finalização de todas nossas festas com um canto à Virgem”²². Não é possível ser do Verbo Encarnado e não amar a Maria. Quão satisfeito estaria o mesmo Cristo se ao voltar a seus países preparassem-se para consagrar-se à Virgem, se continuassem rezando o Terço todos os dias, se se tornassem promotores da Consagração a Jesus por Maria.

[Peroratio] Queridos todos, esta é minha mensagem final, e lhes peço que o que levem com vocês e que o compartilhem em suas casas com sua família, na escola, e no trabalho com seus amigos: Deus tem um plano para a Igreja, mas necessita de vocês para levá-lo a realização. O que será a Igreja no futuro depende de sua livre colaboração com a graça de Deus. Saibam que o Verbo Encarnado conta com vocês para plantar o estandarte de sua cruz ao longo da extensão deste mundo. Por isso, como dizia São Pedro: *cresei na graça e no conhecimento de nosso Senhor*²³.

Não tenham medo quando o amor possa ser exigente, quando o amor a Cristo pedir sacrifício. A Cruz é a árvore da vida e a única fonte de verdadeira alegria e de paz.

Que a Mãe do Verbo Encarnado, que também é nossa Mãe, modelo de entrega ao Senhor e a sua missão, os acompanhe, lhes faça doce toda cruz e lhes conceda em qualquer circunstância da vida, essa alegria e paz inalteráveis que só Deus pode dar. Que a Virgem os abençoe e os proteja sempre, a vocês e as suas famílias. Muito obrigado por tudo!

²¹ *Diretório de Terceira Ordem*, 240.

²² *Notas do V Capitulo geral*, 5.

²³ 2Pe 3, 18.



*Et Verbum caro factum est,
et habitavit in nobis.*

